



BestUniom.Net

BY NB5



JOHN BUNYAN

A PEREGRINA

*Viagem de Cristiana e seus filhos à
Cidade Celestial sob a figura de um sonho*

COM ILUSTRAÇÕES
DE HAROLD COPPING

SEGUNDA PARTE DE "O PEREGRINO"

*Tradução do espanhol realizada por Daniela Raffo,
Terminada em quarta-feira, 2 de janeiro de 2008, 18:51:42.*



EVANGELISTA INDICA O CAMINHO

Vês ao longe o resplendor da luz?

PRÓLOGO

DA

SEGUNDA PARTE DE "O PEREGRINO"

Vai, meu livro, onde queira que tenha
Meu primeiro Peregrino penetrado;
Chama a todas as portas; se perguntam
Quem é? Diz que é Cristiana, sem reparo.
Entra, se te permitem, com teus filhos,
E diz quem são, de onde vieram.
Talvez já pelos nomes ou pelos rostos
Os tenham conhecido; ainda se porém
Não sabem quem são, pergunta então
Se passou em suas casas um Cristiano.
Se te respondem que sim, que com prazer
O viram rumo à glória caminhar,
Saibam agora que sua esposa e filhos
Buscam o céu pelo mesmo andar.

Diz que, por se fazerem peregrinos,
Cidade e lar com decisão deixaram;
Que provaram amarguras, privações;
Que sofreram suas provas e trabalhos;
Que tiveram lutas com demônios
E venceram difíceis obstáculos.
Fala de aqueles outros, que o caminho
Com valor e fidelidade completaram,
Porque buscavam, desprezando o mundo,
A vontade de Deus executarem.

Fala também das coisas agradáveis
Com que são seus desgostos compensados,
E saibam que os tem o Rei do céu
Sob seu amor e paternal amparo.
Quão formosas mansões Ihes prepara,
Enquanto com ventos e ondas vão lutando;
Quão doce calma gozarão por sempre,
Pois foram fiéis até o fim, perseverando.

Talvez, oh, Livro meu, te recebam
Como ao primeiro, com afetuoso abraço,
E gozosos te dêem as boas-vindas,
Seu amor aos viajantes demonstrando.

OBJEÇÃO I

E se não acreditassem que sou teu?
E se pensam talvez que é um engano?
É possível que um livro se apresente
Qual Peregrino, sua aparência usando,
E pelo nome e o disfarce consiga
Entrar nas casas de alguns incautos.

RESPOSTA

Falsificar meu Peregrino, é verdade,
Faz já algum tempo, o pretenderam vários,

Com meu nome e meu título em seus livros;
Mas estes, pelo estilo e pelos rasgos,
Pronto fizeram saber que não são meus,
Mas de autores que usam nomes falsos.

Se achas quem isto objete, teu recurso
É dizer o que dizes, pois é claro
Que agora ninguém usa tua linguagem,
Nem tampouco facilmente poderá imitá-la.

Sem, contudo, persistem na dúvida,
Acreditando que marcham como ciganos,
Para enganar e corromper a muitos
Por todas partes aonde vão passando,
Chamai-me sem demora, eu testemunho,
Que são meus Peregrinos sem engano.

OBJEÇÃO II

E se talvez pergunto aos que querem
Ver meu Peregrino condenado,
Ou quando ouvir minha pergunta enfurecem
Os da casa em cuja porta eu chamo?

RESPOSTA

Não temas, Livro meu, esses fantasmas;
Nada são, não te dêem temores vãos.
Terra e mares atravessou meu Peregrino,
E não soube que fosse rejeitado
Em reino algum, fosse pobre ou rico,
Nem em desprezo as portas lhe fecharam.

Na França e em Flandes, onde estão em guerra,
Entrou como um amigo e um irmão.

Na Holanda também, segundo falam,
É por muitos mais que o ouro apreciado.

Serranos e irlandeses conveniaram
Recebê-lo com sincero aplauso.

Na América foi tão acolhido
E olham para ele com tanto agrado,
Que o encadernam, o pintam, o embelezam,
Para aumentar seu conhecido encanto.
Em fim, que por qualquer lugar que se apresente
Milhares falam e cantam o louvando.

Se é em sua pátria, não sofreu meu Livro
Vergonha nem temor em nenhum lado.
Bem-vindo!, lhe dizem, e o lêem
Na cidade o mesmo que no campo.
Não podem reprimir um bel sorriso
Os que o vêem vender ou ser levado.
Os jovens o abraçam e o estimam
Mais que outras obras de maior tamanho,
E dizem dele, com gozo: Vale mais
A pata de minha cotovia que um falcão.

As senhoritas e as damas, todas,
Lhe mostram por igual sua boa-vontade,

E ocupa sempre preferencial espaço
Em bolsos, corações e em armários;
Porque às suas almas leva seus enigmas
Com tal proveito, em benéficos parágrafos,
Que compensa grandemente a dor de lê-lo,
E mais que o ouro sabem apreciá-lo.

Até os pequenos que andam pela rua,
Ao se encontrarem meu Peregrino ao passo,
O saúdam e alegres cumprimentam,
Dizendo que é o moço mais simpático.

Também o admiram os que não o viram,
Porque souberam de seus feitos algo,
E desejam tê-lo, para que lhes faça
De seus curiosos sucessos o relato.

Os que não o estimavam num princípio,
Acusando-o de simples ou insensato,
Por conhecê-lo já, o recomendam,
E aos seus o enviam de presente.

Assim, não temas, minha Segunda Parte;
Alça tua testa, ninguém te fará dano;
Os que têm amor para a Primeira
Te acolherão com gozo e entusiasmo,
Pelas coisas que dás, úteis e boas,
A pobres, ricos, jovens e anciãos.

OBJEÇÃO III

Mas alguns dirão: Ri tão forte,
Envolve a cabeça em muita névoa,
E são suas narrações tão obscuras,
Que não sabemos como interpretá-lo.

RESPOSTA

Posso pensar que risos e clamores
Advirtam-se em seus olhos quando olhá-los.
Coisas que, talvez, provocam riso,
Um agudo tormento vão ocultando.
Jacó, vendo Raquel com suas ovelhas,
Beijou-a, e à vez vertia o pranto.

Dizem que há uma nuvem em sua cabeça:
A ciência assim se cobre com seu manto,
E estimula à mente a que descubra
O que se pode achar, pesquisando-o.
O que parece envolto em frase escura,
Move a inteligência do cristão,
Para que estude e tome o conteúdo
Do que encerram confusos parágrafos.

Eu sei também que tais obscuros
Não serão compreendidos sem trabalho,
Mas na alma ficarão impressos
Mais facilmente que se fossem claros.

Assim pois, Livro meu, vai adiante,
Não percas nem decaia teu bom ânimo;
Não acharás inimigos, mas amigos,

Que aos viajantes abrirão os braços.

O que meu Peregrino deixa oculto
Tu vas, oh Peregrina, a revelá-lo.
Doce Cristiana, tu abrirás com chave
O que deixou em encerro meu Cristiano.

OBJEÇÃO IV

Porém alguns desprezam, como ao pó,
O método que tu vens empregando.
Se me encontro esses tais, o que eu digo?
Devo, como desprezam, desprezá-los?

RESPOSTA

Cristiana minha, se aos tais tu achas,
Vas demonstra-lhes o amor mais santo;
Não pagues desprezo com desprezo,
Dai-lhes sorrisos por seu olhar irado.
Talvez sua condição seja informe errado,
E a agir assim comigo o incitaram.

Pessoas assim acharás em todas partes
Que têm, em verdade, gostos bem raros;
Nem seus próprios parentes os estimam,
E menosprezam os melhores pratos.
Deixa-os, minha Cristiana, ao seu arbítrio;
Outros se alegrarão de te ter achado.
Não contendas jamais; humildemente
De peregrina mostrarás os hábitos.

Vai pois, Livrinho meu, mostra para todos
Os que te estendam carinhosa mão
As boas coisas, ocultas para os outros;
E tomara tuas verdades possam tanto
Que façam de teus leitores, peregrinos,
Melhores que tu e eu, como desejamos.

Vai dizê-lhes aos homens quem tu és.
Dize-lhes: Eu sou Cristiana, e agora trato
De mostrar, com meus filhos, como se anda
No caminho do céu, sem desmaio.

Vai dizê-lhes também que são e quem
Os que contigo vão peregrinando.
Diz: Misericórdia é esta amiga
De quem faz tempo eu me acompanho.
Vendo seu rosto distinguir poderão
A diferença entre viajante e vago.
Aprendam, assim, as jovens nela
A estimar as riquezas lá do alto.
As donzelas que vão após de Cristo,
Mundanos amores desprezando,
Ele as defenderá como às crianças
E no Templo com vivas o aclamaram.

Fala depois de Integridade, o velho,
Fiel peregrino de cabelos brancos;
Diz que sua cruz levava em pós de Cristo,
E era homem simples de elevado grau.
Talvez com este exemplo se estimulem

Para seguir a Jesus outros anciãos.

Narra como Receoso caminhava,
Os dias em que andava solitário
Com temores, suspiros e lamentos,
E no fim ganhou a coroa dos salvos.
Era bom homem, mas abatido sempre,
E aos céus chegou perseverando.

Fala de Fraca-Mente e como andava,
Nunca adiante, sempre retrasado;
E como quase morre, se não chegasse
Logo Bom Coração para resgatá-lo.
Era fiel, embora fraco fosse ele na graça,
Porém levava em sua face o selo santo.

De Prestes-A-Coxear conta sua história.
Este, com suas muletas, não era mau.
Apenas se encontrou com Fraca-Mente,
Ficaram bem de acordo e se estimaram.
Às vezes um canta e o outro, dança,
E os dois se complementam, ainda fracos.

Não esqueças as façanhas de Valoroso,
Dignas de admiração por ser tão moço;
Descreve sua bravura, sua destreza,
Ninguém teve a coragem de desafiá-lo.
Ele e Bom Coração deram morte
A Desesperação, assim lutando,
E, vencido o gigante, em seguida,
O Forte da Dúvida derrubaram.

Não deixem de falar de Desalento;
Coloca a Grande-Temor em teu relato,
Para mostrar que sem razão temiam,
Pois não estavam de Deus abandonados.
Com marcha lenta mas firme andaram
Até o fim, e o Senhor lhe deu seu abraço.
Ao acabar tua história, Livro meu,
Pulsa as cordas que produzem sons tão gratos
Que fazem dançar o coxo, e ao gigante
Fazem tremer com pavoroso espanto.

Os enigmas ocultos em seu seio
Propô-los, e fiquem explicados,
E o resto de tuas linhas misteriosas
Deixa para quem possa penetrá-las.

E tomara que este Livro para muitos
Seja uma bênção, possam aproveitá-lo;
Que o comprador depois não se lamente
De que foi seu dinheiro, mal empregado.
Sim, Livro meu, desejo ver teu fruto,
Qual bom amigo de viajantes santos,
E faças voltar ao celestial caminho
Os pobres que vão andando extraviados.

JOHN BUNYAN

CAPÍTULO 1

O autor, em seu segundo sonho, encontra-se com o ancião Sagacidade; começa ele seu relato. Cristiana, depois da morte de seu esposo, se arrepende, e recebe uma mensagem divina que a chama à vida de peregrinação.

Agradável me foi, amados leitores, relatar-vos, tempo atrás, o sonho que tive do peregrino Cristiano e de sua arriscada viagem à Cidade Celestial, e não duvido que o meu relato os tenha sido de proveito. Nele contei o que tinham presenciado, e fiz notar o pouco dispostos que estavam a esposa e filhos de Cristiano para acompanhá-lo, chegando a tal ponto a sua repugnância que aquele viu-se obrigado a empreender sozinho a sua viagem, antes de enfrentar o perigo que o ameaçava se permanecesse mais tempo com eles na cidade de Destruição.

Desde então, as minhas numerosas ocupações impediram-me passar novamente pelo povo nativo de nosso peregrino, de modo que não pude me informar do que tinha acontecido com a sua família; porém, obrigando-me recentemente os meus negócios a passar por perto, me dirigi mais uma vez ao mesmo povoado e, ao repousar num bosque, que distava pouco da referida cidade, tive o seguinte sonho:

Vi que um ancião passava por onde estava eu recostado e, já que levávamos o mesmo caminho, me levantei para acompanhá-lo. enquanto caminhávamos, dialogamos, segundo o costume que têm os viajantes, sendo a nossa conversação sobre Cristiano e sua viagem.

—Cavalheiro— perguntei—, que povo é aquele que se encontra ali embaixo, à esquerda?

SAGACIDADE (assim se chamava)— Aquela é a cidade da destruição. É muito populosa, mas os habitantes são sumamente preguiçosos e corruptos.

—Já me parecia— disse eu—; uma vez passei por ali, e sei que lhe cabe perfeitamente o caráter que você lhe dá.

SAGACIDADE— Demasiadamente. Tomara que, sem mentir, pudesse falar melhor daquela gente!

— Vejo que você é pessoa de critério sadio e amante do que é bom. Talvez você tenha ouvido falar do que aconteceu, algum tempo atrás, naquela cidade, a um tal de Cristiano, que empreendeu uma peregrinação para as regiões celestiais?

SAGACIDADE— Ouvir falar dele! É claro que sim, e também dos incômodos, penas, lutas e cativeiros que sofreu no decorrer da viagem. Além disso, devo adverti-lhe que sua boa fama tem se divulgado por toda a comarca. Poucas pessoas há que, tendo ouvido falar dele e de seus feitos, não tenha procurado o relato de sua peregrinação, e me consta que as notícias de sua perigosa viagem atraíram a outros muitos pelo mesmo caminho; porque se bem, quando ele ainda estava aqui, todos o reputavam por louco, agora que se foi, todo o mundo fala bem dele. Dizem que ali onde está agora, está muito melhor; e, de fato, muitos que não têm o valor necessário para correr os mesmos riscos, ambicionam o bem-estar por ele conquistado.

—Não devemos duvidar de sua felicidade, pois agora mora perto da Fonte da Vida, e o trabalho e a dor já se passaram. Mas, me diga, o que falam dele?

SAGACIDADE— Falam dele de forma estranha. Uns dizem que agora veste roupas brancas, com corrente de ouro em volta do pescoço, e cinge sua cabeça uma diadema de ouro engastada em pérolas. Outros, que os Resplandecentes, que lhe apareceram durante sua viagem, são agora seus companheiros, e que ali onde habita tem tanta intimidade com eles como a que aqui existe entre vizinhos. Além disso, se têm certeza que o Rei daquele país lhe tem proporcionado já uma residência rica e mais que amena em sua corte; que todos os dias come e bebe, anda e fala com ele, e que o Juiz de todos lhe pródiga sorrisos e favores. Por outra parte, alguns afirmam que seu Rei e Senhor visitará em breve estas regiões, e saberá por que os vizinhos de Cristiano o tiveram em tão pouco e tanto o escarneceram quando tomou a resolução de ser peregrino. Porque, segundo dizem, Cristiano é agora tão amado de seu Soberano, e ele se ocupa tanto das afrontas de que foi objeto, que as considera como inferidas a ele mesmo; e não é estranho, por quanto o amor que sentia pelo seu Príncipe foi o que o induziu a tão penosa viagem.

—Pois me alegre. O pobre repousa de suas fadigas, e agora colhe com regozijo o que semeou com lágrimas; já está fora do alcance de seus inimigos. Alegre-me também de que o rumor destes acontecimentos tenha chegado a esta comarca. Quem sabe se isso influirá no bem de todos os que ficaram! E o que se sabe de sua esposa e filhos? Os

compadeço de verdade.

SAGACIDADE— Como! Cristiana e seus filhos? Estes, segundo todas as probabilidades, alcançarão a mesma sorte que ele; pois ainda que num princípio agiram tolamente, e não se deixaram persuadir nem pelas lágrimas nem pelas súplicas de Cristiano, posteriores reflexões acerca daquele assunto operaram maravilhas neles; assim sendo, efetuados os devidos preparativos, empreenderam a mesma carreira.

—Melhor que melhor!— exclamei—, mas, você está seguro que todos eles tomaram essa determinação?

SAGACIDADE— Pode acreditar em mim; e para maior certeza, eu me encontrava precisamente no povo quando eles partiram, motivo pelo que estou à par de tudo, e enquanto caminhamos lhe contarei todos os incidentes daquele acontecimento. Cristiana (tal seu nome desde o dia em que ela e seus filhos principiaram a vida de peregrinação), uma vez que seu marido atravessou o rio, e já não recebeu mais notícias dele, viu-se assaltada por lúgubres pensamentos, e em sua dor vertia abundantes lágrimas, pois com a partida de seu marido viu rompido o vínculo amoroso que os unia; porque, como pode alguém deixar de sentir ver-se separado dos seres queridos? Mas não foi esta a única causa da dor. Também começou Cristiana a se perguntar se seu marido na teria sido tirado dela como castigo pela conduta não decorosa que tinha observado com ele. Entregue de cheio a um fervedouro de pensamentos, viram a sua memória as asperezas que tinham caracterizado a sua conduta, o mal que tinha correspondido ao carinho de aquele que nunca deixara de ser seu fiel amigo. Abrumado já seu coração por tão tristes lembranças, seu quebrantamento subiu do pronto ao se lembrar das amargas lágrimas e os lamentos e gemidos de seu inconsolável esposo, quando ela se obstinou em não acompanhá-lo. não podia esquecer as palavras e feitos de Cristiano enquanto gemia sob o peso de sua carga, e isso, voltando-se contra seu coração, o desgarrava por completo. Sobre tudo, vibrava em seus ouvidos com lastimosos acentos aquele doloroso grito que costumava lançar: "O que devo fazer para ser salvo?"

Não podendo reprimir mais a angústia que a embargava, participou os seus filhos, dizendo:— Filhos meus, estamos perdidos. Como consequência de meu pecado, nos vemos separados de vosso pai. Suplicou-me que o acompanhássemos, mas eu não quis ir, e assim impedi que vocês alcançassem a vida eterna.

Quando isto ouviram, os rapazes começaram a chorar, manifestando desejos de ir após seu pai.

—Oxalá!— exclamou Cristiana— tivéssemos a felicidade de acompanhá-lo! melhor sorte teríamos que a que agora, segundo parece, nos caberá; pois, ainda que antes loucamente me figurava que os tormentos de vosso pai procediam de um vão capricho ou de uma excessiva melancolia, agora me consta que a sua origem é muito diferente; ou seja, que tinha sido entregue a ele a Luz das luzes, com a ajuda da qual fugiu, segundo vejo, dos laços da morte."

—Aí de nós!— exclamaram todos chorando amargamente.

A noite seguinte, Cristiana sonhou ver aberto diante dela um largo rolo de pergaminho, no qual estavam escritas todas as suas ações. O aspecto desta lista parecia-lhe sumamente sombrio e, embora estivesse dormida, não pôde menos que lançar um grito, bradando: "Senhor, sé propício a esta pecadora!", o que foi ouvido pelos seus filhos.

Depois disto, parecia-lhe ver ao lado de seu leito dois seres de ma índole, que diziam:— O que faremos desta mulher, já que, tanto dormida quanto acordada, pede misericórdia? Se lhe é permitido continuar deste jeito, a perderemos como temos perdido já seu marido. De uma forma ou de outra, é preciso distraí-la para que deixe de pensar na outra vida, pois, caso contrário, nada neste mundo poderá impedi-la de ser peregrina.

Preso de grande horror, acordou Cristiana, tremendo e suando com profusão; porém tendo adormecido novamente, seus sonhos tomaram outra forma. Desta vez pareceu-lhe ver seu esposo na glória, rodeado de seres imortais, tendo em sua mão uma harpa, a qual tangia diante de um, assentado num trono, com um arco-íris sobre sua cabeça. Depois o viu inclinar-se humildemente, voltando seu rosto para o escabelo que havia sob os pés do Rei, e dizer:— Com todo o meu coração dou graças a meu Senhor e Rei por me ter trazido a este lugar—. Então os circunstantes alçaram a voz e tangeram suas harpas; mas ninguém podia compreender suas palavras senão somente Cristiano e seus companheiros.

Na manhã seguinte, depois de ter orado a Deus e falar um tempo com seus filhos, ouviu Cristiana que chamavam fortemente à porta.

—Avante— disse—, se vem você em nome de Deus.

—Amém— respondeu o recém chegado; e abrindo a porta, saudou com as palavras:
— A paz seja nesta casa— Depois prosseguiu dizendo:— Sabes, Cristiana, com que objeto venho?

O coração dela ardia em desejos de saber de onde e por que ele vinha; porém, cobrindo o rubor de seu rosto, se manteve calada.

—Meu nome é Segredo— disse o visitante—, e moro com os que são da alta esfera. Naquele lugar corre o rumor de que anseias dirigir-te para lá, e que te pesa o mal que fizeste ao teu marido, endurecendo teu coração para não acompanhá-lo, e criando estes teus filhos na ignorância. O Misericordioso me enviou a ti, Cristiana, para te dizer que é um Deus pronto a perdoar e que se deleita em remir ofensas. Além disso, convida-te a entrar em sua presença e a sentar-te a sua mesa, onde te alimentará com as deliciosas refeições de sua casa, e dar-te-á a herança de Jacó teu pai. Ali reside aquele que era teu esposo, junto com legiões de companheiros, todos espíritos redimidos, que sempre contemplam o rosto de seu Deus, e se alegrarão todos de ouvir teus passos no umbral da casa de teu Pai.



O VISITANTE DE CRISTIANA

Cristiana exclamou: E você quer nos levar a mim e aos meus filhos, para que vamos adorar o Rei?

Cristiana, baixando a cabeça, ruborizava-se, enquanto seu visitante continuou falando:

—Eis aqui uma carta que te trago de parte do Rei.

Da carta, que estava escrita em letras de ouro, desprendia-se um aroma delicioso. Em seu conteúdo manifestava o Rei o desejo de que Cristiana seguisse o exemplo de seu marido, por quanto esse era o único modo de que conseguisse chegar a sua cidade e morar em sua presença com sempiterno gozo. Dominada pelas suas emoções, a mulher exclamou:

—E você quer nos levar a mim e aos meus filhos, para que vamos adorar o Rei?

Respondeu o visitante:

—O amargo tem de vir antes que o doce. Para chegar à Cidade Celestial terás que

passar por penas e dificuldades, como o fez quem te precedeu. Faze o mesmo que ele: dirige-te à portinha que vês no outro extremo da planície: nela começa o caminho que vas seguir, Deus te acompanhe. Também te aconselho que guardes cuidadosamente no teu seio esta carta; leiam-na, tu e teus filhos, até que a saibais de cor, já que é um dos cânticos que deveis elevar durante todo o tempo de vossa peregrinação. Também deverás entregá-lo em tua chegada à porta celestial.

(Vi em meu sonho que o ancião, ao me relatar a história, parecia fortemente comovido; porém, recuperando a tranqüilidade, reiniciou sua narração).

Cristiana em seguida reuniu seus filhos e falou-lhes nos seguintes termos:

—Filhos meus, desde um tempo atrás, como já notastes, minha alma está sumamente afligida, a causa da morte de vosso pai; não porque no mais mínimo duvide de sua felicidade, pois estou convencida do gozo que desfruta; mas me preocupa em alto grau o estado miserável em que nos encontramos e, mais que nada, a lembrança de meu comportamento para com vosso pai. Não quis acompanhá-lo, nem deixei que o acompanhasse. Ante a evidência de minha culpa, sinto como o remorso corrói meu coração, e sem o sonho que ontem noite tive e as agradáveis esperanças que esta manhã me deu este senhor, tão amargas lembranças concluiriam com a minha existência. Vamos, filhos, arrumemo-nos e marchemos rumo a porta que nos dará entrada ao caminho, para que vejamos vosso pai e estejamos com ele e seus companheiros de viagem, segundo as leis do país celestial.

Vindo sua mãe assim disposta, as crianças prorromperam em lágrimas de gozo.

Cumprido seu encargo, o mensageiro despediu-se e eles começaram imediatamente a fazer os preparativos para a viagem.

CAPÍTULO 2

Cristiana recebe a visita de duas vizinhas. Temerosas, procuram dissuadi-la de marchar; porém Misericórdia decide-se a acompanhá-la.

A ponto de partir, estavam Cristiana e seus filhos, quando duas vizinhas chamaram à porta.

—Entraí— disse Cristiana—, se vindes em nome de Deus.

As mulheres ficaram atônitas; não estavam costumadas a ouvi-la empregar semelhante linguagem. Ainda assim, entraram, e ao ver que sua vizinha estava se arrumando para marchar-se:

—O que significa isto?— exclamaram a única voz.

—Estou me preparando para uma viagem— respondeu Cristiana, dirigindo-se à mais velha das duas, que se apelidava Temerosa (esta era filha do sujeito que encontrou a Cristiano no morro Dificuldade, e quis dissuadi-lo a retroceder por temor dos leões.

TEMEROSA— Para que viagem?

CRISTIANA— Para seguir a meu marido— e novamente se encheram seus olhos de lágrimas.

TEMEROSA— Espero que não farás tal coisa. Pensa em teus filhos e não sejas néscia.

CRISTIANA— Meus filhos me acompanharão. Nem um deles quer ficar.

TEMEROSA— Quem te colocou na cabeça estas idéias extravagantes?

CRISTIANA— Oh, amiga minha! Se soubesses o que eu, não duvido que irias comigo.

TEMEROSA— Vejamos! Que novo saber é este, que te induz a te indispor com tuas amigas, e sair a caça de quimeras?

CRISTIANA— A saída de meu marido deixou-me muito aflita e, sobre tudo, desde que atravessou o rio fiquei profundamente angustiada. O que mais me inquieta é a diferença de minha conduta para com ele, enquanto gemia sob o peso de sua carga. Além disso, sinto agora a mesma resolução que o meu marido sentia, e de qualquer jeito quero começar minha peregrinação. Ontem noite sonhava que o via. Tomara estivesse com ele! Mora já em presença de seu Rei; assenta-se com ele e come a sua mesa. É companheiro agora de seres imortais, e o palácio mais luxuoso do mundo parece-me um chiqueiro em comparação da morada que lhe foi proporcionada. O mesmo soberano me fez chamar com promessas de uma acolhida carinhosa, se acudo a Ele. Seu mensageiro acaba de sair, tendo me trazido uma carta de convite.

Ato seguido sacou a carta e a leu, agregando:

—Então, o que opinas disto?

TEMEROSA— Que teu marido foi um bobalhão, por ter-se aventurado tão

temerariamente, e que tu não ficas para trás. Acaso não ouviste falar das dificuldades com que tropeçou teu marido logo que deu o primeiro passo por aquele caminho? Disto, os nossos vizinhos Obstinado e Flexível podem dar fé, pois o acompanharam, até que, como homens inteligentes, tiveram medo de avançar mais. Avante, ouvimos contar os encontros que teve com os leões, com Apolião, com a Sombra-da-Morte e muitas outras coisas. Não deves também não esquecer do que lhe aconteceu na Feira da Vaidade; e se ele, que era homem, passou por tantos apuros, que podes fazer tu que não és senão uma débil mulher? Repara em que estes quatro anjinhos são teus filhos, tua carne e teus ossos. Ainda que não estimes tua vida, tem compaixão do fruto de teu corpo e fica em casa.

Mas Cristiana respondeu nos seguintes termos:

—É inútil quanto digas, vizinha. Eis que me é oferecida uma ocasião oportuna para alcançar as riquezas eternas, e seria realmente néscia se desprezasse tal oportunidade. Embora me fazes lembrar as penas e dificuldades que provavelmente deverei aturar no caminho, estas, longe de me desanimar, convencem-me de que tenho razão. Antes que o doce tem de vir o amargo, e isso mesmo realça a doçura daquilo. Portanto, já que não vens em nome de Deus, como disse, rogo-te que te retires e me deixes em paz.

Depois de proferir algumas injúrias, dirigiu-se Temerosa a sua companheira:

—Vamos, amiga Misericórdia —disse—; já que rejeita estes conselhos e despreza a nossa companhia, deixemo-la.

Porém ela não estava disposta a abandonar tão facilmente sua vizinha, por duas razões: primeira, por quanto sentia um amor entranhável para Cristiana e dizia para sim: "Se está decidida a marchar, a acompanharei um pouco e a ajudarei no que possa". Além disso, não se sentia muito tranqüila com respeito a sua própria alma, e as palavras de Cristiana a haviam impressionado bastante. Por isso refletia para sim deste modo:

—Falarei com ela mais detidamente a sua própria alma, e se encontro que não tem padecido nenhuma alucinação, a acompanharei.

Assim determinada, replicou a sua vizinha:

—Espero que não tomes a mal que eu fique; mas já que Cristiana está se despedindo de seu país, tenho desejos de acompanhá-la um pouco, já que tão formosa está a manhã.

Guardou, porém, para ela mesma a sua segunda razão.

TEMEROSA— Vamos! Vejo que tu também estás para loucuras; porém antes que seja demasiado tarde, olha bem o que fazes. O perigo, com cuidado, disse o outro; e quem busca o perigo, nele perece. Adeus.

Dito isto, separaram-se; Cristiana, para empreender sua viagem, e Temerosa, para voltar a sua casa. Uma vez ali, mandou chamar umas quantas vizinhas suas, que eram as senhoras Obcecada, Desconsiderada, Leviandade e Ignorância. Quando chegaram, as comunicou do acontecido com Cristiana e de sua projetada viagem.

—Tendo pouco a fazer nesta manhã —disse—, fui fazer uma visita a Cristiana. Ao chegar a porta chamei, segundo nosso costume, e me respondeu: "Se vens em nome de Deus, entra". Entrei, pois, sem suspeitar que houvesse novidade; porém a achei arrumando-se para sair do povo com seus filhos. Perguntei-lhe o que significava aquilo e, em resumidas contas, disse-me que era seu ânimo ir em peregrinação como fez seu marido. Contou-me também um sonho que teve, e como o Rei do país onde agora habita seu esposo tinha-lhe enviado uma carta convidando-a a dirigir-se para lá.

IGNORÂNCIA— Como! Tu achas que irá?

TEMEROSA— Sim que irá, aconteça o que acontecer; e te direi por que assim o creio. O que para mim era uma argumento poderoso para persuadi-la a abandonar a empresa (ou seja, as penas e fadigas que certamente achará no caminho), é para ela um grande incentivo para empreender a viagem, pois me disse, palavra por palavra: "Antes que o doce tem de vir o amargo, e isto mesmo realça a doçura daquilo".

OBCECADA— Veja uma mulher cega e louca! E não escarmentou com as aflições de seu marido? De minha parte, estou segura que se ele estivesse novamente aqui se contentaria com salvar a pele e não correria tantos riscos por nada.

A senhora Desconsiderada tomou a palavra, dizendo:

—Vão embora quando queiram do povo loucos tão fantásticos! Boa liberação, digo eu. Embora ficasse, se continuar com essas idéias, ninguém poderia viver tranqüilamente ao seu lado, pois ou estaria melancólica e irascível com os vizinhos, ou falaria de assuntos que ninguém de bom juízo pode aturar. Eu os prometo que não chorarei sua partida: que vá em boa hora, e venham outros melhores em seu lugar. O mundo degenerou muito desde que abundam estes contumazes idiotas.

Depois agregou a senhora Leviandade:

—Vamos, deixemos estes assuntos e falemos de outra coisa. Ontem estive em casa da senhora Sensualidade, onde nos divertimos muito. Ali estavam a senhora Amor-Carnal com outras três ou quatro, além do senhor Luxurioso, a senhora Impureza e outros. Nos entretiveram com música e danças e tudo quanto podia construir nosso prazer. Certamente a dona de casa possui uma educação esmerada e o senhor Luxurioso é também um finíssimo cavalheiro.

CAPÍTULO 3

Cristiana e Misericórdia dirigem-se à porta estreita, onde são recebidas.

Entretanto Cristiana, acompanhada de seus filhos e de Misericórdia, prosseguia seu caminho. Enquanto caminhavam, iniciaram o seguinte diálogo:

CRISTIANA— Amiga Misericórdia, considero como um favor inesperado que venhas fazer-me companhia por um tempo.

A jovem, que ainda era de mui tenra idade, respondeu:

—Se acreditasse que fosse vantajoso ir contigo, não voltaria jamais ao povo de que saímos.

CRISTIANA—Não temas, e une a tua sorte à nossa; bem sei eu qual será o fim de nossa peregrinação. Meu marido não trocaria sua sorte por todo o ouro do mundo. Não creio que sejas rejeitada, ainda que vás por convite meu. O Rei, quem nos mandou buscar, é tudo misericórdia. Além disso, se tens algum reparo, podes acomodar-te comigo e acompanhar-me em qualidade de serva; a tudo me disponho e tudo compartiremos, com tal que me acompanhes.

MISERICÓRDIA— Mas quem pode me assegurar que serei recebida? Se me fosse oferecida esta esperança, por incômodo que fosse o caminho, iria sem duvidar, confiando na ajuda do Todo Poderoso.

CRISTIANA— Pois ouve então, querida Misericórdia, e faz o que te falo: vem comigo à porta estreita, e ali perguntaremos mais definitivamente acerca de ti. Se não te receberem, consentirei que voltes para teu povo. Ainda te recompensarei a bondade que a mim e aos meus filhos nos manifestas acompanhando-nos deste modo.

MISERICÓRDIA— Nesse caso irei, e me conformarei com o que resulte. Tomara que o Senhor do Reino seja benévolo comigo!

Muito se alegrou Cristiana ao ouvir isto, não somente porque já tinha uma companheira, mas também porque havia persuadido esta donzela a se interessar pela própria salvação.

Caminhando juntas, Misericórdia começou a chorar.

—Por que choras tanto? —perguntou sua companheira.

Misericórdia— Aí! Quem pode não afligir-se ao considerar o estado lastimoso em que estão meus pobres parentes, que ainda permanecem em nossa cidade pecaminosa? E o que agrava a minha dor é saber que não têm quem os instrua e os advirta o que vai lhes acontecer.

Cristiana— Convêm aos peregrinos compadecer-se dos outros. Agora fazes pelos teus o que fazia meu bom Cristiano comigo; afligia-se e se lamentava porque eu não fazia caso dele; porém seu Senhor e o nosso recolheu suas lágrimas e as colocou em sua redoma, e agora tu e eu, igual que estes queridos meninos, obtemos o fruto e proveito delas. Espero que tuas lágrimas também não se perderão, pois a Palavra nos diz: *"Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos"*

¹.

Então cantou Misericórdia:

Seja o Bendito meu guia,
Se é sua santa vontade,
Até a porta do céu,
Monte de sua Santidade.
E não me permita nunca
De seus caminhos sair,

¹ Provérbios 126:5-6.

Nem vagar extraviada,
Ainda que deva sofrer.
Recolha a todos os meus
Que detrás de mim deixei;
Faz, Senhor, que sejam teus,
Cheios de amor e de fé.

Quando Cristiana chegou no Pântano da Desconfiança, e lembrou-se do perigo em que esteve seu esposo de perecer afogado no lodo, sentiu por um instante vacilar suas forças. O caminho apresentava-se eriçado de dificuldades e perigos, e a pesar das ordens do Rei para que o fizessem transitável, estava pior que antes.

Interrompi então o relato de meu ancião amigo para perguntá-lhe se era verdade o que se referia ao Pântano.

—Sim —respondeu—, demasiadamente verdade. Existem muitos que, fingindo-se operários do Rei, dizem que estão encarregados da reparação do caminho, e no entanto, em vez de pedras jogam lama e esterco, deixando-o pior em vez de melhorá-lo.

Diante dos obstáculos que se apresentavam, detiveram-se, vacilando Cristiana e seus filhos; porém então Misericórdia, demonstrando mais valor, disse-lhes:

—Não desconfiemos e continuemos adiantando-nos com precaução.

E, animados com estas palavras, internaram-se no Pântano, realizando grandes esforços para atravessar o lamaçal. Cristiana esteve várias vezes em iminente perigo de cair no lodo, mas no fim conseguiram ganhar a beira oposta; uma vez a salvo, acharam de ouvir uma voz que lhes dizia: "Bem-aventurada a que acreditou, porque se cumprirão as coisas que lhe foram ditas de parte de seu Senhor".

Começando novamente a andar, Misericórdia fez então a seguinte observação:

—Se como tu eu tivesse a certeza de encontrar uma carinhosa acolhida na portinha, acho que nenhum Pântano da Desconfiança alcançaria para me desanimar.

—Bem —respondeu Cristiana—, tu conheces tua chaga e eu a minha; não é este a única complicação que acharemos antes de dar termo a nossa viagem. Os que nos propomos alcançar tão excelente glória seremos hostilizados pelos que nos aborrecem e invejam e nossa felicidade; acredita em mim.

Neste ponto Sagacidade despediu-se de mim, e eu segui sonhando. Vi os nossos peregrinos aproximar-se da porta. Uma vez frente dela, começaram a discutir a melhor forma de chamar, e o que iriam dizer ao porteiro. Por fim combinaram que Cristiana, sendo a mais velha, chamasse em nome de todos e expusesse seus desejos ao porteiro. Em seguida começou a chamar, dando grandes golpes com a aldrava da porta, como tinha feito seu esposo. Porém, a única resposta que ouviram foram os uivos de um grande cão, o que os encheu de espanto, e naquele momento não se atreveram a chamar de novo, por temor que o mastim se lançasse sobre eles. Estavam já em grande perturbação de espírito, não sabendo o que fazer; não ousavam chamar por causa do cão, e temiam retroceder por temor que o guardião da porta os visse e se irasse com eles. Decidiram-se, finalmente, a chamar de novo, o que fizeram com maior veemência que antes.

—Quem está aí? —perguntou o porteiro. O cão, ouvindo sua voz, cessou de latir e a porta foi aberta.

CRISTIANA (Inclinando-se com um gesto de reverência)— Não se ire o Senhor com suas servas, por terem tido a temeridade de chamar a sua real porta.

—De onde vindes? —perguntou-lhes o porteiro—. O que desejam?

CRISTIANA— Chegamos do mesmo lugar de onde veio Cristiano e com o mesmo objeto; isto é, se vos apraz, que nos seja aberta a entrada por esta porta para a via que conduz à Cidade Celestial. À segunda pergunta, respondo ao meu Senhor que sou Cristiana, em outro tempo esposa de Cristiano, o qual tem alcançado já a glória.

Maravilhado, o porteiro exclamou:

—Como! É peregrina agora aquela que pouco tempo atrás aborrecia semelhante vida?

—Sim, Senhor —disse ela, inclinando de novo a cabeça—, e também o são estes meus filhos.

Então a tomou pela mão e a admitiu, dizendo ao mesmo tempo:

—Deixai que as crianças venham a mim —e assim falando, fechou a porta. Logo deu ordens a um pregoeiro que havia no terraço, sobre o portal, para que celebrasse sua chegada com aclamações de júbilo e som de trombetas. Ao instante o mandado foi executado, e os ares ressoavam com suas notas melodiosas.

Entretanto, a pobre Misericórdia estava fora, tremendo e chorando, acreditando-se

rejeitada. Porém, Cristiana, tendo já conseguido ser admitida juntamente com seus filhos, começou a interceder em favor de sua amiga.

—Senhor meu —disse—, ainda há lá fora da porta uma companheira minha, que vem com a mesma intenção que nós; está sumamente abatida de ânimo porque vem, no seu parecer, sem ser convidada, enquanto que eu fui chamada pelo Senhor de meu marido.

Misericórdia, que começava já a impacientar-se, e a quem cada minuto parecia-lhe uma hora, impediu que Cristiana intercedesse mais, chamando ela mesma a porta. Tão fortes batidas deu, que Cristiana sobressaltou-se.

—Quem chama? —perguntou o porteiro.

—É a minha amiga —disse a mulher.

Abrindo então a porta, olhou para fora e viu que Misericórdia tinha caído desmaiada, temendo não ser recebida.

Então, tomando-a pela mão, lhe disse:

—Moça, levanta.

—Ah, Senhor! Estou muito fraca; apenas tenho um sopro de vida.

Mas o bom Senhor respondeu-lhe:

—Há um que disse "*Quando desfalecia em mim a minha alma, lembrei-me do SENHOR; e entrou a ti a minha oração, no teu santo templo*"². Não temas, mas levanta e di-me por que vens.

MISERICÓRDIA— Venho em busca de aquilo para o que não fui chamada, como o foi a minha amiga. Seu convite foi de parte do Rei; o meu só foi de parte dela. Por isso temo.

PORTEIRO— Rogou-te ela que viesses aqui em sua companhia?

MISERICÓRDIA— Sim, convidou-me, e como meu Senhor pode ver, aceitei. Se a graça e o perdão podem estender-se até mim, suplico que a esta vossa humilde serva lhe seja permitido participar destas bênçãos.

Tomando-a novamente pela mão, a introduziu carinhosamente pela porta, dizendo:

—Intercedo em favor de todos os que acreditam em mim, quaisquer seja a forma em que comparecem. —Então disse aos circunstantes—: Trazei alguma erva aromática e dai-a para que se restabeleça do desmaio.

Trouxeram um ramo de mirra e pronto ela voltou em si.

Deste modo Cristiana, seus filhos e Misericórdia principiaram seu caminho de peregrinação, recebidos pelo Senhor, quem lhes falou com benignidade.

—Nos arrependemos —agregaram— dos nossos pecados, e pedimos ao nosso Senhor que nos outorgue o perdão, informando-nos mais particularmente do que nos convém fazer.

—Concedo o perdão —respondeu—, de palavra e de fato: de palavra, na promessa da remissão dos pecados; de fato, na forma em que eu o consegui para vós. Recebam agora dos meus lábios um beijo, e o resto vos será revelado.

CAPÍTULO 4

Os peregrinos são agasalhados pelo Porteiro. Prosseguindo seu caminho, as mulheres são incomodadas por dois vilões e oportunamente socorridas pelo Auxiliador.

Depois disto vi que o Senhor dirigia-lhes muitas palavras consoladoras, as quais os enchiam de alegria; também os conduziu a um terraço que havia sobre a porta.

—A mesma vista —agregou— vos será novamente oferecida durante o caminho para vosso consolo.

Depois os deixou sozinhos durante uns momentos numa sala de verão, onde travaram entre si a seguinte conversação:

CRISTIANA— Graças ao Senhor! Quanto me alegro de ter entrado aqui!

MISERICÓRDIA— Bem podes te congratular; porém eu, sobre tudo, tenho motivos fundados para pular de alegria.

CRISTIANA— Houve um momento, enquanto estávamos à porta, quando havia chamado e ninguém respondia, em que temi que toda a nossa moléstia e os nossos esforços tivessem sido inúteis, especialmente quando aquele cachorro ruim dava tais latidos.

MISERICÓRDIA— O temor assaltou meu coração, sobre tudo quando vi que tinham recebido vocês, enquanto eu ficava fora. "Agora", disse para mim, "cumpriu-se o que

² Jonas 2:7

está escrito: *'Duas mulheres estarão juntas moendo; uma será tomada, e a outra será deixada'*"³. Devi esforçar-me para não gritar: "Aí de mim, que estou morta!". No momento não me atrevi a chamar mais; porém, alçando os olhos, vi o que estava escrito sobre a porta, e ganhei ânimo. Então me pareceu que se não chamava outra vez morreria, e assim bati, mas não posso te dizer como, porque meu espírito lutava entre a vida e a morte.

CRISTIANA— Não sabes como chamaste? Pois as batidas eram tão fortes que me fizeram estremecer; nunca em minha vida tinha ouvido semelhantes golpes; achei que tinhas a intenção de entrar por força ou que ias 'tomar de assalto o Reino'⁴.

MISERICÓRDIA— Aí! Quem em semelhante situação teria agido de outra forma? Já viste que a porta havia-se fechado para mim, e que ali havia um cão raivoso. Quem, digo eu, sendo tão tímida como eu, não teria chamado com todas as suas forças? Mas, o que disse o Senhor a respeito de minha ousadia? Não se enfadou contra mim?

CRISTIANA— Quando ouviu o barulho que fazias, sorriu suave e carinhosamente. Acredito que tua importunidade o agradou bastante, pois não manifestou nenhum desagrado. Porém me estranha muito que tenha um mastim tão feroz; de sabê-lo de antemão, temo que não teria a coragem para aventurar-me como o fiz. Mas já estamos dentro, e me alegro de todo coração.

MISERICÓRDIA— Se desejas, eu lhe perguntarei, quando desça, por que tem tão feroz animal em sua fazenda; espero que não o leve a mal.

—Ah, sim! —disseram as crianças—, e persuade-o para que o mate, porque tememos nos mordam quando partamos daqui.

Efetivamente, ao descer novamente o Senhor, Misericórdia prostrou-se diante dEle, dizendo:

—Que meu Senhor se digne aceitar o sacrifício de louvores que agora o ofereço.

—Paz a ti; levanta —lhe respondeu.

Porém ela continuou prostrada, agregando:

—Justo é tu, oh Senhor, embora eu me atreva a discutir teus juízos. Por que guarda meu Senhor em seu curral um cão tão feroz, à vista do qual mulheres e crianças como nós fogem atemorizados pela porta?

—O cão —disse— não é meu, e está encerrado em outra propriedade; meus peregrinos somente ouvem seus latidos. Pertence ao Castelo que se vê lá, um pouco longe daqui, mas pode se aproximar destes muros. Seu barulho tem espantado muitos peregrinos sinceros. Certamente que seu dono não o tem por boa vontade para comigo, mas ao contrário, com o objeto de impedir aos peregrinos de virem a mim, e infundi-lhes temor para que não chamem à porta. Alguma que outra vez escapou-se, e tem acossado e maltratado os meus amados; por enquanto eu sofro tudo com paciência; mas eu dispenso aos meus ajuda oportuna, para que não sejam entregues a ele e faça deles o que deseje, segundo o malévolo de sua natureza. Porém, ainda sabendo de antemão, não teriam medo de um cão, verdade? Os que vão mendigando de porta em porta, antes que pedir uma esmola, correm o risco dos latidos e ainda das mordidas de um cachorro. Por que, pois, haveríeis de ter medo de um mastim que esta em curral alheio, e cujos latidos volto em proveito dos peregrinos?

MISERICÓRDIA— Confesso a minha ignorância; falei do que não compreendia, reconheço que tudo o fazes bem.

Cristiana começou então a falar de sua viagem, e a pedir informes sobre o caminho. O Senhor, depois de dar-lhes de comer, lavou-lhes os pés e então lhes mostrou o caminho, assim como antes tinha feito com Cristiano. Ao começar a marcha, o tempo favorecia-lhes, e Cristiana gozosa cantava:

Bendito por sempre o dia
Em que a minha marcha começou;
E bendito seja o homem
Que a iniciá-la me incitou.
Longos anos transcorreram
Sem ter vida nem ter paz;
Agora corro quanto posso,
Tarde e melhor que jamais.
Pranto em gozo, medo em calma,

³ Lucas 17:35

⁴ Mateus 11:12

Mudam-se ao começar;
Se o princípio é tão formoso,
Mais gentil o fim será.

Do outro lado da cerca que resguardava a senda havia um pomar que pertencia ao amo daquele furibundo cão antes mencionado. Algumas das árvores frutíferas estendiam suas ramas sobre o muro, e sendo o fruto de bom aspecto, acontecia às vezes que os viajantes as colhiam, com grande prejuízo de sua saúde. As crianças, pois, com o instinto próprio da juventude, prendados da fruta, a colheram e começaram a comer, apesar das repreensões de sua mãe.

—Filhos meus —disse ela—, fazeis mal, porque aquele fruto não é nosso.

Ignorava, porém, que pertencesse ao inimigo; de outra sorte, tivesse morrido de medo. Por enquanto, não houve resultado algum desagradável, e os nossos peregrinos prosseguiram sua viagem. Tinham-se distanciado já muito pouco da porta pela que entraram, quando divisaram dois sujeitos de mal aspecto, que vinham às presas ao seu encontro. Vendo isto as duas mulheres, cobriram-se com seus véus e continuaram andando, com as crianças à frente. Ao se encontrarem com elas, os homens fizeram gesto para abraçá-las.

—Atrás! —exclamou Cristiana—. Continuem seu caminho como pessoas honestas.

Porém esses dois, fazendo-se de surdos, desprezaram os protestos das mulheres, e começaram a pô-lhes a mão acima. Com isto Cristiana, acendida de ira, deu-lhes pontapés, enquanto Misericórdia fazia o que podia para afastá-los.

—Deixai-nos passar —gritou novamente Cristiana—. Não temos dinheiro, somos peregrinas como vês, e para viver dependemos da caridade dos nossos amigos.

—Não buscamos dinheiro —disse um deles—, mas viemos a dizer que sem quereis conceder-nos o pouco que pedimos, os faremos mulheres de fortuna.

Cristiana, que adivinhou as intenções, respondeu:

—Não vos ouviremos, nem atenderemos as vossas razões, nem acederemos aos vossos rogos. Temos muita pressa e não podemos nos deter; do êxito de nossa viagem depende a vida ou a morte.

Assim dizendo, as mulheres fizeram outro esforço para passar adiante, no entanto os vilões as impediram.

—Não atentamos a vossa vida —disseram—; outra coisa é o que desejamos.

CRISTIANA— Sim, desejais nos ter em corpo e alma, pois já sei com que intenção vindes; mas antes morreremos aqui mesmo que nos deixar cair nas redes que colocariam em perigo nosso bem-estar eterno.

Em seguida clamaram ambas mulheres aos gritos:

—Assassinos! A eles! —para colocar-se sob o amparo das leis que foram estabelecidas para a proteção da mulher. Vendo que os malvados não desistiam do intento, alçaram a voz mais uma vez.

Não estando ainda muito longe da porta, ouviram-se os gritos neste lugar. Reconhecida a voz de Cristiana, acudiram a todo correr em seu socorro. Ao chegar o Auxiliador perto dos peregrinos, encontrou às mulheres muito apuradas, enquanto as crianças choravam ao seu lado.

—Que vilania é essa que estais cometendo? —disse, dirigindo-se aos rufiões. Quereis obrigar às servas do Senhor a pecar?

E tentou aprisioná-los, mas eles fugiram, escalando a cerca e refugiando-se no horto do proprietário do cão, de modo que o mastim foi seu protetor.

Perguntadas as mulheres como estavam, "Bem, graças a ti, senhor", foi a resposta.

—Porém levamos grande susto. Muito te agradecemos ter vindo em nosso auxílio; de outro modo teríamos sido vencidas.

Depois de breves palavras, Auxiliador lhes disse:

—Muito me maravilhei, quando se hospedaram na porta, que, sendo débeis mulheres, não pedísseis ao Senhor os serviços de um guia. Certamente teria Ele acedido aos vossos rogos, e teríeis evitado estes contratemplos e perigos.

CRISTIANA— Ah! Estávamos tão prendadas das bênçãos que acabávamos de receber, que os perigos que podiam aparecer ficaram no esquecimento. Além disso, quem podia acreditar que tão perto do palácio do Rei se esconderam semelhantes velhacos? Em efeito, temos feito mal em não pedir um guia; mas, sabendo o Senhor que nos seria vantajoso, resulta estranho que não o oferecesse.

AUXILIADOR— Não é sempre conveniente outorgas as coisas que não se pedem, para que não se tenham em pouco; porém, quando sentimos necessidade de uma coisa,

aprendemos a apreciá-la devidamente e a nos valermos dela. Dado o caso que o meu Senhor vos tivesse concedido um condutor, não teríeis lamentado vosso descuido em pedi-lo, como agora tendes ocasião de fazer. Assim vedes que todas as coisas contribuem ao vosso bem, e tendem a acautelá-los.

CRISTIANA—Voltaremos ao nosso Senhor para confessá-lhe a nossa indiscrição e pedi-lhe um guia?

AUXILIADOR— Eu oferecerei a vossa confissão. Não tendes necessidade de voltar atrás, porque não vos faltarão recursos nos lugares aonde cheguem. Em cada uma das hospedarias que meu Senhor preparou para o alojamento de seus peregrinos, encontra-se o necessário para escudá-los contra qualquer atentado. Contudo, como já disse, deseja ser solicitado para agir assim. Deve ser de escasso valor aquilo que não vale a pena de ser pedido.

Assim dizendo, os deixou continuar sozinhos sua viagem.

MISERICÓRDIA—Este tem sido um desengano muito rude. Figurava-me que já estávamos fora de todo perigo, e que a tristeza não nos alcançaria mais.

CRISTIANA— A tua inocência, irmã, pode desculpar-te muito; porém, no que a mim toca, a minha culpa é bem maior, porquanto previ este perigo antes de sair de casa e, ainda assim, não me precavi quando me encontrei onde podia dispor dos médios necessários. Por isso me fiz credora de severas repreensões.

Misericórdia— Como podias saber disto antes de marchar-te? Descobre-me este enigma.

Cristiana— Vou dizer-te. A noite antes de partir, tendo-me deitado, tive um sonho. Parecia-me ver dois homens semelhantes em todo a estes dois vilões, que estavam ao pé de meu leito conspirando para arruinar-me e impedir a minha salvação. Era quando eu estava tão exausta de dor. "O que faremos desta mulher?", diziam, "pois dormida o mesmo que acordada pede perdão. Se lhe é permitido continuar sua viagem, escapar-se-nos-á como o fez o seu marido". Isto deveria ter-me acautelado, e deveria induzir-me a me precaver, quando tinha a mão o necessário para conjurar o perigo.

MISERICÓRDIA— Boa ocasião se nos tem proporcionado por meio deste descuido, para conhecermos as nossas imperfeições. Nosso Senhor aproveitou também esta circunstância para manifestar-nos as riquezas de sua graça, deparando-nos favores não solicitados e liberando-nos bondosamente das mãos de pessoas mais poderosas do que nós.

CAPÍTULO 5

Os peregrinos na casa de Intérprete. Os ensinamentos alegóricos que ali receberam: a mente carnal; altas bênçãos imerecidas, obtidas pela fé; as vozes de Deus; a mansidão; diversidade de dons e graças; necessidade de dar fruto; tendências mundanas dos hipócritas.

Assim falando, aproximaram-se os nossos caminhantes a uma casa que tinha sido construída em benefício dos peregrinos. Era a de Intérprete, onde Cristiano teve tão afável recebimento. Ao chegar a porta, ouviram um grande sussurro de vozes, e aguçando o ouvido pensaram distinguir entre outras coisas o nome de Cristiana. Temos que advertir que tinha-as precedido o rumor de que ela e seus filhos iam em peregrinação, e isto causava tanto mais prazer quanto que dizia-se que a esposa de Cristiano, que até pouco tempo atrás não queria nem sequer ouvir falar de tal coisa, era quem estava nas vésperas de chegar. Detiveram-se imóveis, e ouviram como os da casa louvavam sua conduta, não suspeitando que o objeto de seus elogios estivesse à porta. Por fim Cristiana cobrou ânimo suficiente para chamar, como antes tinha feito na portinha, e vindo a abrir uma donzela chamada Inocente, encontrou-se com as duas mulheres.

—Com quem desejam falar? —perguntou.

CRISTIANA— Nos disseram que este é um lugar privilegiado para peregrinos, e nós o somos; portanto os rogamos que nos proporcionem hospedagem, porque o dia toca a fim, e não gostaríamos avançar mais nesta noite.

INOCENTE— A quem anunciarei?

CRISTIANA— Meu nome é Cristiana; fui a esposa daquele peregrino que alguns anos atrás viajou por aqui, e estes são seus quatro filhos. Esta jovem é companheira minha, e vai também em peregrinação.

Ao ouvir isto Inocente entrou correndo e disse:

—Quem acham que está na porta? Pois ali estão Cristiana com seus filhos e uma companheira sua, pedindo alojamento.

Cheios de gozo, foram comunicar a nova ao dono da casa, quem, dirigindo-se à porta, perguntou se era verdade que fosse a esposa de Cristiana quem chamava.

CRISTIANA— Sim, senhor; aquela mulher tão empedernida e indiferente às penas de seu marido, e que o deixou para que seguisse sozinho com sua viagem, sou eu; e estes são seus quatro filhos. Mas agora venho porque estou convencida de que este caminho é o único que conduz ao bem.

INTÉRPRETE— Assim cumpriu-se aquilo que está escrito do homem que deixou seu filho: *"Filho, vai trabalhar hoje na vinha (...) respondeu-lhe este: Não quero; mas depois, arrependendo-se, foi"*⁵.

CRISTIANA— Assim seja, amém! Queira Deus que isto se verifique em mim, e que no fim seja encontrada nEle em paz sem mácula e irrepreensível.

INTÉRPRETE— Mas, por que ficas na porta? Entra, filha de Abraão. Faz pouco tempo estávamos falando sobre ti, porque tínhamos recebido notícias de tua partida; entrai todos —disse, e os introduziu na casa.

Depois de um curto período de descanso, a família e servos de Intérprete apresentaram-se aos hóspedes. A satisfação que sentiram ao ver que Cristiana tinha empreendido semelhante carreira estava claramente desenhada em seus semblantes; acariciaram às crianças, trataram com esmero carinho a Misericórdia, e a todos e cada um deram as boas-vindas à cada de seu Senhor.

Depois, enquanto o jantar era preparado, Intérprete mostrou a eles os aparelhos alegóricos que Cristiano tinha visto com tanto proveito. Ali, pois, viram o homem enjaulado, o sonhador, o valoroso que abriu-se passo através de seus inimigos, o quadro do guia fiel, junto com outras muitas coisas instrutivas.

Quando os peregrinos haviam meditado devidamente no significado destas coisas, Intérprete os conduziu a uma habitação na qual havia um homem que não podia olhar senão para abaixo, tendo em mau um rastelo; ao passo que acima dele se via um que, levando em sua mão uma coroa celestial, a oferecia a ele em troca pelo rastelo; porém o homem, sem alçar os olhos nem prestar atenção a isso, continuava escavando entre a palha, as farpas e o pó do chão.

CRISTIANA— Acho que compreendo algo do significado disto. É a figura de um homem mundano, não é verdade?

INTÉRPRETE— Falaste bem, e seu rastelo deixa de manifesto sua mente carnal. Este que vedes prefere se ocupar em recolher farpas e lixo antes que ouvir Aquele que o chama desde cima, oferecendo-lhe a coroa celestial, e serve para mostrar que o céu para alguns não passa de uma fábula, e que as coisas materiais são consideradas como as únicas substanciais. O fato que o homem não pode olhar senão para abaixo é para nos ensinar que as coisas terrenas, quando se apoderam do espírito do homem, afastam seu coração de Deus.

CRISTIANA— Seja eu liberada desse rastelo!

INTÉRPRETE— Essa petição tem ficado deixada de lado até ser quase esquecida. Apenas um entre dez mil profere a súplica "Não me dê riquezas". Palhas, farpas, pó, são as coisas de grande atualidade para a maioria dos homens.

CRISTIANA E MISERICÓRDIA (Chorando)— Ai! Sim, é verdade!

Depois disto, Intérprete mostrou-lhes a melhor habitação que havia na casa; uma estância belíssima. Disse-lhes que olhassem em volta deles, para ver se podiam descobrir algo que lhes fosse de proveito. Em seguida olharam para todas as partes, porém somente havia uma enorme aranha na parede, e não fizeram caso dela.

—Não vejo nada —exclamou Misericórdia; porém Cristiana calava.

Instigada para olhar novamente, Misericórdia disse:

—Aqui não há nada senão uma aranha feia, aferrada à parede.

—Não há senão uma única aranha em todo este quarto espaçoso? —insistiu Intérprete.

Então as lágrimas inundaram os olhos de Cristiana; era uma mulher de claro engenho.

—Sim, senhor —respondeu—; aqui há mais de uma, e aranhas cujo veneno é muito mais funesto que o daquela.

—Tens razão —contestou Intérprete, fitando-a com agrado. Ao ouvir isto, Misericórdia enrubesceu; os rapazes também cobriram os rostos, pois já começavam a compreender

⁵ Mateus 21:28,30

o enigma.

INTÉRPRETE— A aranha aferra-se com as patas (como já vedes) e está nos palácios dos reis. Por que foi escrito isto senão para mostrar-vos que, por muito cheios que estejais do veneno do pecado, podereis, com a mão da fé, aferrar-vos à melhor habitação que pertence ao palácio do Rei celestial e morar nela?

CRISTIANA— Achei que fosse uma coisa pelo estilo, mas não podia aprofundá-lo totalmente. Pensava que fossemos como aranhas e que parecíamos feias, por luxuosa e soberba que fosse a habitação em que nos encontrávamos; porém, não tive o pensamento de que neste venenoso e ruim inseto havíamos de aprender a maneira de operar pela fé; de fato, vemos que a aranha, aferrada com suas patas à parede, vive na melhor habitação da casa. Deus não tem feito nada em vão.

Nossos peregrinos receberam com alegria estes ensinamentos; todavia seus olhos se umedeceram. Cruzaram entre eles olhares significativos, e inclinaram-se ante o senhor Intérprete.

Este os levou logo a outro quarto, onde havia uma galinha com seus pintinhos. Os observaram uns momentos, vendo a um dos pintinhos dirigir-se à pia para beber, e que cada vez que bebia, alçava os olhos para o céu.

—Vede —disse— o que faz este pintinho, e aprendei dele a reconhecer de onde procedem as bênçãos. Continuai olhando-os e ainda vereis algo mais.

Deveras, repararam que a galinha chamava de quatro formas diferentes os seus pequeninos. Tinha primeiro uma voz natural que empregava o tempo todo; segundo, um chamado especial que ouvia-se às vezes; terceiro, um choco; e quarto, um grito de alarme.

—Aqui —disse Intérprete— tendes uma imagem de vosso Rei e de seus fiéis, pois ele também opera de diferente maneira com os seus. Sua voz ordinária escuta-se continuamente; quando oferece alguma dádiva faz ouvir um chamamento especial; fala com tenros acentos aos que estão abrigados sob suas asas, o mesmo que a galinha faz com seus pintinhos; acentos que se convertem num clamor para advertir os seus quando aproxima-se o inimigo. Tenho-vos ensinado estas coisas, porque são fáceis de compreender às mulheres e às crianças como vós.

Cristiana manifestou desejos de ver mais, pelo que Intérprete os conduziu ao matadouro, onde viu um açougueiro que matava uma ovelha, a qual, mui mansa e tranqüila, recebia a morte sem oposição.

—Deveis aprender da conduta desta ovelha —disse-lhes—, a padecer e suportar injúrias e males sem murmurações nem queixas. Eis aqui quão tranqüilamente deixa-se matar! Não se opõe a quanto a fazem sofrer; e vosso Rei os chama de ovelhas suas.

Ato seguido os conduziu a sua horta, onde havia uma grande quantidade de flores.

—Já vedes —disse—, que entre estas flores existe muita diversidade de altura, cor, aroma e virtude; e algumas são melhores que outras: além disso, permanecem onde o jardineiro as tem colocado, e não brigam.

Dali os levou ao seu campo, no que havia semeado trigo e outros cereais; porém, olhando de perto, viram que as espigas haviam sido todas cortadas, e não sobrava senão a palha.

—Este campo —explicou— foi adubado, arado e semeado; mas, que faremos da colheita?

—Queimam uma parte e do resto faz-se adubo —respondeu Cristiana.

—Ah! —agregou aquele— Vedes que o que se espera é fruto, e por falta dele é condenado tudo a ser queimado ou calcado pelos homens. Tende cuidado que, assim dizendo, não falheis e produzais a vossa própria condenação.

Ao voltar de sua breve excursão campestre, Intérprete dirigiu sua atenção para um passarinho de peito avermelhado, com uma enorme aranha no bico. Todos fixaram nele a atenção, e enquanto Misericórdia admirava-se, Cristiana exclamou:

—Quanto se envilece esta ave tão formosa! É uma que em plumagem e aparência é superior a muitas de sua classe, e também parece que gosta de manter relações com o homem; eu acreditava que se alimentasse de migalhas e outras coisas inocentes; francamente, tem se rebaixado em minha estimação.

INTÉRPRETE— Vedes aí nesse pássaro um emblema de certas pessoas que fazem profissão de piedade. Em aparência são como essa ave, que canta bem, tem cores formosas e é de aspecto gracioso. Estas pessoas fingem um grande amor para os sinceros servos do Senhor e, sobre tudo, professam desejos de associar-se com eles e estar sempre em sua companhia, como se pudessem alimentar-se com o manjar dos piedosos. Alegam também que por isso freqüentam as casas dos bons e assistes aos

cultos no santuário; porém, uma vez sozinhos, podem, como este pássaro, colher e engolir aranhas; podem trocar de alimento e "beber a iniqüidade como água" ⁶.

CAPÍTULO 6

Os peregrinos recebem outros ensinamentos em casa de Intérprete, onde também lhes é dispensada hospitalidade. O banho da Santificação.

Quando voltaram à casa, como o jantar não estava ainda servido, Cristiana rogou de novo ao senhor Intérprete que lhes ensinasse ou dissesse outras coisas interessantes. O bom senhor, sem dilação, principiou uma série de ditados ou refrões sentenciosos.

—Quanto mais gorda for a porca, maiores desejos de revolver-se no lamaçal; quanto mais engordado o boi, mais alegremente vá ao matadouro; e quanto mais sadio o homem robusto, mais propenso é para o mal.

As mulheres anseiam andar bem compostas e elegantes; o formoso é estar enfeitado com o que é de grande preço aos olhos de Deus.

É mais fácil velar uma noite ou duas que um ano inteiro; assim também é mais fácil começar a andar bem que perseverar até o fim.

Qualquer capitão, vendo seu barco em perigo de tempestade, jogará primeiro ao mar o que é de menor valor. Ninguém senão o que teme a Deus se desfaria primeiro do mais precioso e importante.

Uma única via de água bastará para fazer naufragar o navio, e um pecado causará a ruína do pecador.

Que esquece de seu amigo, usa de ingratidão para com ele; porém que esquece seu Salvador, é impiedoso consigo mesmo.

Quem vive em pecado e espera alcançar a boa-venturança da outra vida, é semelhante àquele homem que semeia joio e espera encher seus celeiros de trigo ou cevada.

O homem que deseje viver bem, que viva cada dia como se fosse seu último.

O cochicho e a mudança de pensamentos são provas evidentes que o pecado existe no mundo.

Sendo assim que o mundo, ao qual Deus tem em pouco, é tão apreciado pelos homens, o que será do céu que Deus encomenda?

Quando nos devotamos tanto a esta vida, tão pródiga em penalidades, o que será da vida eterna?

Todos estão prontos a elogiar a bondade dos homens; todavia, quem aprecia devidamente a bondade de Deus?

Rara vez nos retiramos da mesa sem deixar viandas sobre ela; assim também há em Cristo mais méritos e mais justiça que os que necessita o mundo inteiro.

Acabados estes provérbios, Intérprete os levou outra vez para a horta, e mostrou-lhes uma árvore cujo interior estava apodrecido e oco; ainda assim, crescia e produzia folhas.

—O que significa isto? —perguntou Misericórdia.

—A esta árvore —contestou—, cujo exterior é formoso enquanto o interior está podre, podem comparar-se muitos dos que se encontram no horto de Deus: com a boca o louvam e engrandecem, porém não desejam fazer nada por Ele; são de formosa aparência, mas seus corações não prestam senão para ser alimento para o braseiro de Satanás.

Foi anunciado o jantar, e tendo dado graças, sentaram-se todos a comer. Intérprete, como era seu costume, entreteve seus hóspedes com música durante a comida. Além dos instrumentistas, havia um que com vos timbrada cantou:

Só o Senhor me amparara;
Ele me sustenta e me cuida;
Enquanto Ele assim me guarde,
Nada a minh'alma precisa.

Quando cessaram a música e o canto, Intérprete perguntou a Cristiana o que a havia impelido à vida de peregrinação.

CRISTIANA— Em primeiro lugar, afligia-me a causa da perda de meu marido: isto não

⁶ Jó 15:16;

era senão o resultado de afetos naturais. Depois acudiram em tropel à minha memória as aflições e a peregrinação de meu esposo, junto com a minha ruim e miserável conduta para com ele. Em seguida apoderou-se de mim tal convicção de meu pecado que por pouca não me causa a morte; porém, afortunadamente sonhei ver a bem-aventurança de meu esposo, enquanto recebi uma carta de convite do seu Rei. A carta e o sonho produziram tão profunda impressão em meu ânimo, que me obrigaram a dar este passo.

INTÉRPRETE— Mas não encontraste nenhuma oposição antes de partir?

CRISTIANA— Sim, senhor; uma vizinha minha, uma tal de Temerosa, chamou-me de louca e qualificou de desesperada a empresa que tinha projetado. Fez tudo o possível para me desanimar, lembrando-me as penas e fadigas que sofreu meu marido; contudo seus argumentos não me convenceram. O que sim turbou-me foi um sonho que tive, de dois mal encarados que pareciam montar armadilhas para malograr minha empresa; ainda isto tem embargado me espírito, e me faz desconfiar de quanto transeunte me encontro, e não são infundados meus temores, pois direi-vos em confiança que apenas saídas da porta para cá ambas formos tão ferozmente acometidas por dois canalhas, muito parecidos aos de meu sonho, que nos vimos obrigadas a dar de vozes pedindo socorro.

INTÉRPRETE— O princípio foi bom; a tua herança será bendita em grande maneira. E a ti —disse, dirigindo-se a Misericórdia—, o que te induziu a via para cá, amada minha? Não tenhas medo —agregou, ao vê-la corada e trêmula—; podes falar com franqueza.

MISERICÓRDIA— Minha curta experiência impõe-me silêncio, e ao mesmo tempo infunde-me o temor de não poder alcançar a glória. Não posso falar de visões e sonhos como minha amiga; nem também não sei o que é lamentar ter recusado o conselho de bons parentes.

INTÉRPRETE—O que pois, levou-te a semelhante determinação?

MISERICÓRDIA— Quando ela arrumava-se para sair do povo, eu e outra vizinha fomos fazê-lhe uma visita; perguntamos que fazia, e nos manifestou que a haviam chamado para seguir seu marido, e que o tinha visto num sonho num bellissimo lugar, rodeado de seres imortais, suas fontes cingidas de uma coroa, uma harpa em suas mãos, cantando louvores ao seu Deus, e que comia e bebia em presença do Rei. Ao ouvir tais palavras, meu coração ardia em mim, e disse em meu interior: "Se isto for verdade, deixarei pai, mãe e cidade nativa e, se me for permitido, acompanharei a Cristiana"; pois via que era sumamente perigoso permanecer em nossa cidade. Porém, sai com o coração oprimido, não porque não tivesse desejos de partir, senão porque tantos parentes meus ficavam lá. E agora, eis-me aqui, ansiando dirigir-me com Cristiana à Cidade Celestial.

Intérprete— Começastes bem, por quanto deste crédito à verdade. Tu és como Rute, quem pelo amor que sentia por Noemi e pelo Senhor seu Deus, deixou seu pai, sua mãe e seu próprio país para ir morar em meio de gente que não conhecia. "*O SENHOR retribua o teu feito; e te seja concedido pleno galardão da parte do SENHOR Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar*"⁷.

Finalizado o jantar, luziram-se os preparativos para o repouso noturno. Às mulheres foram proporcionadas habitações, e as crianças ocuparam juntas outro quarto que lhes foi destinado. Misericórdia, porém, estava tão jubilosa, que não pôde conciliar o sonho: suas dúvidas e temores tinham desaparecido, e permaneceu a noite toda abençoando e louvando o Deus que havia lhe outorgado tão distintos favores.

Levantaram-se ao amanhecer, e dispunham-se para retomar a marcha, mas Intérprete quis que esperassem um breve tempo, porque disse-lhes:

—Deveis sair daqui bem preparados.

Por ordem sua a donzela Inocente, quem tinha aberto a porta o dia anterior, os conduziu à casa de banhos situada no jardim, a fim de eliminar a poeira do caminho. Ali, então, lavaram-se todos, saindo logo não só limpos e refrescados, mas também vivificados e fortalecidos em todas as juntas do corpo; de modo que voltaram à casa com muita melhor aparência que quando saíram dela.

—"Formosos como a lua"— exclamou Intérprete ao vê-los voltar. Então pediu o selo com que costumavam selarem os que eram purificados, e imprimiu um sinal pelo qual podiam ser conhecidos em todas partes. O selo era a lembrança da Páscoa que comeram os filhos de Israel ao sair de Egito. E a marca foi-lhes colocada entre os olhos, a qual realçava muito sua formosura e a gravidade de seus rostos, deixando-os parecidos com anjos.

Em seguida, disse Intérprete à donzela que os assistia que trouxesse do vestiário

⁷ Rute 2:12.

roupas apropriadas para todos. assim, pois, foi e trouxe vestes brancas, de fino linho, limpos e brilhantes. Uma vez ataviadas as mulheres, parecia que cada um infundia medo à outra, porque não podia ver em si mesma a glória que resplandecia na outra. Portanto, começavam a considerar-se uma inferior a outra.

—Tu és mais formosa que eu —dizia uma.

—Tu é mais bela que eu —respondia a outra.

As crianças igualmente ficaram surpreendidas ao ver a transformação que tinha se efetuado.

Chegado já o momento da despedida, Intérprete chamou um de seus servos, um tal de Bom Coração, ordenando-lhe que, devidamente armado, conduzisse as peregrinas ao Palácio Formoso, onde iriam parar. Este colheu, então, suas armas para ir diante deles, e todos se puseram em marcha, sendo despedidos com muitas expressões de amizade e desejos de uma próspera viagem. Ao ver-se novamente a caminho, prorromperam em exclamações de júbilo, cantando:

Neste lugar, nossa segunda etapa,
Nos têm mostrado coisas de proveito,
Que em idades passadas para muitos ocultos estiveram.
Aquele escavador, a grande aranha,
As galinhas e os pintinhos são exemplos
De lições que deixaram nossas mentes com lembranças.
Açougueiro, jardim, campo semeado,
Avezinha que come sujo inseto,
E árvore de tronco oco com suas folhas,
São belos argumentos,
Que motivam-me a orar, velando sempre,
A lutar com propósito sincero,
E a suportar minha cruz a cada dia,
Ao meu Senhor servindo.

CAPÍTULO 7

Cristiana e seus companheiros, acompanhados de Bom Coração, chegam à Cruz: conversa que ali tiveram a respeito da justificação. Vêm Simples, Preguiça e Presunção pendurados de uma forca para esgarçamento dos malfeitores. Chegam ao pé do monte Dificuldade.

Depois disto, vi em meu sonho que nossas peregrinas, seguindo a Bom Coração, chegaram ao sitio, onde a carga de Cristiano tinha deslizado de suas costas e rodado, caindo no sepulcro. Ali se detiveram para abençoar a Deus.

—Agora —disse Cristiana— me vem à memória o que foi-nos dito na porta, ou seja, que receberíamos o perdão por palavra e obra; por palavra, isto é, pela promessa; por obra, isto é, pela forma como nos foi entregue. Eu sei algo do que é a promessa; e você, senhor Bom Coração, saberá sem dúvida o que é receber o perdão por obra; portanto, explique-nos se é de sua vontade.

BOM CORAÇÃO— O perdão por obra é o perdão obtido por um em favor de outro que tem grande necessidade dele. O perdão que vós tendes alcançado vos foi procurado por outro, isto é, por Aquele que vos deu entrada pela porta; isto foi obtido de forma dupla: fez justiça com que cobrir-vos e derramou seu sangue para limpar-vos.

CRISTIANA— Mas se desprende-se de sua justiça própria, o que sobrar para ele mesmo?

BOM CORAÇÃO— Tem mais justiça da que vocês precisam. Este de quem falo não tem igual. Possui numa pessoa duas naturezas, que facilmente se distinguem, mas não poder separar-se. A cada uma destas naturezas pertence uma justiça que lhe é essencial. Por conseguinte, não participamos nem de uma nem de outra justiça, no sentido de sermos revestidos dela para viver pela mesma. Além disso, ele possui uma justiça em virtude da união das duas naturezas, que não é nem a justiça de sua deidade como distinta da humanidade, nem a de sua humanidade como diferente de sua deidade; senão uma justiça própria da união destas duas naturezas, e que pode dizer-se que seja essencial a sua preparação por Deus para o officio mediatório que lhe foi confiado. Não poderia desprender-se da primeira sem deixar de ser Deus; nem da segunda sem macular sua

humanidade, nem da terceira sem abandonar aquela perfeição que o habilita para o ofício de Mediador. Possui, pois, uma outra justiça, que consiste na obediência a uma vontade revelada, e desta reviste os pecadores e com ela recobre seus delitos. Pelo qual diz: *"Porque, assim como pela desobediência de um só homem muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um muitos serão constituídos justos"* ⁸.

CRISTIANA— E as outras justicas, não nos são de nenhuma utilidade?

BOM CORAÇÃO— Sim, o são; pois embora essenciais a sua natureza e obra e incomunicáveis para outro, em virtude delas a justiça que nos justifica é eficaz para isso. A justiça que é própria de sua deidade dá virtude a sua obediência; a de sua humanidade faz que sua obediência seja capaz de justificar; e a que é própria da união destas duas naturezas, para o desempenho de seu ofício, autoriza aquela para a obra para a qual foi ordenada.

Aqui, pois, temos uma justiça, da qual Cristo, como Deus, não tem necessidade por quanto é Deus sem ela; da qual Cristo, como homem, não tem necessidade por quanto é homem perfeito sem ela; e da qual Cristo, como Deus-Homem não tem necessidade por quanto o é perfeitamente sem ela; por conseguinte, pode desprender-se dela e, já que a regala, chama-se "o dom de justiça". Esta justiça, já que Cristo sujeitou-se à lei, deve dar-se de presente, porque a lei obriga não só a realizar o que é justo, senão também a praticar a caridade. segundo a lei deve, se possui duas vestes, dar uma a quem não tem nenhuma. Agora bem, nosso Senhor, de fato, tem duas vestes, uma para Ele e outra de sobra; portanto, gratuitamente proporciona uma delas aos que não têm nenhuma: assim é que recebeis o perdão por fatos ou, em outras palavras, pela obra de outra. Vosso Senhor Jesus Cristo é quem operou e concede o resultado de sua obra ao pobre mendigo que o suplica a Ele.

Também, a fim que se receba o perdão por obra, algo deve pagar-se a Deus como preço dele, ao tempo que deve preparar-se algo com que cobrir-nos. O pecado nos sujeitou à justa condenação de uma justa lei; e desta maldição podemos ser liberados por meio da redenção, tendo sido pago um preço pelo mal que cometemos, cujo valor é o sangue de vosso Senhor, quem se colocou em nosso lugar e padeceu a morte que teríeis merecido por vossos pecados. Assim vos redimiou de vossas transgressões com seu sangue, e cobriu de justiça vossas almas maculadas e deformes; por amor do que Deus se digna passar por alto vossas iniquidades, e não vos condenará quando venha julgar o mundo.

CRISTIANA— Quão formoso é isto! Agora vejo que havia algo que aprender de sermos perdoados por palavra e por obra. Querida Misericórdia, procuremos tê-lo sempre presente; e vós, filhos meus, lembrai-vos destas verdades. Certamente foi isto o que fez cair a carga de meu bom Cristiano, e lhe fez dar três pulos de alegria.

BOM CORAÇÃO— Sim, o compreender isto foi o que desamarrou aquelas ataduras que não podiam romper-se de outra forma; e foi para dar-lhe uma prova da virtude de semelhante crença que lhe foi permitido levar sua carga até a cruz.

CRISTIANA— Já me imaginava; pois embora antes tivesse o coração alegre e gozoso, agora sinto que a minha alegria aumentou de um modo incrível. O pouco que até agora senti basta para me convencer de que, de encontrar-se aqui o homem mais carregado e abrumado do mundo, vindo o que eu vejo e acreditando no que eu creio, seu coração pularia de alegria.

BOM CORAÇÃO— A visão e a consideração destas coisas não só nos traz consolo e alívio, senão que gera em nós um amor mais profundo; pois quem, reparando em ter alcançado o perdão da forma que descrevi, pode menos que se comover e sentir um amor vivo e arrebatador àquele que o proporcionou?

CRISTIANA— É verdade; meu coração está traspassado de dor ao pensar que Ele derramou seu sangue por mim. Oh, Salvador amante! Oh, Cristo bendito! Tu mereces possuir-me, pois me compraste; mereces possuir-me inteiramente, porque pagaste dez mil vezes a mais do que valho. Não é de se estranhar que isto fizesse a meu marido derramar-se em lágrimas e seguir tão ligeiro seu caminho; estou segura de como desejava ter-me ao seu lado; mas, vil pecadora como era, o deixei vir sozinho. Oh, Misericórdia, oxalá que teus pais estivessem aqui! Sim, e a senhora Temerosa também, e ainda a senhora Sensualidade; sem dúvida alguma, seus corações seria comovidos, e nem os temores de aquela nem as concupiscências desta poderiam persuadi-las de voltar outra vez as costas a este caminho.

BOM CORAÇÃO— Agora falas a impulsos de teus afetos. Estarás sempre tão fervorosa

⁸ Romanos 5:19.

como agora? Sabes que nem todos os que viram padecer a Jesus sentiram estas impressões? Alguns dos que presenciaram sua morte e viram correr seu sangue, longe de comover-se, zombaram dEle, e em vez de converter-se em seus discípulos, endureceram seus corações contra Ele. Estas emoções que sentis, filhos, resultam de uma graça especial que vos é concedida. Lembrai-vos que vos foi dito que a galinha, ao chamar de sua maneira usual, não oferece comida aos seus filhinhos.

Durante esta conversação, os peregrinos haviam avançado no caminho, e pronto os vi chegar no lugar onde Cristiano havia encontrado, entregues a profundo sono, a Simples, Preguiça e Presunção; mas agora estes três estavam pendurados de ferros a alguns passos da senda.

—Quem são aqueles três homens? —perguntou Misericórdia ao guia—. Por que estão ali pendurados da força?

BOM CORAÇÃO— Aqueles eram homens de péssimo caráter. Não queriam ser peregrinos e estorvavam a quantos podiam; amavam a preguiça e a loucura, e tentavam infeccionar com os mesmos vícios os outros, ensinando-lhes a presumir que a final de contas alcançariam a felicidade o mesmo que os diligentes. Quando Cristiano passou por aqui, dormiam; agora vedes que foram enforcados, para escarmento dos outros.

MISERICÓRDIA— Acaso lograram converter alguns de suas opiniões?

BOM CORAÇÃO— De fato, fizeram descaminhar várias pessoas, entre as quais havia um tal de Passo-Lento, junto com um Curto-de-Respiração, um Pouco-Ânimo, um Desejo-de-Luxúria, um Cérebro-Sonolento e uma jovem chamada Lerda. A esses conseguiram desviá-los e convertê-los como eles mesmos. Além disso falaram mal de vosso Senhor, dizendo que era cruel e exigente, desacreditaram a boa terra, fazendo crer que não era para nada tão boa como se dava a entender; e não contentes com isso, se deram à tarefa de escarnecer os servos do Senhor, e qualificar os melhores dentre eles de entremetidos e intrigantes; ao pão de Deus o chamavam de palha; os gozos dos seus, ilusões e quimeras; e o esforço e as fadigas dos peregrinos, coisas inúteis.

CRISTIANA— Sendo tão maus esses sujeitos, eu por minha parte não lamentarei sua sorte. Não receberam senão o que mereciam, e parece-me muito conveniente que estejam ali enforcados tão perto do caminho, onde todos possam vê-los e escarmentar. Mas, não teria sido oportuno que fosse gravada aqui uma prancha de metal o relato de seus crimes, e se colocasse aqui mesmo onde realizaram o dano, a fim de que servisse de admoestação para outros malvados?

BOM CORAÇÃO— Efetivamente, assim foi feito, como verás aproximado-te mais ao muro.

MISERICÓRDIA— Não, não; que fiquem pendurados, que pereçam seus nomes, e que seus crimes sejam para sempre testemunho contra eles. O considero como um favor especial que tenham sido enforcados antes que chegássemos aqui. Quem sabe o que tivessem podido fazer a pobres mulheres como nós? —Depois prosseguiu dizendo—:Ficai ali por sinal e temor do mesmo fim para todo aquele que não seja amigo dos peregrinos. Guarda-te, alma minha, de quantos opõem-se à santidade.

Pouco depois chegaram ao pé do monte Dificuldade, e seu bom amigo Bom Coração aproveitou a ocasião para explicá-lhes o que aí havia sucedido quando Cristiano passou pelo mesmo lugar. Os conduziu primeiro à fonte.

—Eis aqui —disse— a fonte na qual Cristiano bebeu antes de subir a ladeira; a água então era boa e cristalina, mas agora está enlameada e turva pelos pés de certas pessoas que não querem que os peregrinos acalmem aqui sua sede. Porém ainda servirá a água se for colocada num cântaro limpo; então o lodo cai no fundo, e a água sai transparente.

Isto, pois, foi o que Cristiana e seus companheiros viram-se obrigados a fazer. A tiraram numa caçarola, e quando o barro depositou-se no fundo, saciaram-se com a água pura.

Depois disto ensinou-lhes o guia dois atalhos ao pé da colina, onde Formalista e Hipocrisia se perderam.

—Estas sendas —disse— são perigosas. Dois homens perderam a vida nelas, quando Cristiano passou por ali, e a pesar que desde então obstruíram o passo com postes, correntes e um barranco, ainda assim alguns preferem arriscar-se por elas antes de tomar-se a moléstia de subir esta ladeira.

CRISTIANA—"O caminho dos prevaricadores é duro". O maravilhoso é como acertam a entrar em tais caminhos sem romper-se a cerviz.

BOM CORAÇÃO— Ainda assim, aventuram-se; e se alguns dos servos do Rei os vêem, e os chamam para adverti-lhes que andam por maus e perigosos caminhos, respondem

com zombarias e afirmam: "A palavra que nos falaste em nome do Senhor não ouvimos". Se olhais atentamente, vereis que tem se tomado bastantes precauções para evitar o trânsito por tais atalhos; além daqueles postes, o barranco e a corrente, foi fechado o passo com uma sebe; ainda assim, empenham-se em passar.

CRISTIANA— São ociosos; não querem incomodar-se, e o caminhar colina acima resulta-lhes fadigoso. Assim cumpre-se o que foi escrito deles: "*O caminho do preguiçoso é como a sebe de espinhos*"⁹. ainda assim, preferem andar numa armadilha a subir este morro e seguir o que resta do caminho e que conduz ao céu.

CAPÍTULO 8

Os peregrinos sobem pelo monte Dificuldade. Descansam no pavilhão. Encontram-se com o gigante Grima, o qual é morto por Bom Coração. Chegam ao palácio chamado Formoso, onde o guia os deixa.

Depois destas observações, retomaram novamente a marcha, acometendo a subida da ladeira. Em curto tempo, Cristiana começou a cansar-se e exclamou:

—Quão penosa é esta ladeira! Não é estranho que os que amam mais a comodidade que o bem de suas almas escolham com preferência um caminho menos áspero.

—Deverei sentar um pouco —disse Misericórdia, enquanto o menor dos rapazes começou a chorar.

—Vamos, ânimo! —exclamou Bom Coração— Não vos senteis aqui, que um pouco mais acima está o pavilhão do Rei.

Assim dizendo, tomou da mão a criança e o conduziu lá.

Ao chegarem no lugar de descanso, de boa vontade sentaram, pois todos estavam muito acalorados e suados.

—Quão agradável é o descanso para os que trabalham! —disse Misericórdia— E quão bom é o Rei dos peregrinos por tê-los provido destes lugares de descanso! Muito me tinham falado deste pavilhão, mas esta é a primeira vez que o vejo. Cuidado de não adormecer-nos aqui pois, segundo me disseram, esse sono custou caro ao pobre Cristiano.

—Vamos, filhos —disse Bom Coração, dirigindo-se aos rapazes—, como estais? O que acham agora de sair em peregrinação?

—Senhor —disse o menor—, pouco faltou para que desanimasse por completo; porém dou-lhe as graças para ter-me ajudado e infundido o valor necessário. Agora me lembro do que a minha mãe dizia: que o ir para o céu é o mesmo que subir uma escada, enquanto que o caminho do inferno vai morro abaixo. Mas prefiro subir a escada para a vida, que descer a pendente para a morte.

MISERICÓRDIA— Mas diz o ditado que se avança mais depressa pendente abaixo.

Respondeu-lhe Jaime (que assim se chamava o menor)— Dia virá, em meu conceito, que o caminhar ladeira abaixo será o mais penoso.

—Bravo! —exclamou o guia— Muito bem respondeste.

Misericórdia sorriu, enquanto o menino corava.

—Vamos —disse Cristiana—, podereis comer um bocado saboroso enquanto estais descansando. Tenho aqui algumas romãs que me deu o senhor Intérprete ao sair, junto com uma colméia de mel e uma garrafa de vinho; e como disse quando empreendemos a viagem, tu, Misericórdia, participarás de todo quanto eu tenha, porque de tão boa vontade uniste tua sorte à minha. E você (dirigindo-se ao condutor), quer nos acompanhar neste refresco?

⁹ Provérbios 15:19



NO VALE DA SOMBRA DA MORTE

*E assim o ouvi exclamar: Libera agora,
oh Jeová!, a minha alma.*

—Obrigado —respondeu ele—; vós estais de viagem, e eu pronto voltarei a casa, onde como dos mesmos manjares todos os dias. Bom apetite.

Quando acabaram de comer e beber, e tiveram repousado um pouco em agradável conversação, Bom Coração disse-lhes que seria prudente retomar o caminho, dada a hora avançada do dia. Ao ponto levantaram-se para partir, marchando na frente os jovens. Tendo dado poços passos, Cristiana percebeu a falta da garrafa de vinho, e enviou o menor em busca dela.

—Parece-me —disse Misericórdia— que este pavilhão deixa as pessoas distraídas; aqui Cristiano perdeu seu diploma, e aqui também Cristiana esqueceu sua garrafa. De onde provém isto?

—Isto —disse o guia— deve atribuir-se ao sono ou ao descuido. Alguns dormem quando deveriam estar acordados; outros se entregam ao descuido quando deveriam aguçar a memória, e isto é o por que amiúde acontece que nos lugares destinados ao descanso os peregrinos sofrem perdas. Na hora de seu maior gozo é completamente necessário que vigiem sobre si mesmos e se lembrem do que receberam; porém por falta disto repetidas vezes acontece que seu gozo acaba em lágrimas, e o resplendor do dia perde-se detrás das espessas nuvens.

Ao chegar no lugar onde Desconfiança e Temeroso haviam saído ao encontro de Cristiano para dissuadi-lo de avançar, por temor aos leões, perceberam frente ao caminho uma espécie de andaime com um letreiro na frente, no qual explicava-se o motivo da construção de semelhante tablado, com os seguintes versos:

Cuide, quem isto leia,
De seu coração e língua;

Se não, sofrerá, como outros,
De seu pecado a pena.

Debaixo lia-se a seguinte inscrição: "Este andaime foi levantado para castigo dos que, por temor a Desconfiança, não se atrevem a prosseguir seu caminho. Sobre este assoalho a Desconfiança e a Temeroso foi-lhes furada a língua com um ferro candente, por terem tentado impedir que Cristiano seguisse sua viagem".

—Isto —observou Misericórdia— parece-se muito ao ditado do Amado: "De que te aproveitará a língua enganosa? É como as setas do valente, agudas com brasas de faia".

Não demoraram muito em chegar à vista dos leões. Bom Coração era um homem forte e, portanto, não tinha medo de um leão; porém quando chegaram perto das feras, as crianças, que iam à frente, de boa vontade refugiaram-se detrás dos outros. O guia, ao ver esta retirada, não conseguiu reprimir um sorriso.

—Como é isso, filhos meus? —exclamou— Gostais de ir à frente enquanto não se aviste o perigo e colocar-vos detrás tão pronto como aparecem os leões?

Avançaram todos, e Bom Coração desembainhou sua espada com intenção de abrir passo aos seus patrocinados, a despeito dos leões. Naquele momento apareceu um que, pelo visto, tinha tomado sobre si o cargo de apoiar os leões.

—Qual o motivo pelo que vindes? —resmungou esse, que era da raça dos gigantes e se chamava Grima o Sanguinário, por quanto costumava matar os peregrinos.

BOM CORAÇÃO— Estas mulheres e crianças vão de peregrinação, e este é o caminho por onde devem passar, e passarão a pesar de ti e dos leões.

GRIMA— Mentas; nem este é teu caminho, nem passarão. Venho com o objeto de opor-me a isso, e com essa intenção apoiarei os leões.

A verdade era que, a causa da feroz atitude dos leões e do aspecto torvo daquele que os patrocinava, o caminho havia ficado desde algum tempo quase abandonado, e a grama o cobria em grande parte.

Vindo isto Cristiana alçou a voz dizendo:

—Ainda que os caminhos tenham ficado desertos, e hajam obrigado os viajantes a andar por atalhos e sendas extraviadas, não mais será assim, pois "eu me levantei como mãe de Israel".

Então jurou Grima pelos leões, que seria assim como ele tinha falado, e mandou-lhes que se afastassem do caminho, pois por ali não passariam. Porém o guia o atacou com tão forte empurrão de sua espada, que o obrigou a retroceder.

GRIMA— Matar-me-ás em meu próprio território?

BOM CORAÇÃO— Estamos no caminho do Rei, e nele colocastes teus leões; mas estas mulheres e crianças, embora fracos, seguirão por ele a despeito de tudo.

Assim dizendo, deu-lhe ao gigante um terrível golpe que o fez cambalear e cair de joelhos. Com o mesmo talho tinha rompido também o elmo, e com o seguinte cortou-lhe o braço. Isto fez que o gigante lançasse tão espantosos bramidos que sua voz atemorizou às mulheres; porém, não deixaram de alegrar-se ao vê-lo revolver-se no chão. Entretanto, os leões, encadeados, não podiam por si mesmos fazer nada. Uma vez morto o velho Grima, Bom Coração disse aos peregrinos.

—Vinde, segui-me, e dano nenhum receberéis de parte dos leões.

O seguiram, pois, e passaram sem dano, ainda que, ao se acharem de frente a eles, as mulheres tremiam e os meninos tinham caras de mortos.

Os caminhantes podiam divisar a casinha do porteiro. Em vista do perigoso daquele caminho depois do anoitecer, estavam desejosos de chegar e, apertando o passo, não demoraram e encontrar-se diante da porta. Em resposta à chamada do guia, o porteiro perguntou:

—Quem vai?

Tão pronto como aquele falou: "Sou eu", desceu para abrir, pois Bom Coração havia passado muitas vezes por ali conduzindo peregrinos. Ao abrir a porta, não vendo senão o guia, por estarem os outros detrás, disse:

—Como é isto, Bom Coração? O que te traz por aqui nesta noite, a tais horas?

—Acompanhei —disse— a alguns peregrinos a esta casa, onde por ordem de meu Senhor devem alojar-se. Teríamos chegado mais cedo, se não tivesse sido porque o gigante que costumava apoiar os leões se opus a nós; mas depois de grande combate o deixei morto, e trouxe para cá os peregrinos em segurança.

PORTEIRO— Desejas entrar e ficar até a manhã?

BOM CORAÇÃO— Obrigado, não, voltarei logo ao meu Senhor.

CRISTIANA— Oh, senhor! Não sei como consentir em que você nos abandone. Tem

sido tão fiel e carinhoso! Com tanta valentia tem lutado em nosso favor, com tão boa vontade nos aconselhou, que nunca esquecerei de seus favores.

MISERICÓRDIA— Tomara que pudéssemos ter sua companhia até a fim de nossa viagem! Como poderemos nós, débeis mulheres, perseverar num caminho tão cheio de perigos como este, sem um amigo e protetor?

Jaime, o menor dos rapazes, também agregou sua súplica à dos outros:

—Senhor —disse—, rogo-lhe que se deixe persuadir, e nos acompanhe e ajude, porque somos tão fracos, e o caminho é tão perigoso!

BOM CORAÇÃO— Estou às ordens de meu Senhor. Se dispõe que seja vosso guia até o termo da viagem, de boa vontade os servirei. Mas eis aqui a falta que cometestes num princípio, porque quando me disse que os acompanhasse até aqui, devereis ter-lhe rogado me permitisse acompanhar-vos até o fim, e certamente teria acedido a vossa petição. Por enquanto, pois, devo retirar-me; assim então, boa Cristiana, Misericórdia, e meus queridos filhos, adeus.

CAPÍTULO 9

Os peregrinos recebem afável tratamento no palácio Formoso. Misericórdia tem um sonho promissório. Os rapazes são catequizados por Prudência.

Depois o porteiro, cujo nome era Vigia, interrogou Cristiana acerca de seu país e de sua parentela.

—Sou da cidade da Destruição —disse ela—; sou viúva, e meu marido foi Cristiano, o peregrino.

—Em verdade? —exclamou o porteiro— Ele era teu marido?

—Sim —disse—, e estes são seu filhos; e esta —agregou, indicando Misericórdia— é vizinha do mesmo povo.

Em seguida o porteiro fez soar a campainha, como em tais ocasiões costumava fazer, e chegou-se à porta uma das donzelas, chamada Humildade. A ela falou o porteiro:

—Vai e anuncia que chegaram a viúva e filhos de Cristiano.

Assim ela fez, e grande foi o gozo que sentiram os da casa ao ouvir semelhantes notícias.

Então vieram apressadamente à portaria, onde ainda estavam os viajantes, e as donzelas os convidaram afetosamente a entrar. Cristiana e seus companheiros, seguindo-os, foram introduzidos numa espaçosa sala, e convidados a sentar-se. Logo mandaram chamar às principais da casa, para receber e dar as boas-vindas aos hóspedes. Entrando elas e tendo-lhes sido explicado quem eram os peregrinos, saudaram a todos com um ósculo, dizendo:

—Bem-vindos sejais, vasos da graça de Deus; bem-vindos a nós, vossas amigas.

Sendo a hora bastante avançada, e devido a que os viajantes estavam cansados do caminho, e desfalecidos pelo combate e a visão dos terríveis leões, pediram permissão para retirar-se quanto antes para descansar.

—Ainda não —disseram os da família—; primeiro devereis tomar um ligeiro refrigerio.

Pois havia preparado um cordeiro com o costumeiro molho, por quanto o porteiro havia recebido aviso de sua chegada, e o havia participado aos da casa. Depois do jantar uniram suas vozes em oração, as que terminaram num salmo; e depois, chegando a hora de descansar, as mulheres pediram permissão para ocupar a mesma habitação que tinha sido destinada a Cristiano. Ali, pois, se deitaram, enquanto repousavam de sus fadigas, e Cristiana e Misericórdia dialogaram da seguinte forma:

CRISTIANA— Quando meu marido empreendeu esta carreira, estava eu longe de pensar que um dia o seguiria.

MISERICÓRDIA— E que ocuparias a mesma habitação e repousarias sobre o mesmo leito, como na atualidade acontece.

CRISTIANA— Nem muito menos sonhava ver seu rosto, nem adorar o Senhor nosso Rei juntamente como ele, como agora tenho a esperança de fazer.

MISERICÓRDIA—Escuta: não ouves um ruído?

CRISTIANA— Sim; parece o som de instrumentos musicais que tocam, gozosos de ver-nos aqui.

MISERICÓRDIA— Maravilhoso! Há música na casa, música em nossos corações e música no céu pelo gozo que nossa chegada causou.

Depois de um tempo de conversação, entregaram-se ao sono. Na manhã seguinte, ao

acordarem, Cristiana disse a sua companheira:

—O que era que te fazia rir em teu sonho esta noite? Achei que sonhavas.

MISERICÓRDIA— Sim, é verdade; e efetivamente, era um belo sonho, mas, estás segura que ri?

CRISTIANA— Sim, riste bastante forte: queres me contar o sonho?

MISERICÓRDIA— Sonhei que estava sentada sozinha num lugar afastado, lamentando a dureza de meu coração. Não passou muito tempo, quando muita gente começou a agrupar-se ao meu redor para ver-me e ouvir o que eu dizia. Ouvindo-me queixar-me do empedernido de meu coração, zombaram de mim: uns me qualificavam de maluca, outros começaram a me empurrar de um lado para outro. Naquele trance fechei os olhos e vi um ser resplandecente que voava em minha direção. Chegando até onde eu estava, perguntou-me: "Misericórdia, o que tens?". Ouvida a minha lamentação, disse-me: "A paz seja contigo". Enxugou as minhas lágrimas, vestiu-me de roupas bordadas de ouro e prata, enfeitou-me de custosas jóias, e colocou em minha cabeça uma soberba coroa. Logo, tomando-me da mão, disse: "Segue-me". Subimos juntos até que chegamos numa porta de ouro. Chamou, e quando abriram, entramos. O segui até um trono em que havia um que me deu as boas-vindas. O lugar era resplandecente e brilhava como as estrelas ou, melhor falando, como o sol, e ali acreditei ver teu marido. Então acordei. Então, eu ri?

CRISTIANA— E tanto, e tinhas razão, ao te ver tão favoravelmente acolhida. Acho que podes considerar o sonho como um bom augúrio, e que assim como a primeira parte começou a verificar-se, também receberás o cumprimento do resto. *"Pois Deus fala de um modo, e ainda de outro se o homem não lhe atende. Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama"*¹⁰. Não é necessário que sempre estejamos acordados, para poder falar com Deus. pode nos visitar ainda quando estamos entregues ao sono. Muitas vezes acontece que o coração vela enquanto dormimos, então Deus pode falar-nos por meio de palavras, provérbios, sinais ou similares, o mesmo que se estivéssemos acordados.

MISERICÓRDIA— Em todo caso me alegro de ter tido este sonho, e espero em breve vê-lo cumprido, e então rirei de novo.

CRISTIANA— Parece-me que já é hora de levantar-nos, para tomar conhecimento do que convém fazer.

MISERICÓRDIA— Por pouco que nos instem a permanecermos mais tempo aqui, aceitamos seu convite. Estou tanto mais disposta a ficar, quanto que desejaria conhecer mais de perto estas donzelas. Em meu conceito, Prudência, Piedade e Caridade são de lindo e simpático aspecto.

Quando pouco depois desceram e se encontraram todos reunidos, perguntaram às mulheres como haviam dormido.

—Perfeitamente bem —disse Misericórdia—. Em minha vida passei uma noite melhor.

—Se desejas permanecer algum tempo, o que há em minha casa está a vossa disposição.

Tão cordial foi o convite, que nossos peregrinos não vacilaram em aceitá-lo, e ali permaneceram mais de um mês, com grande proveito de todos.

Um dia Prudência, querendo saber de que forma Cristiana tinha criado seus filhos, pediu-lhe permissão para catequizá-los. De boa vontade consentiu a mãe nisso, e começando pelo de menor idade, principiou assim Prudência:

—Sabes me dizer, Jaime, quem te fez?

JAIME— Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo.

PRUDÊNCIA— Bem falado; e quem te salva?

JAIME— Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo.

PRUDÊNCIA— Como te salva Deus o Pai?

JAIME— Pela sua graça.

PRUDÊNCIA— Como te salva Deus o Filho?

JAIME— Pela sua justiça, morte, sangue e vida.

PRUDÊNCIA— E Deus o Espírito Santo, como te salva?

JAIME— Iluminando-me, renovando meu coração e preservando-me com sua graça.

PRUDÊNCIA (dirigindo-se a Cristiana)— É digna de encômio a maneira como educas a teus filhos. Não necessário fazer aos outros as mesmas perguntas, já que o menos sabe respondê-las tão acertadamente. Falarei agora com José: Queres dizer-me, José, o que é o homem?

¹⁰ Jó 33:14-15.

JOSÉ— Um ser racional feito por Deus, como disse meu irmão.
 PRUDÊNCIA— O que significa quando dizemos que se é "pecador"?

JOSÉ— Que o homem pelo seu pecado se deixou escravizar, e trouxe sobre ele muita miséria.
 PRUDÊNCIA— Que se supõe no fato de que um é salvo pela Trindade?

JOSÉ— Que o pecado é um tirano grande e poderoso; que ninguém, senão Deus, é capaz de livrar-nos de suas garras, e que Deus é tão bom e compassivo, que se digna resgatar o homem de tão miserável estado.
 PRUDÊNCIA— Que objeto tem Deus em salvar os homens?

JOSÉ— O de glorificar seu nome, elogiar sua graça e justiça, e proporcionar felicidade eterna a suas criaturas.
 PRUDÊNCIA— Quem serão salvos?

JOSÉ— Quantos aceitarem a salvação.
 PRUDÊNCIA— Tua mãe ensinou-te bem, e prestas-te atenção aos seus ensinamentos. Agora, Samuel, se não tem inconveniente, farei-lhe umas quantas perguntas. O que é o céu?

SAMUEL— Um lugar e estado mais que abençoado, pois ali mora Deus.
 PRUDÊNCIA— e o inferno?

SAMUEL— Um lugar e um estado muito funesto, por quanto é a morada do pecado, de Satanás e da morte.
 PRUDÊNCIA— Por que desejarias ir para o céu?

SAMUEL— A fim de poder ver a Deus e servi-lo sem descanso; para que veja a Cristo e o ame eternamente, e também para que possa morar em mim aquela plenitude do Espírito Santo que não posso desfrutar aqui em igual intensidade.
 Depois de elogiar a aplicação de Samuel, ocupou-se Prudência no exame de Mateus, o maior.

—Há algo —perguntou— ou houve alguma coisa que existisse antes de Deus?

MATEUS— Não, senhora, porque Deus é eterno, e fora d'Ele não há nada que tivesse ser antes do começo do primeiro dia; *"porque em seis dias fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há"* ¹¹.

PRUDÊNCIA— O que opinas da Bíblia?

MATEUS— Que é a santa palavra de Deus.
 PRUDÊNCIA— Não se encontra nela nada senão o que podes compreender?

MATEUS— Sim, muitíssimo.
 PRUDÊNCIA— Quando tropeças com passagens que não compreendes, o que fazes?

MATEUS— Penso então que Deus é mais sábio que eu; ao mesmo tempo, peço-Lhe que se digne me fazer tudo quanto seja para meu bem.
 PRUDÊNCIA— O que acreditas no que diz respeito à ressurreição dos mortos?

MATEUS— Acredito que os que foram sepultados se levantarão, embora incorruptíveis; e creio nisto por duas razões: primeira, porque Deus o disse, e segunda, porque Deus é poderoso para fazê-lo.
 Neste ponto Prudência deu fim ao exame dos rapazes, e disse:
 —Deveis atender sempre o que vossa mãe vos ensinar, porque podereis aprender dela mais ainda. Prestem atenção também à boa conversação de outras pessoas, a que muitas vezes está destinada ao vosso proveito; recolham cuidadosamente os ensinamentos que vos dão os céus e a terra, e sobre tudo, meditem muito naquele livro que induziu vosso pai a se fazer peregrino. Por minha parte, enquanto estejais aqui vos ensinarei o que possa, e terei especial prazer em que me façam perguntas, sempre que sejam sobre coisas úteis e proveitosas.

CAPÍTULO 10

Os interesses mundanos e a misericórdia não estão de acordo. Funestos resultados da desobediência, vistos na doença de Mateus. Ensinam aos peregrinos coisas maravilhosas antes de recomeçarem sua viagem.

Tinham se passado já uns oito dias da hospedagem dos peregrinos na casa, quando Misericórdia foi objeto de marcadas atenções por parte de um sujeito que começou a freqüentar a casa. Este, que se chamava Bom-Negócio, demonstrava uma regular educação e era piedoso na aparência, mas estava muito apegado ao mundo.

¹¹ Êxodo 20:11

Possuía Misericórdia muitos atrativos; era de lindo e agradável rosto, costumava estar sempre ocupada, e quando não tinha nada para fazer pela própria conta, tricotava ou costurava vestidos para dar de presente aos necessitados. Bom-Negócio, que não sabia onde nem como Misericórdia dispunha de seus labores, apaixonou-se dela, porque nunca a encontrava ociosa, e dizia para sim: "Aposto que terei uma boa mulher de casa".

Misericórdia manifestou às donzelas da casa o que se passava, e pediu-lhes informes acerca de seu pretendente, porque o conheciam melhor que ela.

—É um jovem aproveitado —disseram—, e faz profissão de religião; porém, segundo tememos, é estranho ao poder regenerador do Evangelho.

—Neste caso —afirmou Misericórdia— tudo acabou, porque tenho o firme propósito de não ter jamais marido que possa servir-me de obstáculo no caminho que empreendi.

Prudência considerava que a jovem não teria necessidade de buscar meios para despedi-lo; que o mero fato de continuar trabalhando em favor dos pobres bastaria para refrear seu zelo.

De fato, quando novamente a encontro dedicada às suas tarefas habituais, fazendo roupa para os pobres, disse:

—Então, sempre trabalhando!

—Sim —respondeu Misericórdia—, ou para mim ou para os outros.

—E quanto ganhas por dia?

—Faço isto —contestou Misericórdia— "*para que seja rica em boas obras dadas, entesourando para mim bom fundamento para o porvir, e alcançar a vida eterna*"¹².

—Mas, o que fazes de teu trabalho? —perguntou o moço.

—Isto o faço para vestir os despidos —disse ela.

Tanto o desconcertou esta resposta, que se absteve de voltar à casa, e quando lhe perguntavam o motivo, respondia que a moça era graciosa em verdade, mas tinha idéias caprichosas.

¹² 1 Timóteo 6:18-19



O SR. BOM-NEGÓCIO E MISERICÓRDIA

Quando novamente a encontrou fazendo roupas para os pobres, disse: —Então, sempre trabalhando!

—Não te falei —exclamou Prudência, quando o aspirante abandonou a empresa— que o senhor Bom-Negócio pronto te deixaria? E talvez te calunie, porque a pesar da profissão que faz de religião, vocês dois são de índole totalmente diferente, e a misericórdia é alheia à sua natureza.

MISERICÓRDIA— Já tive vários pretendentes; porém, ainda que não se queixassem de minha pessoa, a índole de meu caráter os desgostava, de forma que não podíamos estar de acordo.

PRUDÊNCIA— Hoje em dia a misericórdia é tida em pouca estima; as pessoas se apaixonam do nome, mas a prática dela resulta-lhes demasiado molesta.

MISERICÓRDIA— Porém eu prefiro morrer solteira antes que mudar de natureza, e estou resolvida a não aceitar jamais marido que não tenha as mesmas disposições. Tinha uma irmã, chamada Generosa, que casou com um homem tacanho e vil; mas como nunca estavam de acordo, e minha irmã determinou continuar como antes, mostrando-se benevolente para com os pobres, seu marido primeiro a denunciou publicamente e depois a lançou na rua, e isto a pesar de fazer profissão de piedade. O mundo está cheio de tais hipócritas mas nenhum deles será para mim.

Os peregrinos estavam ainda hospedados no palácio Formoso, quando o filho maior de Cristiana caiu gravemente doente. Tão fortes eram as dores que sofria, que sua mãe mandou chamar um ancião e experimentado médico que vivia naquela vizinhança, um tal senhor Experto. Este, depois de um reconhecimento do doente, viu que a enfermidade havia tomado um aspecto maligno e deveriam aplicar-se pronto remédios, pois o rapaz estava em perigo iminente. Fizeram-se indagações para descobrir, se for possível, a origem de sua doença, e grande foi a inquietação da mãe quando lhe lembraram a fruta que seu filho tinha comido, pouco depois de terem passado pela porta para o caminho, e seu alarme cresceu a ponto de manifestá-lhe ao doutor que a fruta procedia do pomar de Belzebu, e era, por conseguinte, altamente danosa.

Apurou o senhor Experto os conhecimentos médicos que possuía em favor do doente,

e não havendo acertado com o primeiro que receitou, fez-lhe tomar umas pílulas que em pouco tempo produziram um resultado sumamente benéfico. Abundantes e amargas lágrimas verteu o jovem ao tomar o remédio, mas seu pranto mudou em gozo ao se sentir livre de dor e restabelecida sua saúde. Pronto pode levantar-se e passear pela casa, e assim andava de habitação em habitação falando com Prudência, Piedade e Caridade de sua enfermidade e da forma como tinha sido sarado.

Cristiana, cheia de gratidão pelo restabelecimento de seu filho, queria recompensar o médico pelos bons serviços e cuidados.

—Terás —disse ele— que pagar ao principal do Colégio de Médicos, segundo os regulamentos que tratam do caso.

CRISTIANA— Servem estas pílulas para outras coisas?

EXPERTO— É remédio universal e serve para todas as doenças a que estão expostos os peregrinos; bem preparado, conserva-se sempre bem.

CRISTIANA— Neste caso, suplico-lhe que me proporcione uma provisão para o caminho: tendo este remédio não tomarei outro.

EXPERTO— Estes comprimidos servem como preventivos tanto como para curar; e posso assegurar-te mais, que empregado devidamente, fará que um homem viva para sempre. Porém, advirta-se que não deve tomar-se de outra maneira que a prescrita; de outra forma, não fará bem nenhum.

Então deu a Cristiana medicina para ela mesma e seus companheiros, e tendo admoestado a Mateus que não voltasse a comer fruta proibida, saudando-os, despediu-se.

Uma vez restabelecido Mateus, lembrando-se que Prudência havia-se anteriormente se oferecido para responder qualquer pergunta proveitosa que lhe fosse dirigida, perguntou:

—Como é que a medicina é geralmente amarga ao nosso paladar?

PRUDÊNCIA— Aí podes aprender que da mesma forma são desagradáveis ao coração mundano a Palavra de Deus e seus efeitos.

MATEUS— A medicina, quando acerta, limpa o corpo; o que pode aprender-se disto?

PRUDÊNCIA— Que a Palavra divina, quando opera eficazmente, purifica o coração e a mente: o que uma faz pelo corpo, a outra o faz pela alma.

MATEUS— Que devemos aprender ao ver que as chamas do fogo sobem, e que os raios do sol descem e fazem sentir sua influência desde arriba para abaixo?

PRUDÊNCIA— A subida das chamas nos ensina a enlevar o coração ao céu em ferventes desejos; e os raios de luz, ao descerem, nos lembram que o Salvador do mundo, embora excelso, nos alcança com sua graça e amor ainda em nossa humilde condição.

MATEUS— De onde obtêm as nuvens sua água?

PRUDÊNCIA—Do mar.

MATEUS— O que podemos aprender disto?

PRUDÊNCIA— Que os ministros devem receber sua doutrina de Deus.

MATEUS— E do fato que depois se descarreguem em terra?

PRUDÊNCIA— Que os ministros devem proporcionar ao mundo os conhecimentos que de Deus obtêm.

MATEUS— O que nos ensina o arco-íris formado pelo sol?

PRUDÊNCIA— Que o pacto da graça de Deus nos é confirmado em Cristo.

MATEUS— As fontes de água procedem dos grandes depósitos de água, chegando até nós filtrando-se pela terra; existe algum ensino aqui?

PRUDÊNCIA— Sim, podemos aprender que a graça de Deus chega até nós por via de Jesus.

MATEUS— E dos mananciais que se encontram nos cumes dos altos morros?

PRUDÊNCIA— Estes ensinam que o Espírito de graça manifestar-se-á em alguns que são nobres e de alta esfera, o mesmo que em muitos que são pobres e humildes.

MATEUS— O fogo, quando se apodera do pavio da vela, o que deve nos lembrar?

PRUDÊNCIA— Isto deve lembrar-nos que se a graça divina não acende nossos corações, não existirá em nós a verdadeira luz da vida.

MATEUS— Que ensino existe no fato de que se consumam o pavio e a cera da vela para dar luz?

PRUDÊNCIA— Podemos aprender disto que o corpo, a alma e todo devem estar ao serviço de Deus e gastar-se para manter viva em nós a graça divina.

MATEUS— Dizem que o pelicano fere seu próprio peito com o bico.

PRUDÊNCIA— Isto diziam os antigos que era para alimentar seus filhinhos com seu

sangue. Cristo, de igual modo sara os seus, e o salva da morte derramando seu próprio sangue.

MATEUS— E que deve lembrar-nos o canto do galo?

PRUDÊNCIA— O pecado de Pedro e seu arrependimento. O canto do galo indica também que começa a amanhecer, e isto deve te lembrar o último e terrível dia do Juízo.

Quando houve transcorrido o mês que tinham acordado que duraria sua permanência na casa, os viajantes notificaram as donzelas que lhes convinha pôr-se novamente em marcha. Em vista de tal resolução, José fez lembrar a sua mãe que teria necessidade de pedir ao senhor Intérprete os serviços de Bom Coração para o que restava do caminho. Cristiana, que havia-se esquecido, fez em seguida uma solicitude com essa intenção, e rogou a Vigia, o porteiro, que a fizesse chegar por algum mensageiro de confiança às mãos de seu fiel amigo, o qual, conhecendo seu conteúdo, enviou dizer que a petição seria outorgada.

Vendo a família que os peregrinos estavam decididos a marchar-se, reuniram-se todos para dar graças a seu Rei por ter-lhes enviado hóspedes tão proveitosos. Depois quiseram ensinar-lhes algumas das coisas extraordinárias que havia na casa, a fim que pudessem meditar nelas pelo caminho.

Primeiro, num pequeno quarto, mostraram-lhes fruto da árvore que comeu Eva e deu depois a seu marido, pelo que foram expulsos do Paraíso. Cristiana, perguntada sobre o que era, não sabia se fosse alimento ou veneno, e a explicação que disso lhe deram a deixou vivamente impressionada.

Em outro lugar mostraram-lhe a escada de Jacó. Havia precisamente então anjos que subiam por ela, e tão fascinante era à vista, que os peregrinos não podiam afastar seus olhares do espetáculo. Iam mostrá-lhes outra maravilha, quando Jaime pediu que os deixassem ali mais um pouco; permaneceram, pois, largo tempo deleitando-se com tão agradável perspectiva. Os conduziram depois a um lugar onde viram pendurada uma âncora de ouro. Disseram a Cristiana que descesse, porque, agregaram, é de grande importância tê-la sempre convosco, para que possais com ela ficar firmes em caso que encontreis tempo tormentoso. Dali os acompanharam ao monte onde nosso pai Abraão foi para oferecer seu filho Isaque, e lhes mostraram o altar, a lenha, o fogo e o cutelo para aquele sacrifício empregados. A vista destas lembranças obrigou-os a prorromper em louvores ao Senhor pelo amor e abnegação do patriarca Abraão.

Depois de ter-lhes ensinado estas coisas, Prudência os levou ao comedor, e colhendo um bem afinado clavicórdio, improvisou um cântico, baseado sobre o que os hóspedes acabavam de ver, que dizia:

Para saudável aviso,
O fruto de Eva vos mostrei,
E a escada com os anjos
Que viu Jacó em Betel;
Uma âncora de grande preço
Vos entreguei para o bem;
Mas estas coisas não bastam,
Se, como Abraão, não oferecis
O melhor em sacrifício,
Demonstrando a vossa fé.

CAPÍTULO 11

Os peregrinos, acompanhados de Bom Coração, passam felizmente pelos Vale da Humilhação. Visitam o lugar onde teve lugar o combate entre Cristiano e Apolião.

Assim agradavelmente entretidos, ouviram que chamaram à porta. Era Bom Coração, e grande foi o gozo dos peregrinos ao vê-lo; sua presença lembrava-lhes como fazia pouco tempo havia dado morte ao feroz gigante Grima o Sanguinário, e os havia liberado dos leões.

Saudando a Cristiana e a Misericórdia, disse-lhes:

—Meu Senhor enviou a cada uma de vós uma garrafa de vinho, junto com um pouco de grão tostado e um par de romãs; também enviou-lhes alguns figos e passas para os rapazes; isto vos servirá de refrigério durante o caminho.

Logo se dispuseram a marchar-se, e Prudência e Piedade os acompanharam um

pouco. Na porta, Cristiana perguntou ao porteiro se recentemente alguém havia passado pelo caminho.

—Não —disse—, mas faz algum tempo passou um, quem me contou que acabava de cometer-se um roubo de consideração no caminho real por onde havereis de passar; porém —agregou—, já capturaram os bandidos, e pronto instruirão causa criminal contra eles.

As mulheres assustaram-se um pouco ao receberem estas notícias.

Não há por que ter medo, mãe —disse Mateus—, já que o senhor Bom Coração vai acompanhar-nos.

Cristiana despediu-se afetuosamente do porteiro.

—Me encontro —disse—sumamente agradecida pelas bondades que mostraram para comigo desde que cheguei a esta casa, e pelo tratamento carinhoso e amoroso que tiveram com meus filhos; não sei como recompensar tais favores. Mas, em prova de meu agradecimento, sirva-se aceitar esta bugiganga —e assim dizendo, colocou uma peça de ouro em sua mão.

O porteiro a cumprimentou respeitosamente, e disse:

—Que a tuas vestes sejam sempre brancas e não falte o óleo santo em tua cabeça. Que Misericórdia viva e não sejam escassas as suas obras.

E aos rapazes disse:

—Fugi dos desejos juvenis, e segui a santidade em companhia dos que são circunspetos e sábios; assim infundireis gozo no coração de vossa mãe, e alcançareis louvor de parte de todos os que gozam de são juízo.

Empreendida já a marcha, adiantaram-se ate chegarem ao cume da colina. Naquele momento, Piedade lembrou-se que tinha deixado na casa um presente para nossos viajantes, e voltou apressadamente em procura dele. Durante sua ausência, Cristiana ouviu, procedente de um bosque a pouca distância deles, à direita, um trino estanho e de uma harmonia deleitosa com palavras semelhantes a estas:

Mostraste o teu favor
Em minha vida sem cessar;
Em tua casa, Deus de amor,
Para sempre hei de morar.

Escutando a atenção, parecia que outras notas continuavam após as primeiras, dizendo:

Por quê? Porque o Senhor é bondoso;
Segura para sempre é sua piedade;
Enquanto passa o tempo pressuroso,
Permanece imutável sua verdade.

—Quem produz tão melodiosas notas? —perguntou a Prudência.

—São as nossas aves silvestres —respondeu ela—; raras vezes entoam estes acordes, senão em primavera, quando aparecem as flores e os raios do sol começam a fazer sentir seu calor; então podem ser ouvidas todo o tempo. Frequentemente saio para ouvi-las, e às vezes também temos algumas domesticadas em casa. Nos fazem boa companhia 1d estamos abatidas de espírito, e convertem os bosques e lugares solitários em lugares deliciosos e apetecíveis.

Pronto apareceu novamente Piedade, e disse a Cristiana:

—Olha, trago uma relação das coisas que viste na casa, a qual servirá para trazê-las à memória para tua edificação e consolo, se acaso chegasses a esquecer-las.

Juntos desceram da colina ao Vale da Humilhação; a ladeira era escarpada e o caminho, escorregadio; porém, andando com muita cautela, desceram sem tropeço. Uma vez no Vale, Piedade disse a Cristiana:

—Este é o lugar onde teu marido encontrou-se com o infernal Apolião e travou-se a empenhada luta de que sem dúvida ouviste falar. Mas tem ânimo; tendo a Bom Coração convosco, esperamos tereis melhor sorte.

Neste ponto, depois de havê-las encomendado ao cuidado e proteção de seu guia, as donzelas se despediram deles. Pelo caminho Bom Coração disse:

—Não se deve ter tanto medo deste vale, pois aqui não há nada que possa nos danificar, a não ser que atraiamos o mal sobre nós mesmos. É verdade que aqui Cristiano encontrou a Apolião, com quem teve uma luta encarniçada; mas aquele

combate foi resultado dos deslizos que teve ao descer da ladeira; aos que escorregam lá aguardam-lhes combates aqui. Por isso este vale tem tão ma fama; pois o vulgo, ouvindo dizer que algum desastre aconteceu a Fulano de Tal em tal lugar, imagina que o sítio é freqüentado por algum demônio ou espírito mau quando, desgraçadamente, estas coisas que acontecem aos viajantes são o fruto de suas obras.

Este Vale da Humilhação é, de fato, uma comarca tão fértil como outra qualquer fecundada pelo sol, e estou convencido que não será difícil que encontremos algo por aqui que explique por que Cristiano esteve tão apurado.

JAIME— O que é aquela coluna? Parece que há algo escrito nela; vamos a vê-la.

Aproximaram-se, e encontraram um letreiro que dizia: "Os deslizos de Cristiano, antes de chegar neste lugar, foram a causa da luta que aqui deveu suportar; sirva isto de admoestação a os que no sucessivo viagem por este caminho".

BOM CORAÇÃO— Não você falei que devia achar-se por aqui alguma explicação dos problemas de Cristiano? E, seja dito isto —agregou voltando-se para Cristiana— sem opróbrio de Cristiano nem de muitos outro que tiveram igual sorte, pois é muito mais fácil subir esta ladeira que descê-la, o qual pode se dizer de mui poucas ladeiras. Mas deixemos em paz o bom homem, repousa já, e também alcançou uma vitória esplêndida sobre seu inimigo, queira o que mora nas alturas que não nos sobrevenha coisa pios quando, como ele, passemos por esta prova.

Voltemos agora a falar deste Vale da Humilhação; em toda a região não há um território tão bom e fértil como este. O terreno é rico, e já vedes como abundam as pastagens. Chegue algum de vós em verão, e ainda que não conheça nada com anterioridade deste lugar, se sabe apreciar o que lhe é oferecido à vista, não pode deixar de recrear-se com sua perspectiva. Quão verde é o vale! Quão formoso com seus lírios! Tenho conhecido muitas pessoas da classe trabalhadora que lograram ter boas possessões nesta comarca (*"Ainda que o Senhor é excelso, contudo atenta para o humilde; mas ao soberbo, conhece-o de longe"*¹³), por quanto o terreno é muito fecundo e produz muitíssimo. Alguns também sentiram não poder passar diretamente desde este vale à casa de seu Pai Celestial, e evitar os incômodos que ocasiona o atravessar as colinas e montanhas; mas o caminho foi traçado, e é preciso segui-lo.

Nesta agradável conversação andavam todos entretidos, quando perceberam um pastor que apascentava as ovelhas de seu pai. O moço trajava roupas muito simples; mas tinha o rosto alegre e bem parecido, e, sentado, distraia seu ócio cantando.

—Ouvi o que canta — disse Bom Coração.

Prestando atenção, ouviram que cantava o seguinte:

Cair não teme quem em terra jaz;
Quem não tem orgulho não se eleva;
Jesus no humilde se compraz
E, como Guia, a sua mansão o leva.

Com o que Deus me dá, vivo contento,
Em estreiteza igual que na fartura;
Por te seguir, Senhor, feliz me sinto
Sob a tua santa proteção segura.

É peso a abundância ao peregrino,
Que lhe impede marchar com ligeireza;
Será melhor com pouco no caminho,
Depois terá a celestial riqueza.

¹³ Salmo 138:6



O CANTO DO PASTOR

E, sentado, distraia seu ócio cantando.

BOM CORAÇÃO—Ouvís? Atrevo-me a afirmar que esse moço o passa mais alegremente e tem o espírito mais tranqüilo e sossegado que quem viste seda e veludo; mas retomemos a nossa conversa.

Em outro tempo nosso Senhor tinha uma morada neste vale; gostava muito de estar aqui; comprazia-se em passear por estas pastagens e respirar sua agradável brisa. Neste lugar, as pessoas se sentem livres do ruído e barulho da vida. A confusão e o estrondo são alheios a todos os outros estados; somente no Vale da Humilhação podem encontrar-se a tranqüilidade e o retiro. Nada há que estorve a gente em suas meditações, como costuma acontecer nos outros lugares. É um vale que ninguém freqüenta, senão aquele que ama a vida de peregrino; e se bem Cristiano teve a má sorte de encontrar-se aqui com Apolião, e de lutar furiosamente com ele, os advirto que em outras ocasiões os homens depararam-se com anjos por este caminho, acharam preciosas pérolas e encontraram palavras de vida eterna.

Não somente tinha nosso Senhor uma residência aqui, como já disse, e achava especial prazer em andar por aqui, senão que legou aos que moram no vale ou o atravessam uma renda anual, a qual deve sê-lhes paga regular e fielmente para sua manutenção, e a fim de animá-los a prosseguir em sua peregrinação.

SAMUEL— Entendo que neste lugar meu pai e Apolião travaram luta; mas, onde foi o combate? Pois vejo que o vale é amplo.

BOM CORAÇÃO— Lutaram a pouca distância daqui, num estreito desfiladeiro, um pouco além do lugar chamado de Planície do Esquecimento; e certamente que é a parte mais perigosa destes contornos, pois se alguma vez os peregrinos sofrem algum desastre, é precisamente quando esquecem dos favores recebidos e do imerecidos que são estes. Outras várias pessoas também estiveram aqui em grande apuro; mas falaremos com mas extensão do lugar quando chegemos a ele, porque estou persuadido que haverá até hoje algum rasto do combate, ou algum monumento para comemorá-lo.

Misericórdia—Sinto-me tão bem neste vale como em outro qualquer do caminho; parece-me que o lugar está em harmonia com meu espírito. Me resulta muito grato estar onde não se percebe barulho de carros nem de rodas; aqui pode um, sem incômodo nem estorvo, refletir sobre o que é, de onde veio, o que tem feito e aquilo para o que o Rei o chamou; aqui a gente pode meditar, humilhar-se e cultivar a pobreza de espírito até que seus olhos cheguem a ser como "as pesqueiras de Hesbom". Os que andam devidamente por este vale o convertem em fonte de águas; a chuva também, que Deus envia desde o céu, enche os estanques. Deste lugar o Rei dará aos seus as suas vinhas, e os que andam por aí cantarão, como fez Cristiano, apesar de seu encontro com Apolião.

Bom Coração— É verdade; muitas vezes atravessei este vale, e em minha vida estive melhor. Tenho servido de guia para vários peregrinos, e eles disseram o mesmo. "Àquele, pois, olharei, diz o Rei, quem é pobre e humilde de espírito, e que treme à minha palavra".

Nisto chegaram ao ponto onde tivera lugar o referido combate. Então disse Bom Coração:

—Eis aqui o lugar: neste ponto manteve-se Cristiano, e dali saiu Apolião a seu encontro. E olha, Cristiana, estas pedras estão ainda manchadas com o sangue de teu marido, e ainda podemos ver por aqui e lá algumas farpas dos dardos quebrados de Apolião. Este terreno evidencia quão fortemente deviam bater o chão, para afirmar-se melhor um contra o outro, quando com seus golpes falhos fenderam e destruíram as mesmas pedras. Em verdade Cristiano comportou-se corajosamente, e mostrou tanto arrojo como poderia ter feito o próprio Hércules. Quando Apolião foi vencido, refugiou-se no seguinte vale, que é o da Sombra-da-Morte, no qual pronto chegaremos. Ali também há um monumento, com uma inscrição comemorando por séculos sem fim esta batalha, e a vitória que alcançou Cristiano.

Os peregrinos dirigiram seus passos ao monumento que se levantava no caminho mesmo, e leram a inscrição, que dizia textualmente:

Aqui teve lugar um grande combate,
Bem estranho, porém bem verdadeiro:
Cristiano e Apolião, valentes ambos,
Providos de suas armas se bateram.
Mas Cristiano lutou com tal destreza
Que pôs em fuga a seu inimigo fero;
E em memória do triunfo se levanta
Este nobre, eterno monumento.

CAPÍTULO 12

Os peregrinos estão muito apurados no Vale da Sombra-da-Morte; porém, ajudados pelo Todo Poderoso saem sem lesões. Sangrenta luta entre Bom Coração e o gigante Pancada, que acaba com a morte deste.

Tendo passado este lugar, chegaram à entrada do Vale da Sombra-da-Morte. Este vale era maior que o outro; nele abundavam perigos espantosos, como muitos podem testemunhar; mas os nossos viajantes conseguiram atravessá-lo melhor do que teria sido de não terem a luz do dia e a presença e apóio do guia.

Ao se internarem no vale, pareceu-lhes ouvir gemidos como de homens nas agonias da morte, vozes lastimosas em extremo, junto com lamentos como de pessoas que sofrem tormentos excessivos. Estes ruídos fizeram tremer os rapazes, e empalidecer e estremecer-se às mulheres.

Animados, porém, pelo guia, avançaram até chegar a um lugar onde sentiram que a terra tremia sob seus pés como se houvesse um vazio; escutaram também uns assobios como de cobras, mas ainda nada apareceu à vista.

—Ainda não chegamos ao fim deste horrível lugar? —perguntaram as crianças.

Mas Bom Coração os exortou a terem ânimo, e a que olhassem bem onde punham os pés para não cair numa armadilha.

O pequeno Jaime sentiu-se enfermo; mas, ao parecer, a causa principal de sua doença era o medo que sentia. Sua mãe deu-lhe um gole do licor que haviam-lhes proporcionado em casa de Intérprete e algo do remédio que o senhor Experto tinha preparado, e o menino se repus um tanto. Assim continuaram vale adentro até chegar à metade,

quando Cristiana exclamou:

—Parece-me que vejo algo no caminho, lá na frente, uma coisa feia e deforme como nunca antes vi.

Interrogada por José, não soube dar outros sinais, senão que se aproximava rapidamente a eles.

—Bom —disse Bom Coração—, os que sentem mais medo aproximem-se de mim.

O ente infernal se aproximava, e o guia avançava rumo a ele; mas eis que, quando faltava pouco para se encontrarem, de repente o inimigo desvaneceu-se. Então lembraram do que anteriormente tinham-lhes falado: "*Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós*"¹⁴.

Depois deste sucesso continuaram o caminho algo mais animados; porém um pouco mais adiante, Misericórdia, olhando para trás, pensou ver um leão que corria atrás dela. A fera dava bramidos aterradores, que ecoavam por todo o vale, aterrorizando a todos, exceto o guia. Ao ver que os alcançava, Bom Coração colocou-se entre a fera e os viajantes, se dispondo a resistir; porém quando o leão viu que havia determinado opor-se-lhe, retirou-se e cessou de incomodá-los.

Continuando sua marcha, precedidos pelo guia, chegaram ao ponto onde o caminho era atravessado por uma fossa, e antes que pudessem tomar as medidas necessárias para esquivá-lo, se viram envolvidos numa densa neblina. Os peregrinos achavam estar perdidos.

—O que faremos agora? —exclamaram, mas o guia acalmou sua angústia, dizendo:

—Não temais, detende-vos e vereis que esta dificuldade também desaparece.

Detiveram-se imóveis, e nesta situação ouviram bem distintamente o barulho de seus inimigos infernais, que pareciam correr de um lugar para outro, e distinguiram com maior claridade as chamas e a fumaça do Abismo. Então disse Cristiana a Misericórdia:

—Agora vejo por quais horrores teve que passar meu marido. Muito ouvi falar deste lugar, mas não sabia o que fosse. O coitado passou por aqui sozinho e na escuridão da noite, enquanto estes demônios bramavam em volta dele como se quisessem despedaçá-lo. Muitos têm falado do Vale da Sombra-da-Morte, porém ninguém pode saber o que é até encontrar-se nele. "O coração conhece a amargura de sua alma, nenhum estranho intrrometer-se-á em sua alegria". É terrível estar aqui.

BOM CORAÇÃO— Isto é como negocias nas ruas ou descer no abismo; é como estar no coração do mar ou descer aos fundamentos das montanhas: agora nos parece que a terra, com seus ferrolhos e grades, os mantém encerrados para sempre. Mas "*quando andar em trevas, e não tiver luz nenhuma, confie no nome do Senhor, e firme-se sobre o seu Deus*"¹⁵. Por minha parte, como já disse, muitas vezes atravessei este vale, e achei maiores perigos que os atuais; porém, me vedes ainda com vida. Não quero me vangloriar, porque não sou meu próprio salvador, mas confio que pronto nos será enviado socorro. Vamos, peçamos luz Àquele que pode alumiar nossas trevas, que é poderoso para repreender, não a estes demônios somente, senão também a todos os que se encontram nos antros do inferno.

Em seguida alçaram a voz em demanda de socorro, e Deus atendeu sua oração enviando-lhes luz, por meio da qual viram que já não havia lama nem obstáculo algum. Mas não por isso estavam no fim do vale, e deveram continuar entre fedores fétidos e nauseabundos que os incomodavam grandemente,

—Não é agradável estar aqui —disse Misericórdia a Cristiana—; como na porta, ou na casa do Intérprete, ou no palácio de que acabamos de sair.

—Porém —disse um dos rapazes—, em troca, não é tão desagradável atravessar este lugar como o seria permanecer sempre nele; figura-se-me que um dos motivos pelo que nosso caminho nos conduz por ali é para que a casa celestial que nos está preparada pareça mais deleitável pelo contraste que faz com este vale.

BOM CORAÇÃO— Bem dito, Samuel; falaste como um homem sábio.

SAMUEL— Se saio daqui, apreciarei a luz e um bom caminho mais do que em minha vida tenho feito.

BOM CORAÇÃO— Não demoraremos muito em sair.

JOSÉ— E ainda não pode ver-se o fim do vale?

BOM CORAÇÃO— Olhai bem onde pondeis vossos pés, porque agora chegamos aonde há laços e redes.

Avançaram com cuidado; mas as armadilhas e laços os molestaram muito. Nesta

¹⁴ Tiago 4:7

¹⁵ Isaías 50:10

parte do caminho descobriram, numa vala do lado esquerdo, o cadáver de um homem com as carnes desgarradas.

—Aquele —explicou o guia— é um tal de Descuidado, que fazia o mesmo caminho que nós, mas faz muito tempo jaz ali. Quando foi capturado e perdeu a vida, acompanhava um tal de Cauteloso, que escapou das mãos de seus perseguidores. Não podeis imaginar-vos quantos perdem a vida aqui, e ainda assim os homens são tão loucos e atrevidos, que empreendem com leviandade a peregrinação, e acham poder passar sem guia. Pobre Cristiano! Foi um prodígio que se liberasse destes perigos; mas era muito amado de Deus, e também possuía um coração sincero e valoroso; de outro jeito, nunca teria saído ileso.

Aproximavam-se os viajantes à saída do vale e ao lugar onde Cristiano tinha visto a caverna de Papa e Pagão, quando lhes saiu ao encontro um gigante, chamado Pancada, quem sabia amedrontar os jovens peregrinos. Chamando a Bom Coração pelo seu nome, disse-lhe:

—Quantos vezes te foi proibido fazer isto?

BOM CORAÇÃO—A que te referes?

PANCADA— A quê? Já sabes o que quero dizer; mas pronto acabarei eu com teus serviços.



MORTE DO GIGANTE PANCADA

O gigante, desfalecido, não conseguia empunhar seu cacetete, e Bom Coração, com um último golpe, cortou-lhe a cabeça.

BOM CORAÇÃO— Porém, antes de bater-nos, entendamo-nos sobre os motivos de nossa disputa.

Durante este diálogo os peregrinos tremiam, não sabendo o que fazer. O gigante continuou:

—Roubas ao país, e teus roubos são os mais inqualificáveis.

BOM CORAÇÃO— Esta não é senão uma acusação geral; vamos aos fatos concretos.

PANCADA— Traficas com carne humana; recolhes mulheres e crianças, os levas a um país estrangeiro, com grande detrimento e quebrando do reino de meu Senhor.

BOM CORAÇÃO— Sou servo do Deus do céu; a minha ocupação é a de persuadir os homens a que se arrependam; foi-me confiado o encargo de fazer o possível para que estes homens, mulheres e crianças se convertam das traves para a luz, e da potestade de Satanás para Deus. e se este é o motivo da pendência, travaremos luta quando desejos.

O gigante avançou então, armado de um grande cacetete, e Bom Coração foi ao seu encontro, desembainhando no ato sua espada. Sem mais palavras principiou o combate e à primeira cacetada de seu contrário, Bom Coração caiu sobre um de seus joelhos. Ao ver este contratempo, as crianças e mulheres proferiram em gritos de angústia; mas o guia, recuperando-se, acometeu seu adversário com tantos brios que o feriu num braço. Deste modo lutaram, durante uma hora, chegando a fatigar-se até tal extremo, que o hálito saía dos narizes do gigante como vapor de um caldeiro fumegante.

Deram-se trégua por um breve intervalo, e o gigante sentou-se a descansar, enquanto Bom Coração entregou-se à oração. Os peregrinos não cessaram de lançar suspiros e de chorar durante todo o tempo que durou o combate.

Repostas um pouco as suas forças, voltaram os combatentes à luta. Bom Coração, de um golpe certo, fez o gigante morder o pó.

—Alto —exclamou este—, deixa-me levantar.

Bom Coração, no cumprimento das leis da honra, o deixou pôr-se novamente em pé, e renovou-se a furiosa batalha. Com uma forte cacetada, Pancada quase quebra o crânio de Bom Coração, vendo o qual este, acendido seu espírito, abalançou-se sobre seu adversário, e conseguiu dar-lhe uma estocada debaixo da quinta costela. O gigante, desfalecido, não conseguia empunhar seu cacetete, e Bom Coração, com um último golpe, cortou-lhe a cabeça.

Grande foi o regozijo dos peregrinos ao verem morto seu inimigo; e Bom Coração, não menos contente, deu humildemente graças a Deus pela vitória que lhe havia proporcionado. Cumprido seu dever, levantaram entre todos uma coluna, sobre a qual fixaram a cabeça do gigante, colocando embaixo o seguinte leiteiro, para que os transeuntes puderam ler claramente:

Esta foi a cabeça de um gigante
Que a todo peregrino incomodava,
Para que não seguissem adiante,
E todo o mal possível lhes causava.
Mas eu, Bom Coração, sempre ansioso
De guiá-los, como Cristo me ordenava,
Lutei com ele e o deixei vencido,
Destruindo adversário tão odioso.

CAPÍTULO 13

Encontram-se os peregrinos com Integridade, que lhes faz agradável e proveitosa companhia. Conversação sobre as dificuldades e problemas de Receoso, e seu triunfante fim.

A pouca distância do lugar onde havia acontecido o referido combate, havia uma altura levantada, com o objeto que desde ela os peregrinos pudessem desfrutar de um panorama mais extenso. Desde essa altura foi onde Cristiano viu pela primeira vez seu irmão Fiel. Chegados ali nossos viajantes, sentaram-se para descansar e reparar suas forças com um ligeiro refrigerio, reinando entre eles muita alegria por ver-se livres de tão formidável inimigo.

Enquanto comiam, Cristiana perguntou ao guia se não havia recebido dano durante o combate.

BOM CORAÇÃO— Nada, somente umas ligeiras feridas na carne, e estas, longe de me machucar, servem presentemente como prova de meu amor para meu Senhor, e para vós logo servirão, pela graça de Deus, para aumentar meu galardão.

CRISTIANA— Mas não sentiste medo quando o viste sair com seu cacetete?

BOM CORAÇÃO— É o meu dever desconfiar de minha própria habilidade e forças, a fim que coloque a minha confiança naquele "que é mais poderoso que todos nós".

CRISTIANA— O que pensaste quando te derrubou no primeiro golpe?

BOM CORAÇÃO— Lembrei-me que assim foi tratado meu Senhor mesmo, e ainda

assim, foi Ele que finalmente levou a vitória.

MATEUS— Pensem outros o que desejem, de minha parte considero que Deus mostrou maravilhosa bondade para conosco tirando-nos do vale e liberando-nos da mão deste inimigo. Acho que já não devemos desconfiar mais deste Deus, em vista da admirável prova de amor e acaba de dar-nos num lugar como este.

Depois disto, marcharam adiante. Ao pouco tempo, debaixo de um carvalho, encontraram um ancião peregrino, entregado a um profundo sono. Souberam que era peregrino pelas suas vestes, seu bordão e seu cinto.

Acordado pelo guia, o homem alçou a vista e perguntou, sobressaltado:

—O que há? Quem sois e o que fazeis aqui?

BOM CORAÇÃO— Não vos assusteis, homem; somos todos amigos.

Ainda assim falando, o ancião levantou-se e distanciou-se deles, até saber com maior segurança quem eram. Então, agregou Bom Coração:

—Meu nome é Bom Coração; sou o condutor destes peregrinos que se dirigem ao país celestial.

—Peço-vos que dispenseis meu receio e desconfiança —disse o peregrino, que se chamava Integridade—; temia que pertencêsseis à quadrilha que roubou, pouco tempo atrás, a Pouca-Fé, mas agora que vos presto mais atenção, vejo que sois pessoas honestas.

BOM CORAÇÃO— E que poderias ter feito para te defender, se de fato tivéssemos sido os salteadores de caminhos?

INTEGRIDADE— O que teria feito? Teria lutado com todas as minhas forças, e assim fazendo, estou seguro que nunca me teriam vencido. Um cristão não pode ser vencido, e não ser que se renda ele mesmo.

BOM CORAÇÃO— Bravo, amigo! Falaste a verdade; vejo que és moeda de boa lei.

INTEGRIDADE— E eu também vejo que sabes o que é a verdadeira vida de peregrinação, pois todos os outros figuram-se que somos os primeiros a sermos vencidos.

BOM CORAÇÃO— Já que tão felizmente nos encontramos, rogo-te me digas teu nome e o de teu povo natal.

INTEGRIDADE— Pelo que respeito a meu nome, não posso satisfazer-te; quanto a minha procedência, venho do povo da Estupidez, que se encontra muitas léguas além da cidade da Destruição.

BOM CORAÇÃO— Ah! Então és tu, hein? Acho que já adivinho teu nome; te chamas Integridade, não é verdade?

O ancião corou.

—Integridade em abstrato, não —disse—; contudo, assim me chamam, e gostaria que o meu caráter correspondesse a meu nome. Mas, como pudeste deduzir que sou tal homem, dado que provenho de um tal lugar?

BOM CORAÇÃO— Já havia ouvido falar de ti ao meu Senhor, quem sabe tudo quanto se passa na terra; porém mais de quatro vezes estranhei de ter achado alguém de teu povo, porque é pior ainda que a mesma cidade de Destruição.

INTEGRIDADE— Sim; vivemos mais afastados das influências diretas do sol e, por conseqüência, somos mais frios e estúpidos; mas ainda quando um homem se encontrasse numa montanha de gelo, se o Sol de Justiça resplandecesse sobre ele, seu gelado coração se derreteria; assim aconteceu comigo.

BOM CORAÇÃO— Acredito, pai Integridade, acredito; pois sei que é verdade.

Então o ancião cumprimentou os peregrinos com o ósculo santo da caridade, e perguntou-lhes como se chamavam e o que haviam passado desde que empreenderam a viagem.

CRISTIANA— Meu nome, sem dúvida, não te será desconhecido; o bom Cristiano era meu esposo, e estes quatro jovens são seus filhos.

Que arrebatado de alegria teve o bom de Integridade ao ouvir disto! Deu pulos como um moço, sorriu e os abençoou com mil desejos para sua prosperidade, dizendo:

—Muito ouvi falar de teu marido, de sua viagem e das lutas que susteve durante sua vida. Diga-se para teu consolo que sua fama espalhou-se por toda parte: sua fé, seu valor, sua paciência nos sofrimentos e sua sinceridade em tudo fizeram célebre seu nome.

Conhecendo os nomes dos rapazes, disse-lhes:

—Mateus, segue a Mateus o publicano, não certamente no vício, porém sim na virtude. Samuel, como Samuel o profeta, homem de fé e de oração. José, como José em casa de Potifar, sê casto e fugi da tentação. E tu, Jaime, imita a conduta de Tiago o

irmão do Senhor.

Quando depois lhe falaram de Misericórdia, e de como havia-se separado de seu povo e de seus parentes para acompanhar a Cristiana e seus filhos, agregou:

—Misericórdia é teu nome, e pela misericórdia serás sustentada e conduzida através de todas as dificuldades que te assaltem pelo caminho, até que chegues onde poderás olhar face a face Àquele que é fonte de misericórdia.

Enquanto caminhavam juntos, o guia, que tinha ouvido com complacência as palavras de seu novo companheiro de viagem, perguntou se havia conhecido um tal de Receoso, que saiu da mesma comarca para ir em peregrinação.

INTEGRIDADE— Sim, muito bem eu o conhecia. Era um homem que tinha a raiz da religião em seu coração, mas era o peregrino mais molesto de quantos conheci.

BOM CORAÇÃO— Já vejo que o conhecias, porque o descreveste perfeitamente.

INTEGRIDADE— Conhecê-lo! Fomos companheiros íntimos por muito tempo, e estávamos juntos quando pela primeira vez o assaltaram temores acerca do porvir.

BOM CORAÇÃO— E eu fui seu guia desde a casa de meu amo até as portas da Cidade Celestial.

INTEGRIDADE— Nesse caso saberás quão fastidioso era.

BOM CORAÇÃO— É verdade, mas podia muito bem suportá-lo tudo, porque os de minha profissão temos muito freqüentemente o encargo de conduzir pessoas de semelhante índole.

INTEGRIDADE— Fala-nos algo dele; gostaríamos de saber como se comportou enquanto esteve em tua companhia.

BOM CORAÇÃO— Este sujeito sempre temia que não chegaríamos onde desejava ir. Tudo quanto ouvia dizer, se tinha a menor aparência de oposição, o assustava. Dizem que perto de um mês andou gemendo e chorando na beira do Pântano da Desconfiança; não se atrevia a aventurar-se, por mais que viu várias pessoas atravessá-lo, algumas das quais lhe ofereceram a mão para ajudá-lo. Também não queria retroceder. Dizia que morreria se não chegasse à Cidade Celestial e, ainda assim, caía e se abatia diante de cada dificuldade que se apresentava, e tropeçava em cada palha que achava no caminho. Depois de ter permanecido prostrado muito tempo à beira do Pântano, um dia de sol aventurou-se e conseguiu atravessá-lo sem saber como, e uma vez que esteve na margem oposta, apenas se acreditava. Tinha, parece-me, um Pântano da Desconfiança em sua mente: um pântano que levava consigo por todas partes. Deus outro modo, nunca teria sido o que era. Chegou à porta que, como sabeis, está no princípio deste caminho, e ali também aguardou muito tempo sem ousar chamar. Quando a porta se abria, se retirava, cedendo a outros seu lugar, pois dizia que não era digno de entrar. Assim é que, embora chegasse antes que outros, muitos entraram primeiro que ele. Ali ficava tremendo e encolhendo-se, dava pena vê-lo; mas não queria voltar atrás. Finalmente colheu a aldrava e deu um par de batidinhas; abriram-lhe a porta em seguida, mas ele se retirou como antes. Então saiu o porteiro e lhe disse:

—Tu tremes, o que desejas?

Receoso, ao ouvir isto, caiu por terra. O porteiro maravilhou-se ao vê-lo tão minguado de ânimo e o alentou, dizendo:

—A paz seja contigo; levanta-te, és abençoado.

Com isto levantou-se e entrou tremendo, e ainda do de estar dentro envergonhava-se de mostrar seu rosto. Pois bem; depois de ter sido obsequiado ali algum tempo da forma que já sabeis, disseram-lhe que prosseguisse seu caminho e foi-lhe indicada a senda que havia de tomar. Assim andou até chegar a nossa casa, mas como tinha se comportado fora da porta estreita, assim se comportou à porta de meu senhor Intérprete. Ficou fora, no frio, muito tempo antes que cobrasse valor para chamar; queria voltar, e precisamente então as noites eram mais e mais frias. Levava em seu seio uma carta urgente, dirigida ao meu senhor, encarecendo-o que o recebesse e obsequiasse, e também que lhe proporcionasse um forte e valoroso guia, já que ele mesmo era tão medroso; e contudo, temia chamar à porta. Assim sendo, andou o coitado vagando em volta da casa, até que esteve quase morto de fome. Tão profundo era seu estado de abatimento, que não podia decidir-se a chamar, embora visse alguns que com pedir somente a entrada já eram admitidos. Por fim, olhando eu por uma janela e vendo um homem que vagueava perto da porta, sai e lhe perguntei quem era; mas, pobre homem!, seus olhos se arrasavam em lágrimas, e por isso adivinhei o que desejava. Entrei, portanto, o manifestei na casa e fomos participá-lo ao nosso Senhor. Ele enviou-me de novo a suplicá-lhe que entrasse, e bastante trabalho me custou. Finalmente, acedeu às minhas súplicas e entrou; e, seja dito em honra de meu Senhor, ele o tratou com um

carinho e atenção maravilhosos. Poucos bocados delicados havia sobre a mesa sem que se depositasse parte em seu prato. Então apresentou a carta e meu senhor, tendo-a lido, disse que atenderia seus desejos. Depois de algum tempo de estar ali, parecia que nosso homem cobrou mais ânimo e se sentiu mais cômodo, pois devem saber que meu amo é muito doce e compassivo, especialmente com os que são temerosos; por conseguinte, o tratou da maneira que melhor contribuía a infundi-lhe confiança.

Quando houve visto as curiosidades da casa e estava para continuar a viagem, meu amo lhe deu, como antes a Cristiano, uma garrafa de licor e algumas coisas apetitosas para comer. Empreendemos a marcha, vindo ele após mim; mas era homem de poucas palavras, e tinha o costume de lançar fortes suspiros. Quando chegamos à forca de que estavam pendurados aqueles três velhacos, disse que temia o alcançasse a mesma sorte. No entanto, alegrou-se muito ao ver a cruz e o sepulcro; quis permanecer ali uns momentos para contemplá-los, e durante algum tempo depois pareceu algo animado. Ao chegar na colina Dificuldade, não vacilou em subi-la, nem mostrou muito medo dos leões. Sua inquietude não era motivada por estas coisas; o que lhe infundia medo era a dúvida que tinha de se seria aceito ao terminar sua viagem.

O fiz entrar no palácio Formoso antes do que teria desejado, e uma vez adentro, o apresentei às donzelas da casa; porém sentia demasiado temor para desfrutar de sua companhia. Seu anseio era estar sozinho, embora gostasse das pias conversações, e amiúde se ocultava detrás do biombo para ouvi-los. Muito lhe agradava também ver as coisas antigas e meditar nelas. Mais tarde disse que havia encontrado especial prazer em estar nas outras duas casas, ou seja, na da porta estreita e na de Intérprete, mas que não tinha se atrevido a perguntar nada.

Saímos do palácio Formoso e descemos pela ladeira do Vale da Humilhação; jamais vi um homem descê-la melhor; não se importava de quão humilde fosse, com tal que pudesse alcançar o fim da bem-aventurança. Parece-me que havia uma espécie de simpatia entre ele e aquele vale, porque em toda sua peregrinação nunca o vi mais contente e feliz que ali. Deitava-se no chão, abraçava a terra e ainda beijava as flores que cresciam no vale. Levantava-se a cada manhã ao despontar a madrugada, e se passeava por aqueles contornos.

Mas quando chegamos à entrada do vale da Sombra-da-Morte, temi perdê-lo, não porque tivesse inclinação a retroceder; isso o aborrecia sempre, mas estava como para morrer de medo. "Oh, os fantasmas me pegarão! Serei preso pelos demônios!", exclamava atemorizado; e eu não podia fazê-lhe acreditar o contrário. Ali lançou tantos gritos, que temi que seus brados fossem causa de algum ataque, mas uma coisa chamou-me muito a atenção, e foi que nem antes nem depois vi o vale tão tranqüilo como em aquela ocasião. Acho eu que os inimigos achavam-se então refreados por mandado especial do Senhor, quem havia-lhes proibido agir até que Receoso tivesse atravessado.

Seria demasiado cansativo contá-lo tudo; por isso me limitarei a um par de incidentes mais. Ao chegar na Feira da Vaidade, achava eu que ele teria se batido com todos os feirantes. Temia que nos matassem a pancadas, tão colérico ficou contra suas loucuras. Na Terra-Encantada também mostrou-se muito cauteloso e vigilante. Mas quando chegou ao rio onde não havia ponte, ficou de novo sumamente abatido. "Agora —disse— perecerei afogado, e nunca poderei gozar da vista daquele rosto pelo que tantas léguas viajei".

Ali também me chamou a atenção uma coisa notável: a água do rio estava no mais baixo nível que jamais vi, de forma que por fim o atravessou pouco menos que em seco. Enquanto subia até a porta da cidade, comecei a despedir-me dele, desejando-lhe um feliz recebimento.

—Sim que o terei, não cabe dúvida —exclamou, e com isso nos separamos, e não voltei vê-lo.

INTEGRIDADE— Até que parece que no final saiu-se bem.

BOM CORAÇÃO— Sim, eu nunca o duvidei; era homem de um espírito formoso, só que sempre estava muito abatido, e isso fazia que sua vida fosse uma pesada carga para ele mesmo, e incômoda para os outros. Sobre tudo, tinha a consciência muito tenra. Temia até tal extremo prejudicar a outros, que com freqüência privava-se do que era lícito para não fazê-los tropeçar.

Integridade— Mas, qual pode ser a razão pela que um homem tão bom estivesse tão em trevas durante toda sua vida?

BOM CORAÇÃO— Uma das razões disto é que o Deus que todo sabe o deseja assim; alguns tangem e outros lamentam. O senhor Receoso era um que tocava sempre o

contrabaixo, correspondendo-lhe, como aos outros de seu mesmo caráter, os instrumentos de notas mais lúgubres, embora alguns opinem que o baixo é o fundamento da música. Por minha parte, não dou nada por aquela profissão de piedade que começa com a aflição de espírito. As primeiras notas toca o músico, quando deseja afinar um instrumento, e assim também Deus, quando afina para si a alma de uma pessoa, toca primeira esta corda. A imperfeição de Receoso consistia em que não soube produzir outros sons musicais até estar já perto de seu fim (falo neste sentido metafórico para contribuir ao desenvolvimento do engenho de meus jovens leitores, e porque no livro do Apocalipse se compara os remidos a uma companhia de músicos que, acompanhando-se com suas trombetas e harpas, entoam seus cânticos diante do trono de Deus).

INTEGRIDADE— Do que nos falaste depreende-se que era zeloso, um homem cheio de zelo; não temia no mais mínimo às dificuldades, os leões, nem a Feira da Vaidade; o que lhe infundia terror era o pecado, a morte e o inferno, porque abrigava algumas dúvidas acerca do direito que tinha ao país celestial.

BOM CORAÇÃO— Tens razão. Estas eram as coisas que lhe molestavam, e procediam, como bem disseste, não de alguma fraqueza de espírito com respeito à parte prática da vida de peregrinação, senão da fraqueza de seu ânimo acerca daquelas; podendo-se assegurar que nenhum obstáculo físico tivesse podido desviá-lo de seu caminho; mas nenhum pode sacudir com facilidade os temores experimentados por Receoso.

Cristiana— Este relato acerca de Receoso me foi de grande utilidade, pois acreditava que não tinha existido ninguém tão aflito como eu; mas vejo que as aflições sentidas por este bom homem têm alguma semelhança com as minhas; somente nos diferenciamos em duas coisas: suas penas eram tão graves que se declararam, mas as minhas as guardei escondidas no coração. As suas também se agravaram, até o ponto de impedir-me chamar às casas preparadas para nossa hospedagem; mas as minhas eram tais que me obrigaram a chamar com maior força.

MISERICÓRDIA— Para descarga de meu coração, devo manifestar que senti algo do mesmo espírito que animava a Receoso; porque sempre temi mas o inferno e a perda de um lugar no Paraíso que a perda de outras coisas. "Oh", dizia para mim, "Que não daria eu para alcançar a felicidade de possuir uma morada ali, embora para lográ-la tivesse que sacrificar o que mais aprecio neste mundo!".

MATEUS— O temor era a única coisa que me fazia acreditar que distava muito de possuir em meu interior o que acompanha a salvação; mas se tudo isto lhe aconteceu a um homem tão bom como ele, por que não esperar que no final eu também triunfe completamente?

JAIME— Sem temor não haverá graça. Embora não sempre há graça onde existe temor do inferno, é verdade que onde não existe o temor de Deus também não existe a graça.

BOM CORAÇÃO— Bem falado, Jaime; deste no alvo: "O temor de Deus é o princípio da sabedoria"; e por certo, os que não têm o princípio carecem também do meio e do fim. Tomara que outras muitas pessoas se assemelhassem mais com respeito a isto ao nosso amigo Receoso!

CAPÍTULO 14

Os peregrinos ocupam-se de Teimoso em sua conversação. Chegam à pousada de Gaio. Carinhoso recebimento que ali lhes fizeram.

Com as palavras antes citadas, Bom Coração pôs termo a sua conversa sobre Receoso, mas não por isso decaiu o diálogo. Integridade em seguida começou falar de outro que se chamava Teimoso.

—Este —disse o ancião— aparentava ser peregrino, mas estou persuadido que nunca entrou pela porta estreita.

BOM CORAÇÃO— Falaste com ele alguma vez sobre o particular?

INTEGRIDADE— Sim, mais de cem vezes; mas seu caráter quadrava com seu nome: era sempre voluntarioso. Não fazia caso das pessoas, nem de argumentos, nem de exemplos; fazia o que bem entendia, e nenhuma persuasão podia com ele.

BOM CORAÇÃO— Sem dúvida saberás e poderás nos dizer por que princípios se regia.

INTEGRIDADE— Mantinha que a pessoa pode imitar os vícios o mesmo que as virtudes dos peregrinos, e que, assim fazendo as coisas, certamente salvar-se-ia.

Bom Coração— Como! Se tivesse falado que é possível que os melhores sejam culpados de vícios, enquanto ao mesmo tempo podem participar das virtudes dos peregrinos, não poderíamos contradizê-lo, porque não estamos absolutamente isentos de nenhum vício, senão enquanto vigiemos e resistamos. Mas vejo que não é isto o que ele queria dizer; se te compreendi bem, esse sujeito mantinha que era lícito fazê-lo.

INTEGRIDADE— Justamente; assim o cria e assim o praticava.

BOM CORAÇÃO— mas Que fundamento tinha ph semelhante asserção?

INTEGRIDADE— Dizia que tinha apóio nas Sagradas Escrituras.

BOM CORAÇÃO— Te agradeceremos que nos expliques com maior detalhe.

INTEGRIDADE— De todo coração. Dizia que ter trato com as mulheres de outros homens tinha sido praticado por Davi, o amado de Deus, e por conseguinte ele podia fazê-lo; que o ter pluralidade de esposas era o que Salomão havia praticado; logo, ele podia seguir seu exemplo. Que Sara, as piedosas parteiras do Egito e Raabe, que foi salva quando a toma de Jericó, mentiram, e ele tem o direito de fazer o mesmo; que os discípulos foram por ordem de seu Senhor a roubar um jumento, o qual lhe dava a ele licença para furtar; que Jacó logrou de seu pai a herança por meio de fraude e dissimulo e que ele, em consequência, podia seguir com impunidade o caminho do engano.

BOM CORAÇÃO— Ruim e miserável! E estas seguro que sustentava tais opiniões?

INTEGRIDADE— Ouvi-lo falar em defesa delas, alegar argumentos para prová-las e citar as Escrituras em apóio delas.

BOM CORAÇÃO— Tal opinião não é digna de crédito algum.

INTEGRIDADE— Compreende bem: não dizia que todo homem pudesse fazer isto, mas sim que as pessoas que possuísem as virtudes dos que praticavam tais coisas tinham licença para fazer o mesmo.

BOM CORAÇÃO— Mas que conclusão tão falsa! Isto é o mesmo que se dissesse que, já que algumas boas pessoas em tempo passado pecaram por causa de suas debilidades, ele tinha por isso direito de fazer o mesmo. Com conhecimento e presunçosamente, ou porque uma criatura, empurrada por uma rajada de vento, ou por ter tropeçado com uma pedra, caiu e sujou com lodo, ele poderia de propósito pular na lama e revolver-se nela como um javali, quem poderia acreditar que alguém pudesse estar tão obcecado com a concupiscência? É verdade o que está escrito: *"tropeçam na palavra, sendo desobedientes; para o que também foram destinados"* ¹⁶. Supor que os que se entregam com total intuito aos vícios que caracterizaram alguns homens piedosos, possam possuir suas virtudes, é também um desacerto tão grande como o outro. É como se um cão dissesse: "Tenho ou posso ter as qualidades de uma criança, porque devoro asquerosos excrementos". Cometer com premeditação pecados do povo de Deus não é sinal de que alguém possua suas virtudes; nem posso acreditar que uma pessoa que negue tal opinião possa ter fé em Deus ou amor para Ele... Eu sei que refutaste suas idéias com algumas razões poderosas. O que ele disse em sua defesa?

INTEGRIDADE— Alegou que parece muito mais honorável fazer como resultado de crenças, que fazê-lo a pesar de opiniões contrárias.

BOM CORAÇÃO— Este arrazoamento é perverso em extremo; embora seja ruim dar liberdade às paixões e à concupiscência, enquanto as opiniões o reprovam, o pecar e alegar licença para fazê-lo é ainda pior. O primeiro faz tropeçar os outros repentinamente, enquanto o segundo conduz, pela força de argumentos, à armadilha que lhes está preparada.

INTEGRIDADE— Existem muitos que são do mesmo parecer que esse malvado, mas não têm a mesma falta de vergonha em manifestá-lo, e isto é o que desacredita tanto a vida de peregrinação.

BOM CORAÇÃO— Desgraçadamente, é verdade; mas quem teme o Rei do Paraíso sairá do meio deles.

CRISTIANA— Pelo mundo correm opiniões farto estranhas. Conheci um que dizia que haveria tempo para arrepende-nos quando chegasse a hora da morte.

BOM CORAÇÃO— Tais pessoas não são devidamente sabias. Se àquele homem tivesse-lhe sido concedido o prazo de uma semana para correr sete milhas para salvar sua vida, não teria desejado aprazar a carreira toda até a última hora da semana.

INTEGRIDADE— Perfeitamente; porém, a maior parte dos que se intitulam peregrinos, em verdade agem assim. Sou ancião, como podeis ver: faz muito tempo que sigo este caminho, e já reparei em muitas coisas.

Vi alguns saírem com tantos brios, que parecia que nada poderia sustentar-se diante

¹⁶ 1 Pedro 2:8

deles, e ainda assim, em poucos dias ficaram mortos como os israelitas no deserto, e nunca chegaram a ver a terra da promessa.

Outros vi que no princípio não prometiam nada, e poderíamos acreditar que não perseverariam um único dia, mas no final chegaram a serem bons e fiéis peregrinos. Vi alguns que começaram a correr apressadamente para a vida, e que depois de um tempo voltaram para atrás com a mesma precipitação.

Conheci alguns que de boas a primeiras falavam muito bem da vida de peregrinação, e pouco tempo depois não poderiam ter falado pior dela.

Ouvi alguns, ao empreenderem sua viagem para o Paraíso, afirmarem positivamente que tal lugar existe, e os mesmos, quando já faltava-lhes pouco para alcançá-lo, voltarem negando sua existência.

A outros ouvi fazer alarde do que fariam, caso encontrarem oposição, e ainda assim, por um falso alarme deram por terra com sua fé, com a vida de peregrino e com tudo.

Enquanto assim falavam nossos peregrinos, chegou um correndo ao seu encontro, e gritando:

—Senhores, se apreciam vocês suas vidas, coloquem-se a salvo que os ladrões estão na frente!

—Serão os três que em outra ocasião assaltaram a Pouca-Fé —disse o guia—; mas que venham, já estamos preparados.

E continuaram seu caminho, olhando para todas partes se por caso dessem com aqueles canalhas; mas fosse porque eles tivessem ouvido falar de Bom Coração, ou porque estavam em busca de outra presa, não incomodaram os viajantes com sua presença. Neste ponto Cristiana manifestou desejos de encontrar uma pousada para ela e seus filhos, porque se sentiam fatigados.

—Há uma um pouco mais adiante —disse Integridade—, onde mora um discípulo honesto, chamado Gaio.

Com esta notícia decidiram todos dirigir-se para lá, tanto mais quanto o ancião falava também dela. Chegados à casa, entraram sem chamar, porque não é costume bater na porta de uma pousada. Indagaram pelo dono, e quando este apareceu, perguntaram-lhe se poderiam hospedar-se ali naquela noite.

—Sim, senhores —respondeu Gaio—, se sois pessoas retas; a minha casa somente serve de albergue para peregrinos.

Alegrou-se ainda mais Cristiana, Misericórdia e os rapazes, ao saber que o hospedeiro queria e respeitava os peregrinos. Então pediram habitações, e pronto estavam todos comodamente alojados.

Depois perguntou o guia:

—Bom Gaio, o que tens para jantar? Estes peregrinos vêm de longe e estão cansados.

GAIO— É tarde já, de modo que não podemos sair a comprar, mas o que temos em casa está a vossa disposição, se vos basta.

BOM CORAÇÃO— Estaremos contentes com o que tens em casa, porque sei por experiência própria que nunca te falta o que é conveniente.

Seguidamente desceu o hospedeiro a dar ordens ao cozinheiro, que se chamava Cata-o-Bom, para que preparasse o jantar para tantas pessoas. Feito isto, subiu de novo, e disse-lhes:

—Agora, bons amigos, bem-vindos sejais; e alegre-me de ter casa para oferecer-vos. Se vos apraz, enquanto estão preparando o jantar, nos entreteremos com boa conversação.

A uma voz deram os hóspedes a entender que estavam conformes.

GAIO— Esta matrona, de quem é esposa? E esta donzela, de quem é filha?

BOM CORAÇÃO— A senhora era esposa de um tal Cristiano, peregrino de outro tempo: estes são seus quatro filhos. A moça é uma de suas conhecidas, a quem persuadiram que os acompanhe. Os filhos seguem o exemplo do pai e anseiam perseverar no mesmo caminho; sempre que vêem algum lugar onde o ancião peregrino deitou-se, ou descobrem alguma que outra de suas pegadas, regozijam-se e sentem o desejo de deitarem no mesmo lugar ou pôr seus pés na mesma pisada.

GAIO— Esta é a esposa de Cristiano! E estes são seus filhos! Pois conhecia o pai de teu marido, e também seu avô. Muitos desta estirpe foram virtuosos; seus antepassados viviam primeiro em Antioquia. Os progenitores de Cristiano (não duvido que tenhas ouvido falar deles), pessoas muito apreciáveis. Estes, por acima de quantos tenho conhecido, destacaram-se em virtude e valor, sendo fiéis ao Senhor dos peregrinos, às suas veredas e aos que O amavam. Tenho ouvido de muitos dos parentes de teu marido que suportaram toda classe de provas por amor da verdade. Estevão, que era um dos

primeiros desta linhagem, foi apedrejado; Tiago, outro da mesma linhagem, foi morto pelo fio da espada; e por não dizer nada de Paulo e Pedro, que também eram desta ascendência. Houve Inácio, que foi jogado aos leões; Romano, cuja carne foi-lhe arrancada pouco a pouco dos ossos, e Policarpo, que se manteve valente em meio das chamas. Houve um que foi colocado num saco de couro e pendurado ao sol para ser devorado pelas vespas, e outro que, encerrado também num saco, foi jogado no mar, e afogou-se. Seria de nunca acabar enumerar os que daquela família padeceram ultrajes e martírios por amor da vida de peregrino. Espero que mantenham a honra do nome do pai, que seguirão suas pegadas e que alcançarão o mesmo fim que ele.

BOM CORAÇÃO— Pois sim; são jovens que prometem muito; que de coração têm decidido seguir seu pai.

GAIO— O falado, falado está! Por isso é provável que a família de Cristiano se esparja sobre a face da terra, e chegue a ser muito numerosa; por tanto convém que Cristiana escolha donzelas para seus filhos, com as que possam serem desposados *"para que o nome do falecido não seja desarraigado dentre seus irmãos e da porta do seu lugar"* ¹⁷.

INTEGRIDADE— Seria uma pena que esta família decaísse e se extinguisse.

GAIO— É impossível que pereça, porém poderia minguar; que Cristiana aceite meu conselho, esse é o modo de sustentá-la. —Então, dirigindo-se a Cristiana, prosseguiu—: Me alegro de ver-te aqui com tua amiga Misericórdia, bonita companhia. Se me permites aconselhar-te, estreita ainda mais tuas relações com esta jovem, e se ela consente nisso, que seja desposada com Mateus, teu filho mais velho. Esta é a forma de conservar posteridade na terra.

O conselho de gaio caiu-lhes em graça; efetuaram-se as núpcias e, andando o tempo, os jovens foram unidos em matrimônio; mas disto trataremos mais adiante.

—Agora — prosseguiu Gaio—, falarei em favor das mulheres para tirá-lhes seu opróbrio. Assim como a morte e a maldição entraram no mundo por meio de uma mulher, assim também a vida e a saúde. *"Deus enviou seu Filho, nascido de mulher"* ¹⁸. E ainda mais se demonstra que as que viram depois dela aborreceram o que fora feito por nossa comum mãe, quanto a que este sexo, em tempos do Antigo Testamento, desejava ter filhos, se por acaso esta ou aquela pudesse ser a mãe do Salvador do mundo.

Quando finalmente veio o Salvador, as mulheres se regozijaram nEle antes que homem ou anjo. Não vejo que homem algum tenha dado a Cristo nem sequer um centavo; porém as mulheres o seguiram servindo-o de suas fazendas. Foi mulher quem lavou seus pés com lágrimas, e uma mulher também ungiu seu corpo antecipadamente para seu sepultamento. Foram mulheres as que choraram quando o levaram para o suplício, e mulheres as que o seguiram desde a cruz e se sentaram junto ao seu sepulcro quando foi enterrado. As primeiras que estiveram com Ele na manhã da Ressurreição foram mulheres, e mulheres também as que primeiro levaram aos discípulos a notícia de que Ele havia ressuscitado. As mulheres, portanto, são altamente abençoadas, e se vê por estas coisas que participam conosco da graça da vida.

Entretanto, o cozinheiro mandou avisar que o jantar estava pronto, e veio um doméstico para colocar a toalha de mesa e preparar tudo.

A vista desta toalha de mesa —disse Mateus— e destes preparativos do jantar me abrem o apetite.

GAIO— Assim todas as doutrinas e ministros devem engendrar em ti nesta vida mais vivos desejos de participar da do grande Rei em seu reino; pois a predicação, os livros e demais não são senão o colocar sobre a mesa a louça, os preparativos da comida, em comparação do que o Senhor nos fará quando chegemos a sua casa.

Em seguida serviu o jantar. Em primeiro lugar colocaram diante deles lombo (como o que antigamente se entregava em oferta a Deus) e um peito (que lhes lembrava o peito que se agitava diante do Senhor), dando a entender que deviam dar princípio à comida com oração e louvor, seguindo o exemplo de Davi, quem costumava elevar seu coração a Deus e celebrar suas graças com a harpa. Estes dois pratos eram frescos e bons, e todos comeram bem deles.

Depois trouxeram uma garrafa de vinho, vermelho como o sangue.

—Podeis beber disto sem reservas —disse Gaio—; é o produto da vide verdadeira, o qual alegra a Deus e aos homens.

Beberam, pois, e se regozijaram.

¹⁷ Rute 4:10

¹⁸ Gálatas 4:4

Seguidamente apresentaram um prato de leite com pão.

—Que os rapazes tomem isto —disse Gaio—, para que cresçam em saúde.

Depois disto foi-lhes trazida manteiga e mel.

—Comei liberalmente disto —disse o hospedeiro—; é bom para animar e fortalecer vosso juízo e discernimento. Esta era a comida de nosso Senhor quando criança: *"Manteiga e mel comerá, quando ele souber rejeitar o mal e escolher o bem"* ¹⁹.

Ao verem que traziam um prato de fruta da época e de bom sabor, Mateus perguntou se era lícito comer dela, pois foi com ela que seduziu a serpente a nossa primeira mãe.

Ao qual respondeu Gaio:

Com as maçãs fomos enganados,
Mas a culpa, não o fruto, nos reprova;
Os frutos danificam, quando vedados;
Comer o não proibido é coisa boa.
Come, Igreja, os frutos regalados,
O vinho bebe, que de gozo cheia;
E se, enferma de amor, estás prostrada,
Pronto sentir-te-ás corroborada.

Mateus— Manifestei meu escrúpulo porque faz um tempo cai doente por ter comido fruta.

Gaio— Digo e repito que a fruta proibida te fará mal, não a que o nosso Senhor permite.

Enquanto assim falavam, colocaram diante deles um prato de nozes. À vista delas, alguns disseram:

—As nozes estragam os dentes, especialmente os das crianças.

Gaio, ouvindo a observação, dissipou o receio, dizendo:

O texto dificultoso
É com a noz parecido:
A dura casca impede
Chegar ao fruto escondido;
Mas se quebrar a casca,
Já pode ser comido.

Reinava muita expansão entre os hóspedes, e permaneceram largo tempo à mesa, entretenendo-se em agradáveis discursos.

—Bom senhor —disse então o ancião Integridade—, enquanto estamos descascando nossas nozes, vejamos se decifras este enigma:

Um homem a quem por louco se temia,
Tanto mais rico estava
Quanto mais repartia.

Esperaram todos com atenção para ver qual seria a resposta de Gaio. Depois de um momento de silêncio, disse:

Quem de seus bens aos pobres dá,
De novo, e com aumento, receberá.

José ficou admirado de que tão facilmente tivesse acertado.

—Oh! —exclamou Gaio— Desde muito tempo atrás fui instruído nestas matérias; nada ensina como a experiência. De meu Senhor aprendi a ser benigno e generoso, e sempre achei que deste modo o ganho esteve de meu lado. "Alguns repartem, e lhes é agregado mais; outros são escassos mais do que é justo, e chegam à pobreza". "Alguns ficam ricos, e não têm nada, e outros se fazem pobres, e têm muitas riquezas".

SAMUEL (no ouvido da mãe)— Mãe, esta é a casa de um mui bom homem, fiquemos aqui um bom espaço de tempo, e que meu irmão Mateus case com Misericórdia antes que vamos mais longe.

—De boa vontade, filho —respondeu Gaio, que havia ouvido a conversação.

Ficaram, portanto, de acordo, e permaneceram ali mais de um mês, em cujo intervalo

¹⁹ Isaias 7:15

efetuou-se o casamento. Misericórdia, durante este tempo, não deixou de fazer, como era seu costume, roupa e vestidos para os pobres, por cujas prendas contribuiu à boa reputação de que gozavam os peregrinos. Mas voltemos ao nosso relato.

Concluído o jantar, os rapazes quiseram retirar-se, sentindo-se muito fatigados pela viagem. Assim, pois, foram conduzidos ao quarto que estava-lhes destinado, e dormiram tranqüilamente até a manhã. Mas os outros velaram durante toda a noite, porque o hospedeiro e os hóspedes achavam tanto prazer em sua mútua companhia que não sabiam como separar-se. Depois de muita conversação acerca de seu Senhor, de si mesmos e de sua viagem, o ancião Integridade começou a dormir.

—Como! —disse Bom Coração— Estás sonolento? Vamos, acorda: aqui tens um enigma.

INTEGRIDADE— Ouçamos.

Então disse Bom Coração:

Deve ser antes vencido
Aquele que queira vencer,
E morrer dentro de casa,
Se vivo, fora, há de ser.

Integridade— Certamente é um enigma difícil; difícil de explicar, e ainda mais de pôr em prática. Se desejas, senhor Gaio, deixar-te-lo-ei; explica-o, e de boa vontade te ouvirei.

GAIO— Não, que o enigma foi proposto a ti, e de ti deve provir a resposta.

Então disse Integridade:

Deve ser pela graça vencido
Quem deseje o pecado vencer;
E deverá morrer para si mesmo
Quem a vida deseje ter.

GAIO— Tens razão; a boa doutrina e a experiência ensinam isto. Porque, primeiro, até que se manifeste a graça e com sua glória vença a alma, é de pouca utilidade resistir o pecado; além disso, como o pecado é a corda de Satanás com a que tens ligada a alma, como pode esta opor-se antes que seja libertada desta doença? E segundo, ninguém que conheça ou a razão ou a graça acreditará que o homem que é escravo de suas próprias paixões seja um monumento vivo da graça divina.

E agora que penso, vou contar-vos uma história que merece a pena ser ouvida. Dois homens iam em peregrinação; um começou sendo ainda jovem, o outro quando já era ancião. O jovem teve que agüentar uma luta contra fortes corrupções; as paixões do ancião estavam debilitadas pela decadência da natureza. O jovem marchava com passo tão firme e tão ligeiro como o velho. Em qual dos dois resplandecia mais claramente a graça, sendo que ambos pareciam iguais?

INTEGRIDADE— No jovem, sem dúvida, porque quem enfrenta maior oposição demonstra melhor que é o mais forte, especialmente quando corre parelho com aquele que não encontra nem a metade da resistência, como seguramente acontece com a velhice. Além disso, notei que freqüentemente os anciãos se congratulam de um erro, quer dizer, que tomam a decaída da natureza por uma conquista sobre suas corrupções, e assim tem-se enganado. Naturalmente, os anciãos que possuem a graça divina são os que melhor podem aconselhar os jovens, porque viram a vaidade das coisas. Porém, quando um ancião e um jovem empreendem juntos o caminho, este último tem a vantagem do mais luminoso descobrimento de uma obra de graça em sua alma, embora as paixões daquele sejam mais fracas.

CAPÍTULO 15

Bom Coração capitaneia uma expedição contra o gigante Mata-o-Bom. Morte do gigante e resgate de Fraca-Mente, em quem vemos o que podem a determinação e a constância a despeito das fraquezas normais. Encontro com Prestes-A-Coxear, quem se une aos outros peregrinos. A marcha retomada.

A aurora achou os peregrinos ainda entregues às doçuras da conversação. Quando a

família estava já levantada, Cristiana disse a seu filho Jaime que lesse um capítulo da Bíblia. Ele escolheu o capítulo 53 de Isaías. Acabada a leitura, Integridade perguntou por que se dizia que o Salvador era *"como raiz de uma terra seca"*, e também o que queria dizer a frase *"não havia boa aparência nele, nem beleza"* ²⁰.

BOM CORAÇÃO— Ao primeiro contesto que seria porque a igreja dos judeus de que descendia Jesus, havia naquele então perdido quase toda a seiva e espírito da religião; quanto ao segundo, as palavras são como pronunciadas pelos incrédulos, os que, faltos da visão espiritual com que olhar dentro do coração de nosso Príncipe, julgam dEle segundo o áspero de sua aparência externa como os que, ignorando que as pedras preciosas estão cobertas de uma tosca crosta, ao acharem uma e não sabendo seu valor, a jogam fora como se fosse uma pedra ordinária.

—Agora bem —disse Gaio—; já que estais aqui, e sendo que Bom Coração tem muita destreza no uso das armas, depois de um pequeno refrigério, se não tendes inconveniente, sairemos ao campo para ver se podemos fazer algum bem. A coisa de uma meia légua daqui há um gigante, chamado Mata-o-Bom, que comete muitas maldades neste pedaço do caminho real, e sei onde tem a sua guarida. É chefe de uma quadrilha de ladrões. Seria bom se pudéssemos desembaraçar esta comarca dele.

Consentiram nisso e, saindo, Bom Coração com sua espada, elmo e escudo, e o resto com lanças a paus.

Encontraram o gigante com um tal de Fraca-Mente entre suas mãos, a quem os seus subalternos havia apreendido pelo caminho e o haviam trazido. O gigante ocupava-se em despojá-lo de quanto tinha, com o propósito de comê-lo depois, pois era da raça dos antropófagos.

Vendo a Bom Coração e seus amigos na entrada da caverna, os interpelou, perguntando o que queriam.

BOM CORAÇÃO— É a ti a quem buscamos; viemos vingar os muitos peregrinos que mataste depois de tê-los afastado do caminho real; portanto, sai da toca.

O gigante armou-se no ato e saiu. Os dois se bateram durante uma hora ou mais, e então se detiveram um pouco para retomar o alento.

—Por que vens ao meu território? —rosnou o gigante.

BOM CORAÇÃO— Para vingar o sangue dos peregrinos, como já te disse.

Recomeçou o combate, e o gigante fez ceder um pouco a Bom Coração; porém este arremeteu de novo, e com sua costumeira valentia fez chover tão fortes golpes sobre a cabeça e os flancos de seu adversário, que o obrigou a soltar a arma; então, aproveitando a vantagem, investiu novamente e o matou, cortando-lhe a cabeça, a que levou à pousada. Tomou também o peregrino Fraca-Mente, e o levou com ele ao alojamento. Ao chegar lá na casa, mostraram a cabeça do gigante à família, e logo a penduraram, como anteriormente haviam feito com as outras, para escarmento de quantos no sucessivo tentaram fazer o mesmo.

Sendo que já estava a salvo, interrogaram a Fraca-Mente para que contasse como havia caído em tais mãos.

—Sou homem doentio, como vedes —disse—, e como a morte costumava bater todos os dias na minha porta, pensei que nunca estaria bem em casa; por isso me dei à vida de peregrinação, e vim para cá desde o povo da Indecisão, de onde sou natural, o mesmo que meu pai. Não tenho forças de corpo nem de mente; mas embora não possa mais que arrastar-me, desejaria passar minha vida nesta senda. Quando cheguei à porta que dá entrada a este caminho, o senhor daquele lugar tratou-me com muita liberalidade; também não opôs reparos a minha aparência enfermiça nem a minha fraca mente, mas facilitou-me o necessário para a viagem, e me disse que tivesse b ánimo até o fim. Também fui objeto de muitos obséquios na casa de Intérprete, e porque consideravam que o desfiladeiro Dificuldade fosse demasiado áspero para mim, um de seus criados subiu-me em suas costas. Tenho recebido muita ajuda de parte de outros peregrinos, ainda que nenhum deles consentisse em avançar tão lentamente como eu me vejo obrigado a viajar; porém, quando me alcançavam se detinham para animar-me, dizendo ser a vontade do Senhor que se desse consolo aos de pouco ánimo, e depois apertavam o passo. Continuei andando até chegar no caminho do Assalto, e ali cai nas mãos deste gigante. Disse-me que me preparasse para combater com ele mas eu, pobre de mim!, antes bem tinha necessidade de um licor. Então se apoderou de mim, mas eu estava convencido que não me mataria; mais tarde também, quando já tinha me levado a sua guarida, já que fui com ele contra a minha vontade, abriguei a certeza de que

²⁰ Isaías 53:2

sairia com vida, porque tenho ouvido dizer que nenhum peregrino cativado à força pode morrer nas mãos do inimigo, sempre que mantenha um coração reto para seu Senhor, o que é uma das leis da Providência. Esperava ser seqüestrado, e efetivamente, o fui; mas, como vedes, escapei com vida, e dou graça a meu Rei como autor do meu resgate, e a vós outros como o médio dele. Não acredito que este seja o último desastre que vai me acontecer, mas a uma coisa estou resolvido, isto é, a correr enquanto possa; e quando já não possa correr, caminharei devagar; e quando isto me seja impossível me arrastarei, pois em quanto ao essencial, graças Àquele que me ama, estou decidido. Diante de mim se estende o meu caminho, e embora seja de fraca mente, tenho a vista colocada no país além do rio que não tem ponte.

INTEGRIDADE— Não conheceste, algum tempo atrás, um certo sujeito que se chamava Receoso?

FRACA-MENTE— Sim que o conheci. Vinha do povo de Estupidez, que se encontra a muitas léguas ao norte da cidade de Destruição e a outras tantas de meu povo nativo. Apesar disto, éramos muito conhecidos e parentes, por ser ele meu tio por parte de meu pai. Quanto a parte moral, fomos muito parecidos, e no físico também tínhamos o mesmo semblante, ainda que ele fosse um pouco mais baixo do que eu.

INTEGRIDADE— Não duvido que o conhecesses, e também posso facilmente acreditar que tenham sido parentes, porque tens a mesma palidez no rosto; és vesgo, como ele, e o teu sotaque é muito parecido com a seu.

FRACA-MENTE— Quase todos os que nos conheceram aos dois têm falado a mesma coisa; além disso, o que reparei nele o achei, geralmente, em mim mesmo.

GAIO— Tem bom ânimo, amigo; bem-vindo sejas. Estamos a tua disposição, e poder pedir o que desejes; criados também estarão às tuas ordens para servir-te de boa vontade.

FRACA-MENTE— Este é um favor inesperado, como quando o sol deixa ver seu resplendor depois de permanecer oculto trás de uma espessa nuvem. Acaso queria o gigante Mata-o-Bom proporcionar-me este favor, quando me deteve e chegou a deixar-me continuar meu caminho? Queria, por ventura, que depois de roubado viesse eu à casa de "Gaio, meu hospedeiro"²¹? Pois assim é.

Fraca-Mente e Gaio estavam assim falando, quando naquele momento chegou um a toda pressa, e chamando à porta, comunicou-lhes a notícia de que, a curta distância da casa, um raio havia convertido em cadáver um peregrino chamado Errado.

—Ah, que desgraça! —exclamou Fraca-Mente— Alcançou-me alguns dias atrás, e queria andar em minha companhia. Estava também comigo quando o gigante Mata-o-Bom me capturou, mas, ligeiro de pés como era, fugiu; segundo parece, escapou para morrer, enquanto que a mim me aprisionaram para que vivesse.

Estando ainda nossos peregrinos na pousada, efetuou-se o concertado matrimônio entre Mateus e Misericórdia. Gaio também deu sua filha Febe a Jaime para esposa. Depois disto, permaneceram todos uns dez dias naquela casa hospitaleira, passando o tempo à maneira habitual dos peregrinos.

Antes de partir, Gaio os obsequiou com um suntuoso festim de despedida. Por fim, chegou a hora da partida e, querendo Bom Coração satisfazer a conta do hospedeiro, este deu-lhe a entender que em sua casa não era costume que os viajantes pagassem sua manutenção; os tomava como pupilos, e esperava receber seu pagamento do bom Samaritano, quem havia-lhe prometido que ao seu retorno lhe pagaria quantos gastos tivessem lhe ocasionado.

—Amado —disse Bom Coração—, te comportas com fidelidade em tudo quanto fazes com os irmãos, e particularmente com os peregrinos, e deram testemunho de tua caridade na presença da Igreja; aos quais, se encaminhares, segundo Deus, farás bem.

Gaio logo se despediu deles, de seus filhos e com um carinho especial, de Fraca-Mente. A este também lhe prestou auxílios para que se confortasse durante o caminho.

Este último, quando saíram os outros, fez como se fosse permanecer; porém, vendo-o Bom Coração, disse-lhe:

—Vem conosco, senhor Fraca-Mente; vem, que eu serei teu guia e te tratarei como aos outros.

FRACA-MENTE— Ah! Necessito um companheiro de minha condição: vós são todos fortes e robustos; mas eu, como vedes, sou fraco; prefiro, pois caminhar detrás, não seja que por uma de minhas muitas fraquezas chegue a ser-vos gravoso a vós outros e a mim mesmo. Digo que sou de um ânimo fraco e débil; e o que outros podem suportar

²¹ Romanos 16:23

bem a mim fadiga e cansa. Não gosto de rir, tenho aversão pelos vestidos lúcidos; todo assunto que não seja de proveito me desgosta. Em verdade, tão fraco sou que o que os outros tem liberdade de fazer me escandaliza. Ainda não conheço toda a verdade. Sou um cristão muito ignorante; às vezes, quando escuto os outros gozar-se no Senhor, me aflijo porque não posso fazer o mesmo. Acontece comigo como com um homem fraco entre os forte, ou como um doente no meio de pessoas sadias, de forma que não sei bem o que fazer.

BOM CORAÇÃO—Mas, irmão, tenho o encargo de "consolar os de ânimo curto e suportar os fracos". É preciso que venhas conosco; já acomodaremos nosso passo ao teu, te prestaremos nosso auxílio; por amor de ti nos negaremos muitas coisas, assim em opiniões como na prática; também não entraremos em discussões na tua frente, faremos todo para ti, antes de ver-nos obrigados a deixar-te atrás.

Tudo isto aconteceu estando na porta mesma de Gaio, e enquanto estavam no mais vivo da conversação, um tal de Prestes-A-Coxear, com suas muletas nas mãos, acertou passar; também ele ia em peregrinação.

—Homem —disse-lhe Fraca-Mente—, o que te traz por aqui? Precisamente estava me queixando por não ter companheiro de minha própria índole; mas tu vens a pedir de boca; mil vezes bem-vindo, bom senhor Prestes-A-Coxear; espero que servir-nos-emos de recíproca ajuda.

PRESTES-A-COXEAR— Alegrar-me-ei em tua companhia, e antes que nos separemos, já que tão felizmente nos encontramos, emprestar-te-ei uma de minhas muletas.

FRACA-MENTE— Obrigado, aprecio em muito tua boa vontade; mas não estou para coxear antes de ser coxo. Contudo, poderia ser-me útil em alguma ocasião para defender-me contra um cão.

PRESTES-A-COXEAR— Se eu e as minhas muletas podemos servir-te em algo, estamos ambos a tua disposição.

E assim dizendo, puseram-se em caminho.

CAPÍTULO 16

Os peregrinos chegam à Feira da Vaidade, onde encontram albergue na casa de Mnáson; agradável trato tiveram com alguns cristãos do povo. Escaramuça com um mostro que devastava a comarca.

Empreendida a marcha, os viajantes continuaram seu caminho na ordem seguinte: primeiro iam Bom Coração e Integridade; depois vinham Cristiana com seus filhos, e detrás de todos andavam Fraca-Mente e Prestes-A-Coxear com suas muletas. Então deu Integridade princípio à conversação seguinte:

—Já que estamos outra vez em viagem, conta-nos por favor algo dos que levaste antes que nós pelo mesmo caminho.

BOM CORAÇÃO— De bom grado. Já terás ouvido falar do encontro que teve Cristiano com Apolião no Vale da Humilhação, e com quantos perigos e dificuldades tropeçou no vale da Sombra-da-Morte. Também não ignorarás quão irado ficou Fiel, tendo que opor-se às superstições da senhora Sensualidade, Adão-Primeiro, Descontentamento e Pejo, quatro dos velhacos mais malandros com que alguém pode tropeçar em todo o caminho.

INTEGRIDADE— Sim, disso eu soube; parece que foi com Pejo com quem se encontrou Fiel em maior aperto; ele o acossava sem dar-lhe trégua.

BOM CORAÇÃO— É verdade; e, como bem disse Fiel, ele era, de todos os homens, quem tinha um nome que menos lhe quadrava ²².

INTEGRIDADE— Em que parte foi onde Cristiano e Fiel se encontraram com Loquaz? Este também era um charlatão de primeira.

BOM CORAÇÃO— Era um néscio, inchado de vã confiança; contudo, muitos seguem suas pegadas.

INTEGRIDADE— Faltou pouco para que seduzisse a Fiel.

BOM CORAÇÃO— Sim, mas Cristiano indicou-lhe a maneira de descobrir de uma vez seu verdadeiro caráter.

Nestas conversas andaram até que observou Bom Coração:

—Por aqui foi onde o Evangelista saiu ao encontro de Cristiano e Fiel, e predisse-lhes os trabalhos que deveriam suportar na Feira da Vaidade.

²² N. do T.: Pejo significa Vergonha.

INTEGRIDADE— De veras? Parece-me que os advertiu que seria difícil ouvi-lo sem soçobra.

BOM CORAÇÃO— Tens razão; mas ao mesmo tempo seu bom amigo não deixou de infundi-lhes ânimo. Mas, o que estamos falando deles? Eram dois homens com o valor do leão e uma resistência a toda prova; não lembras de quão impávidos compareceram diante do juiz?

INTEGRIDADE— Com quanto heroísmo padeceu Fiel!

BOM CORAÇÃO— Verdade, e seus padecimentos originaram novos atos heróicos, pois disse-se que Esperança e alguns outros converteram-se a causa de sua morte.

INTEGRIDADE— Continua com teu relato, que gosto de ouvi-lo, e estás bem à par desses sucessos.

BOM CORAÇÃO— De todos quantos Cristiano encontrou depois de ter atravessado a Feira da Vaidade, o mais infame foi Interesse-Próprio.

Integridade— Interesse-Próprio! Quem era ele?

Bom Coração— Um malandro consumado, um soleníssimo hipócrita. Um que a todo trance queria ser religioso; mas era astuto, e procurava não perder nem sofrer nada por causa de sua religião. Tinha sua crença apropriada para cada ocasião que se lhe oferecia, e sua mulher tinha tanta destreza no ofício como ele. Mudava de opinião em opinião, dando giros como o cata-vento, e além disso aconselhava os outros a imitá-lo. Mas, segundo tenho entendido, seus interesses privados o conduziram a um triste fim, e também não ouvi dizer que nenhum de seus filhos tenha jamais ganho o respeito ou a estimação dos que de verdade temem a Deus.

Nisto, chegaram à vista do povo de Vaidade, onde se encontrava a Feira. Vendo os peregrinos que estavam tão perto do povo, tomaram conselho entre si do melhor modo de atravessá-lo. uns diziam uma coisa e outros, outra, até que no final Bom Coração tomou a palavra, e disse que, tendo passado repetidas vezes por aquele povoado no desempenho de seu ofício, tinha a fortuna de conhecer um ancião discípulo, natural de Chipre, chamado de Mnáson, em cuja casa poderiam hospedar-se.

—Se vos parece bem —disse—, dirigiremos nossos passos para lá.

—Conforme —disseram todos a uma.

Tinha escurecido quando chegaram nas redondezas do povoado, mas Bom Coração conhecia o caminho. Assim que o ancião Mnáson ouviu a voz do guia que o chamava, a reconheceu, e abrindo a porta, os peregrinos entraram na casa.

—De onde vindes hoje? —perguntou-lhes.

—Da casa de nosso amigo Gaio —responderam.

MNÁSON— Bom trecho de caminho tendes feito; bem podeis estar cansados. Assentai-vos.

BOM CORAÇÃO— Vamos, amigos, como estais agora? Me atrevo a dizer que meu amigo regozija-se com vossa chegada.

MNÁSON— Efetivamente, vos dou as boas-vindas; todo quanto desejeis, pedi-lo, e faremos o possível para comprazer-vos.

INTEGRIDADE— O que nos fazia grande falta, poço tempo atrás, eram albergue e boa companhia, e agora nos felicitamos de termos ambas as coisas.

MNÁSON— Quanto ao albergue, já vedes o que é; mas no que toca à boa companhia, isso ver-se-á na prova.

Por instigação do guia, Mnáson conduziu os viajantes a suas respectivas habitações; ao mesmo tempo mostrou-lhes um comedor bastante cômodo, onde podiam jantar e ficar juntos até a hora de retirar-se.

Estando outra vez reunidos, e sentindo-se repostos das fadigas da marcha, Integridade perguntou ao patrão se havia muitas pessoas piedosas no povoado.



A FEIRA DA VAIDADE

Apenas se aperceberam de sua passagem pela feira, todas as pessoas e a população inteira comoveu-se, e houve um alvoroço por sua causa.

MNÁSON— Existem algumas, ainda que poucas em comparação dos que pertencem ao outro partido.

INTEGRIDADE— Como nos arranjaremos para ver alguns deles? Aos que peregrinam, a vista de pessoas piedosas é como a aparição da lua e das estrelas para os navegantes.

MNÁSON— bateu o chão com seu pe, e subiu sua filha Graça.

—Vai, Graça —disse-lhe—, e dize aos meus amigos Contrito, Varão-Santo, Amor-pelos-Santos, Não-Mentir e Penitente, que em casa tenho alguns amigos que desejam vê-los.

Estes acudiram em seguida, a convite de Graça, e trocadas as saudações, sentaram-se todos juntos à mesa.

MNÁSON— Vede aqui, vizinhos meus, uma companhia de forasteiros que vieram pousar em minha casa. São peregrinos que vêm de muito longe, e se dirigem para o monte Sião. —E agregou indicando a Cristiana— Quem pensais que é? É a Cristiana, viúva de Cristiano, aquele peregrino famoso que, junto que seu irmão Fiel, foi tão vilmente afrontado neste povoado.

Assombrados ficaram os visitantes ao ouvir isto, e disseram:

—Longe estávamos de sonhar em ver à Cristiana quando Graça veio nos chamar; esta é uma surpresa sumamente agradável.

Então a interrogaram pela sua saúde, e pela dos filhos de Cristiano. Recebendo uma resposta positiva, disseram:

—O Rei a quem amais e servis vos faça como a vosso pai, e vos conduza em paz aonde ele está.

Depois Integridade perguntou a Contrito e aos outros em que estado se encontrava naquele momento seu povo.

CONTRITO— Podes ter certeza que estamos bastante afanados nesta época de feiras,

pois custa muito guardar nosso coração e espírito em bom estado durante a buliçosa temporada. Quem mora num lugar como este e tem que tratar com pessoas como os nossos vizinhos e concidadãos, tem a necessidade de vigiar em todo momento.

INTEGRIDADE— São tranquilos vossos vizinhos?

CONTRITO— São muito mais moderados do que antes eram, já sabes como trataram a Cristiano e Fiel; agora não cometem tantos excessos. Parece-me que o sangue de Fiel foi-lhes até o presente uma pesada carga, porque desde que o queimaram tiveram demasiada vergonha para repeti-lo em outros. Naqueles tempos tínhamos medo de passear nas ruas, mas agora podemos assomar a cabeça. Então o nome de um que professava a piedade era odioso; agora, particularmente em alguns bairros (já sabeis que o povo é grande), a religião é tida em honra. E como vocês tendes passado a vossa peregrinação? Como os olha o país? Com favor ou com hostilidade?

INTEGRIDADE— Acontece-nos o mesmo que a maior parte dos viajantes; algumas vezes o caminho se apresenta aberto, outras, complicado; caminhamos ora morro acima, ora morro abaixo; raras vezes há equilíbrio. Não tempos sempre vento em popa, nem é amigo todo aquele que encontramos no caminho. Já nos vimos em apertos notáveis, e o que ainda nos aguarda, o ignoramos; mas em geral, encontramos ser verdade o que antigamente foi dito: que um homem bom tem que sofrer provas.

CONTRITO— Falas de problemas; em quais vos encontrastes?

INTEGRIDADE— Bom Coração é quem melhor pode dar relação disso.

BOM CORAÇÃO— Fomos atacados três ou quatro vezes já. Em primeiro lugar, Cristiana e seus filhos foram molestados por dos velhacos, os que acreditaram que lhes tirariam a vida. Depois fomos acometidos pelos gigantes Grima, Pancada e Mata-o-Bom. A este último antes bem o atacamos nós. Eis aqui como aconteceu: fazia algum tempo que estávamos em casa de Gaio, "*hospedeiro meu e de toda a igreja*"²³, quando nos determinamos colher nossas armas e sair a ver se podíamos encontrar algum dos inimigos dos peregrinos, já que nos haviam falado que naquele lugar havia um que era tão notório. Gaio, quem morava na vizinhança, conhecia sua guarida melhor que eu; fomos olhando para todas partes, e cobramos novo ânimo. Acercando-nos ao seu antro, encontramos com este coitado de Fraca-Mente, a quem o gigante havia seqüestrado pela força e ia acabar com ele. Quando nos viu, supôs, segundo acreditamos, que tinha mais vítimas, e saiu ao nosso encontro, deixando a sua pobre vítima na toca; então travamos uma luta encarniçada, e meu antagonista lutou com muito empenho; mas no fim o jogamos no chão, lhe cortamos a cabeça e a levantamos à beira do caminho para aterrar os que no futuro pratiquem semelhantes iniquidades. Para confirmar o que falo, eis aqui o homem mandamento que foi como cordeiro arrancado da boca do leão.

FRACA-MENTE— O relato é exato, como soube ao meu próprio custo, tanto quanto com grande satisfação minha; ao meu próprio custo, já que em todo momento temia eu que o mostro me roesse os ossos; e com satisfação, quando vi a Bom Coração e seus amigos virem armados para me resgatar.

VARÃO-SANTO— Duas coisas devem possuir os que vão em peregrinação, a saber: valor e uma vida irrepreensível. Sem valor não podem continuar seu caminho; e se suas vidas são relaxadas, desacreditam o bom nome dos peregrinos.

AMOR-PELOS-SANTOS— Espero que esta admoestação não vos seja necessária. Mas é verdade que alguns que empreendem o caminho, antes se declaram amigos da peregrinação estranha e exótica sobre a terra.

NÃO-MENTIR— Certamente, não levam os hábitos de peregrinos, nem possuem o valor dos mesmos; não andam retamente, mas seus passos se entortam; têm um sapato bem colocado e o outro ao invés, enquanto suas médias estão rompidas e desalinhas; aqui farrapos, ali um arranhão, com grave desonra de nosso Senhor.

PENITENTE— Estas coisas deveriam causá-lhes pena; não é provável que os peregrinos e sua carreira alcancem tanta graça como desejam aos olhos do mundo até que desapareçam tais manchas e defeitos.

Nestes discursos passaram o tempo até que se serviu o jantar, o qual, junto com o descanso noturno, proporcionaram grande refrigério aos cansados viajantes.

Longos dias permaneceram os peregrinos na Feira, albergados na casa de Mnáson, quem, andando com o tempo, deu em casamento sua filha Graça a Samuel, e outra filha sua, Marta, a José.

Sua permanência, digo, já que o caráter do povoado havia mudado, foi de longa duração. Por conseguinte, nossos peregrinos puderam travar conhecimento com muitas

²³ Romanos 16:23

das boas pessoas que ali moravam, e fizeram-lhes quantos serviços puderam. Misericórdia, segundo seu costume, trabalhou muito em favor dos pobres, e era jóia em sua profissão, em termos que as pessoas que eram objeto de sua solicitude a abençoavam. E a dizer verdade, Graça, Febe e Marta tinham todas a mesma disposição e fizeram muito bem em suas respectivas esferas. Tiveram todas numerosa prole, de forma que o nome Cristiano, como referimos antes, prometia viver e propagar-se no mundo.

Estando ainda ali, aconteceu que chegou um mostro dos bosques, e matou muitos habitantes do povo. Costumava também levar as crianças, e ensina-lhes a mamar como aos seus filhotes. Ninguém do lugar atrevia-se a combater a fera, e todos fugiam ao ouvir o ruído de suas pegadas.

O mostro não se parecia com nenhum dos animais da terra; tinha o corpo como de dragão, e possuía sete cabeças e dez chifres. Causava muitos estragos entre as crianças, e era governado por uma mulher. Propunha condições aos homens, e os que amavam mais suas vidas que suas almas as aceitavam e se submetiam a ele. Em vista daquilo, Bom Coração, junto com os que vieram visitar os peregrinos em casa de Mnáson, combinaram para saírem em busca da fera e tentar de livrar os habitantes do povoado das garras de tão terrível mostro.

Saíram, pois, ao seu encontro Bom Coração, Contrito, Varão-Santo, Não-Mentir e Penitente, todos armados. A fera num princípio mostrou-se furiosa, e olhava com grande desprezo seus inimigos; mas estes, que eram robustos e destros no uso das armas, empreenderam o ataque contra ela em termos que a fizeram bater em retirada; eles então voltaram à casa de Mnáson.

O mostro tinha certas épocas para suas saídas e tentativas contra as crianças do povoado; portanto, nessas épocas estes varões valorosos a esperavam e não deixavam de acometê-la; tanto que não somente ficou ferida, senão também coxa, de forma que já não podia causar tantas vítimas entre os rapazes como antes; e alguns acreditam confiadamente que a fera morrerá à causa de suas feridas.

Estes fatos estenderam por toda a cidade o renome de Bom Coração e seus companheiros, e muitas pessoas que careciam do gosto pelas coisas espirituais, os tinham em grande estima e respeito. Por este motivo os peregrinos não receberam muito dano naquele lugar; porém, houve alguns malvados, cegos como uma toupeira e torpes como bestas, que nem tiveram respeito àqueles heróis nem fizeram caso de seu valor e de suas façanhas.

CAPÍTULO 17

Bom Coração e sua companhia chegam aos prados deleitosos. Morte do gigante Desesperação e demolição do castelo da Dúvida. Desalento e sua filha são liberados.

Chegou o tempo em que os peregrinos deviam empreender novamente sua marcha, e começaram a realizar os preparativos para a mesma. Chamaram seus amigos, tomaram conselho deles e também dedicaram algum tempo a encomendar-se mutuamente à proteção de seu Príncipe. Receberam vários presentes de seus amigos, consistindo todos em coisas apropriadas para os fracos, tanto quanto para os fortes; para as mulheres, tanto quanto para os homens, provendo-os do necessário para o caminho. Disposta já a marcha, saíram, e depois de tê-los acompanhado seus amigos até onde lhes foi possível, se encomendaram de novo ao amparo de seu Rei, e se despediram.

Os que eram da companhia dos peregrinos iam na frente, precedidos por seu guia. Em consideração à fraqueza das mulheres e das crianças, deviam andar lentamente conforme estes podiam suportar as fadigas da marcha; aconteceu que Prestes-A-Coxear e Fraca-Mente tinham maior número de companheiros que compadescessem suas fraquezas.

Uma vez fora do povo, e despedidos seus amigos, pronto chegaram ao lugar onde Fiel sofrera seu martírio; ali, pois, fizeram um alto, e renderam graças Àquele que havia-lhe dado alento para suportar tão bem sua cruz; tanto mais, quanto que acharam que seus padecimentos, com tanto valor e resignação suportados, redundavam em benefício deles mesmos.

Depois disto, caminharam um bom trecho falando de Cristiano e de Fiel, e de como Esperança uniu sua sorte à de Cristiano depois da morte do primeiro.

Deste modo avançaram até chegar à colina chamada Lucro, onde estava a mina de

prata que havia afastado Demas de sua peregrinação, e na qual, segundo se crê, caiu Interesse-Próprio e pereceu. Isto deu algo que pensar aos peregrinos; mas quando chegaram ao antigo monumento que se encontrava do outro lado da planície, ou seja, à coluna de sal que antes se elevava à vista de Sodoma e de sua lagoa fedorenta, se maravilharam, como já antes tinha feito Cristiano, de que pessoas com tanto conhecimento e agudeza de engenho am Demas e seus companheiros tivessem sido ofuscadas o suficiente como para extraviar-se em semelhante lugar. Porém, quando refletiram bem, consideraram que as desgraças que alcançaram a outras pessoas não deixam profunda impressão na natureza humana, maiormente se o que se vê está revestido dos atrativos que tanto a agradam.

Seguindo os peregrinos seu caminho, vi que chegaram ao rio que se encontra deste lado das montanhas das Delícias, e em cujos ribeiros crescem árvores frondosas, as folhas dos quais servem para prevenir indigestões; onde os prados são verdes o ano todo, e onde que perfeita segurança podiam deitar-se a descansar.

Nas pastagens adjacentes ao rio havia currais e apriscos para ovelhas, e uma casa para a criação dos cordeiros e das crianças das mulheres que saem em peregrinação. Havia também um Homem compassivo que se ocupava deles, e que levava os cordeiros em seus braços e pastoreava suavemente às grávidas. Cristiana aconselhou suas quatro noras que confiassem ao cuidado deste Homem seus pequeninos, para que ao lado daquelas águas fossem albergados, socorridos e criados, e para que no porvir não faltasse nenhum deles. O Homem compassivo, se alguém se perde, o recolhe de novo: *"A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer; a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei; e a gorda e a forte vigiarei. Apascenta-las-ei com justiça"*²⁴. Ali não lhes falta comida, bebida e vestidos; e estão livres dos acossos dos ladrões e das más pessoas, porque seu Pastor morrerá antes que se perca um daqueles que lhe foram confiados. Além disso, estão seguros de receber boa educação e conselhos, e são ensinados a andar pelas veredas retas, o que é um favor de não escasso preço. Também ali se encontram águas delicadas, prados deliciosos, flores belíssimas e uma grande variedade de árvores, especialmente das que dão fruto; fruto não como aquele que comera Mateus, que caía fora do muro da horta de Belzebu, senão fruto que proporciona saúde onde não existe, e a fortalece e aumenta onde existe.

As mães estavam muito contentes de encomendar seus filhinhos a tal pessoa, e outro incentivo para isso foi que todo era às expensas do Rei; de modo que aquele era como uma espécie de asilo para crianças e órfãos. Depois prosseguiram os viajantes sua peregrinação, e ao ir ao Prado da Senda Extraviada, no qual Cristiano e Esperança caíram presos do gigante Desesperação e foram encarcerados no castelo da Dúvida, sentaram-se os peregrinos e consultaram entre si sobre o melhor partido que podiam tomar. Alguns opinavam que, antes de avançarem mais, já que eram tão numerosos e estavam capitaneados por um homem como Bom Coração, seria melhor acometer o gigante, derrubar seu castelo e, se achassem alguns peregrinos nele, deixá-los em liberdade. Os pareceres eram diversos. Alguns duvidavam que fosse lícito pôr os pés em terra não consagrada; outros diziam que sim podiam fazê-lo, com tanto que seu propósito fosse bom. Então disse Bom Coração:

—Este último asserto nem sempre é verdade; porém, tenho recebido ordens de resistir o pecado e pelejar sempre em defesa da fé; e neste caso, com quem, digam-me, hei de lutar senão com o gigante Desesperação? Acometerei, portanto, a empresa de tirá-lhe a vida e de arrasar o castelo da Dúvida. Quem vai me acompanhar?

—Eu irei —disse o ancião Integridade.

—E nós também —agregaram os quatro filhos de Cristiana, que eram jovens e robustos.

Deixaram as mulheres no caminho, e com elas a Fraca-Mente e Prestes-A-Coxear com suas muletas, para protegê-las até sua volta; o que podiam fazer sem correr risco, porque apesar da proximidade do gigante, simplesmente com ficar no caminho uma criança as poderia conduzir.

Subiram então Bom Coração, Integridade e os quatro moços ao castelo da Dúvida, em busca do gigante Desesperação. Ao chegarem à porta do castelo chamaram com estrépito inusitado. O velho gigante apresentou-se, seguido de perto por sua esposa, Desconfiança.

—Quem é —perguntou— o atrevido que de este modo incomoda o gigante Desesperação?

²⁴ Ezequiel 34:16

—Sou eu, Bom Coração —respondeu o guia—, condutor de peregrinos e ao serviço do Rei do país celestial, e te mando que abras a entrada, pois venho decidido a ir contra ti e demolir teu castelo, depois de ter arrancado tua vida.

O gigante Desesperação, que era mui corpulento, sentia-se invencível, e confiando em sua força inusitada, dizia: "Hei de espantar-me de Bom Coração, a mim, que já venci os próprios anjos?". Ajustou, pois, sua armadura e saiu. Na cabeça levava um elmo de aço, um peitoral reluzente o protegia na frente, seus pés estavam calçados de ferro, sua mão brandia uma formidável clava. Assim que o gigante saiu de seu castelo, Bom Coração e seus companheiros o cercaram, atacando-o de todas partes; e quando Desconfiança, a gigante, veio em seu auxílio, o ancião Integridade a derrubou de uma tacada. Seu esposo fez uma desesperada resistência, e ainda depois de derrubado pelos seus adversários resistia com fúria, e defendia sua vida com um valor digno de melhor causa; porém Bom Coração, com seu valor e força que o distinguiam, conseguiu finalmente decapitar o gigante.

Ato seguido, começaram a derrubar o castelo da Dúvida, tarefa muito fácil de levar a cabo, uma vez morto seu dono. Este trabalho os manteve ocupado por espaço de sete dias. Nos calabouços encontraram um tal de Desalento, quase morto de fome, e sua filha Muito-Temor; salvaram os dois, mas era espantoso ver os cadáveres que jaziam aqui e ali no pátio do castelo, e a quantidade de ossos humanos de que estavam atestados os calabouços.

Consumada esta façanha por Bom Coração e seus companheiros, tomaram sob sua proteção a Desalento com sua filha Muito-Temor, que eram pessoas honestas, embora tivessem estado encerradas no castelo da Dúvida, como prisioneiros do gigante Desesperação. Sepultaram o corpo do tirano sob um monte de pedras, e tomando sua cabeça desceram o caminho para contar aos outros o sucedido.

Enorme foi o contento e gozo de Fraca-Mente e Prestes-A-Coxear, ao reconhecerem a cabeça de Desesperação. Cristiana, quem sabia tocar a viola, e sua nora Misericórdia o alaúde, vendo-os tão alegres, tocaram uma melodia. A Prestes-A-Coxear entraram-lhe desejos de dançar, e tomando da mão a Muito-Temor, bailou com ela uma dança. Verdade é que não podia dançar sem o auxílio de uma muleta; mas não por isso deixou de brincar como um jovem; a moça também se fez credora de muitos elogios pelo bem que correspondeu à música.

No que diz respeito a Desalento, pouco caso fazia da música, pois estava mais para comer que para dançar, tão grande era seu desfalecimento. Para seu alívio imediato, Cristiana lhe deu um gole do licor que tinham, enquanto lhe preparava algo para comer, e em pouco tempo o coitado reanimou-se e começou a recuperar forças.

Vi depois em meu sonho que Bom Coração tomou a cabeça do gigante e a colocou na beira do caminho, frente mesmo à coluna que Cristiano havia erigido para precaver os que viessem depois contra o risco de entrar naquele território. Debaixo da cabeça gravou o guia numa pedra de mármore os seguintes versos:

Vede aqui a cabeça do gigante
Que os pobres peregrinos aterrava;
Seu castelo já está agora derrubado,
E morta sua mulher Desconfiança.

Bom Coração, de obscuros calabouços
A Desalento e sua filha libertou.
Quem tenha dúvidas, que olhe para isto,
E serão, como as nuvens, dissipadas.
Esta cabeça liberdade anuncia,
E ao vê-la, de prazer os coxos dançam.

CAPÍTULO 18

Os peregrinos nas Montanhas das Delícias. Afável recebimento que foi-lhes dispensado pelos Pastores.

Depois da façanha mencionada, nossos bravos e valentes peregrinos continuaram avançando até chegarem às Montanhas das Delícias, onde Cristiano e Esperança haviam-se refrigerado com os deleites variados daquele lugar. Ali também travaram

conhecimento com os Pastores, quem lhes deram as boas-vindas, igual que antes tinham feito com Cristiano e seu companheiro.

Vendo os Pastores o numeroso séquito que vinha após Bom Coração (a ele o conheciam bem), lhe disseram:

—Boa companhia trazes. Onde achastes todos estes?

O guia apresentou os peregrinos, dizendo:

Aqui vem a Cristiana com seus filhos
E suas noras, qual bússola que marca
O norte, e manifesta o caminho
Que leva do pecado para a graça.
Integridade peregrinando vem,
E Fraca-Mente com Prestes-A-Coxear.
Como ambos são sinceros, não quiseram
Ser deixados por seus amigos para trás.
Desalento também anda conosco,
E Muito-Temor, sua filha, o acompanha.
Poderemos hospedar-nos aqui mesmo,
Ou deveremos prosseguir a marcha?

—Seja bem-vinda tão formosa cia —disseram os Pastores—; aqui temos consolos e comodidades para os fracos, assim como para os fortes. Nosso Príncipe vê o que se faz ao mais pequenino destes; por isso a fraqueza não deve impedir-nos mostrar hospitalidade.

Então, conduzindo os peregrinos à porta do palácio, disseram:

—Vem, Fraca-Mente, e tu, Prestes-A-Coxear, entra; avante, Desalento, e entra tu, Muito-Temor. —depois, voltando-se para o guia, o advertiram—: A estes os chamamos pelos nomes, porque são os mais dispostos a retirar-se; porém a vós outros os deixamos na costumeira liberdade.

— Hoje vejo que a graça resplandece em vossos rostos, e que sois verdadeiramente Pastores de meu Senhor; não empurrastes com o ombro as ovelhas fracas, mas antes, conforme vosso dever, espargistes flores em seu caminho para o palácio.

Entraram então os débeis e os fracos, seguidos de Bom Coração e os outros. Uma vez sentados os Pastores, perguntaram aos mais fracos:

—O que precisais? Porque aqui as coisas devem conduzir à corroboração dos fracos e à admoestação dos desobedientes.

Seguidamente prepararam-lhes um festim de coisas nutritivas, fáceis de comer e agradáveis ao paladar, depois de cujos obséquios retiraram-se a suas respectivas habitações em busca de descanso.

Os Pastores tinham por costume, devido a grande elevação das montanhas, mostrar aos peregrinos, antes de sua partida, algumas das coisas raras que desde ali podiam ver-se. Por conseguinte, na manhã seguinte em que a atmosfera estava bem limpa, depois de terem tomado o café da manhã, conduziram os viajantes ao campo e lhes mostraram o que antes haviam ensinado a Cristiano.

Seguidamente os acompanharam a novos lugares. Primeiramente, dirigiram-se ao Monte das Maravilhas, onde, a uma grande distância deles, viram um homem que com palavras fazia levantar-se e mover-se as montanhas. Não compreendiam o significado disto, pelo que os Pastores lhes disseram que o homem era filho de um tal Grande-Graça (de quem já nos ocupamos na primeira parte desta obra), e que estava ali para ensinar aos peregrinos a derrubar ou arrancar de seu caminho, por meio da fé, quantas dificuldades se lhes apresentassem.

—Já o conheço pela sua superioridade sobre a maior parte dos homens —disse Bom Coração.

Dali os conduziram a um outro lugar, chamado o Monte da Inocência, em cuja paragem viram um homem, vestido completamente de brando, e dois sujeitos, chamados Prevenção e Malevolência, que de contínuo lhe lançavam lodo; e eis aqui que toda a imundícia que lhe jogavam cima em breves momentos caís, deixando suas vestes tão brancas e limpas como se não tivessem se sujado.

PEREGRINOS— O que significa isto?

PASTORES— Esse se chama Piedoso, e suas vestes brancas representam a inocência de sua vida. Os que lhe atiram lama são pessoas que odeiam a sua virtude; mas assim como notastes que o barro não fica grudado em suas vestes, assim também acontecerá

com aquele que de verdade viva inocentemente neste mundo. Quaisquer sejam os que tentem empanar a justa fama de tais homens, seu trabalho será inútil, pois Deus, com sua inquebrantável justiça, não demorará muito em fazer que sua inocência resplandeça como a luz do meio dia.

Seguidamente os acompanharam até o Monte da Caridade, e lhes mostraram um homem que tinha na frente dele uma peça de tecido, da qual cortava vestes para os pobres que o rodeavam, a pesar do qual a peça não sofria nenhuma diminuição.

—Isto —disseram os Pastores em resposta à pergunta dos peregrinos— é para mostrar-vos que àquele cujo coração o impele a trabalhar pelos pobres, não lhe faltará com que fazê-lo. "Quem saciar, também será saciado", e não foi o bolo que deu a viúva ao profeta o que fez que houvesse menos farinha em seu barril.

Em outro lugar indicou-lhes dois homens, Néscio e Sem-Juízo, que se ocupavam de lavar um negro com a intenção de embranquecê-lo; porém quanto mais o lavavam, mais preto parecia. Perguntados o que representava aquilo, disseram:

—Assim acontecerá com a pessoa vil; todos os médios que se empreguem para alcançar um bom nome, terminarão por fazê-lo ainda mais abominável. Assim são os fariseus e assim será com todos os hipócritas.

Então disse Misericórdia a sua sogra Cristiana:

—Mãe, se me permite, desejaria ver a porta que está na colina, que comumente chamam de postigo do inferno.

Tendo-o manifestada sua sogra aos Pastores, todos dirigiram seus passos para lá. A porta estava na ladeira da colina, e os Pastores, abrindo-a, disseram a Misericórdia que ouviu um tempo. Aplicando ela seu ouvido, ouviu a um que dizia:

—Maldito seja meu pai por ter afastado meus pés do caminho da paz e da vida!

Outro falava:

—Tomara que tivesse sido despedaçado antes que por salvar a minha vida perdesse a alma!

Enquanto um terceiro exclamava:

—Se pudesse voltar a viver, quanto me negaria a mim mesmo antes de vir a parar neste lugar!

Então pareceu à jovem que a terra gemia e tremia de medo sob seus pés, e quando se afastou dali estremecida e com o rosto pálido, disse:

—Felizes aqueles que se vêem livres deste lugar!

Tendo visto todas aquelas maravilhas, os peregrinos foram conduzidos de novo ao palácio, onde os Pastores os agasalharam com o melhor que havia na casa. Misericórdia, como acontece algumas vezes com as mulheres, havia-se apaixonado por um objeto que viu na casa, mas tinha vergonha de pedi-lo; tão veemente foi seu desejo de obtê-lo, que quase adoeceu, o que chamou a atenção de sua sogra.

—O que tens? —perguntou-lhe ela.

—Há no comedior um espelho —respondeu—, do qual não posso afastar meus pensamentos; se não consigo possuí-lo, temo que me aconteça alguma desgraça.

—Já manifestarei teus desejos aos Pastores —disse Cristiana—; estou segura de que não o negarão.

—Mas —agregou a jovem— eu me envergonho de que eles saibam que desejem uma coisa...

—De jeito nenhum, filha minha; longe de ser uma vergonha, é uma virtude ansiar uma coisa como essa.

—Neste caso —disse Misericórdia—, se te apraz, pergunta aos Pastores se desejam vendê-lo para mim.

O espelho era único em sua espécie. Olhando de um lado, via um fielmente reproduzidas suas próprias feições; olhando do lado oposto, refletia o mesmo rosto e imagem do Príncipe dos peregrinos. Tenho falado com os que são capazes de falar sobre o assunto, e me disseram que olhando naquele espelho viram a imagem coroada de espinhas em sua testa, e também as feridas em suas mãos, seus pés e seu costado. Além disso, tal excelência possui esse espelho, que representa o Príncipe da forma em que cada um deseja vê-lo, vivo ou morto, na terra ou no céu, em sua humilhação ou em sua exaltação, vindo ao mundo para sofrer ou vindo para reinar.

Cristiana, portanto, dirigiu-se aos Pastores, que se chamavam Ciência, Experiência, Vigilância e Sinceridade, e aparte lhes manifestou o anseio de Misericórdia.

Experiência— Chama ela, chama-a; terá certamente quanto possamos proporcioná-lhe.

Chamada Misericórdia, lhe perguntaram:

—O que desejas?

Misericórdia (corando)— O espelho que está pendurado no comedor.

Sinceridade correu em busca dele, e com unânime consentimento foi-lhe entregue. Então ela, inclinando-se, agradeceu-lhes, dizendo:

—Por isto sei que achei graça aos vos olhos.

Deram também às outras jovens quantos coisas desejavam, e aos seus maridos grande enaltecimento, por quanto havia-se unido a Bom Coração para dar morte ao gigante Desesperação e derrubar o castelo da Dúvida. Em pouco tempo, as mulheres todas receberam de suas mãos jóias de grande valor para enfeitar-se.

Quando nossos peregrinos desejaram prosseguir seu caminho, os despediram em paz, sem dar-lhes as advertências e admoestações que antes tinham dirigido a Cristiano e seu companheiro. A razão disto era que tinham a Bom Coração por guia, quem, estando à par de tudo, podia adverti-los do perigo mais oportunamente, isto é, quando fosse iminente. As admoestações que Cristiano e Esperança receberam de parte dos Pastores haviam caído no esquecimento antes que chegasse o momento de utilizá-las. Por conseguinte, a este respeito a companhia levava vantagem sobre os primeiros. Desta morada saíram os peregrinos, e enquanto caminhavam alçaram suas vozes, cantando:

Que bem são preparadas as mansões
Para deleite do pobre peregrino!
Como somos recebidos! Quantos dons
Para quem anda no celestial caminho!

Nos mostram as belas novidades
Para dar-nos grande gozo em nossa vida;
É o objeto de todas suas bondades
É o de dar a nossa marcha alegria.

CAPÍTULO 19

Encontro com Valoroso-pela-Verdade, quem se une à companhia; de sua história se compreende como um homem pode triunfar em todas as dificuldades.

Pouco tempo depois de ter-se separado dos Pastores, chegaram os peregrinos ao lugar onde Cristiano havia encontrado a Volta-Atrás, natural do povo de Apostasia. Bom Coração lembrou-os daquele incidente, dizendo:

—Este é o lugar onde Cristiano encontrou a Volta-Atrás, com um leteiro em suas costas explicando a natureza de sua rebelião. Este sujeito não quis ouvir nenhum conselho, mas, uma vez caído, a persuasão foi completamente inútil para detê-lo. quando este homem chegou ao lugar onde esta a cruz e o sepulcro, encontrou a um que o cominou a contemplar aquele espetáculo; porém ele, rangendo os dentes e chutando no chão, disse que estava resolvido a voltar para seu povo. Antes que chegasse à Porta, Evangelista saiu-lhe ao encontro, e tentou persuadi-lo para dirigir-se novamente ao caminho, mas Volta-Atrás o resistiu com muitos impropérios, e escapou escalando um muro.

Continuaram os peregrinos avançando, e precisamente no lugar onde antes Pouca-Fé tinha sido roubado, viram um homem em pe, com uma espada desembainhada em sua mão e o rosto todo ensangüentado. Perguntou-lhe Bom Coração:

—Quem és tu?

—Me chamo Valoroso-pela-Verdade. Sou peregrino, e me dirijo à Cidade Celestial. Segui meu caminho, quando três homens me assaltaram, propondo-me três coisas. Eu devia escolher entre: primeiro, associar-me a eles; segundo, voltar ao lugar de onde venho; ou terceiro, morrer aqui mesmo. Ao primeiro respondi que, sendo um homem leal e honesto desde havia muito tempo, não era de se esperar que agora unisse a minha sorte com a de uns ladrões. Então me perguntaram que resposta dava à segunda proposição. Disse-lhes que se não tivesse sofrido já muitas moléstias e perigos no lugar de onde havia saído, não o teria abandonado; mas tendo achado que me era completamente inconveniente, o deixei para seguir este como. Logo me perguntaram o que dizia quanto ao terceiro. "Minha vida", eu disse, "custou-me demasiado cara para que ligeiramente a perca; além disso, não toca a vós fazer-me tal proposição, pelo que seja vosso risco se me tocais".

Então os três malvados, que se chamavam Brigadeiro, Desconsiderado e Pragmático, me atacaram, e eu a minha vez desembainhei a minha espada para defender-me. Por mais de três horas pelejamos corpo a corpo, um contra três. Meus contrários deixaram trás de si alguns rasgos de seu valor, e levaram também alguns do meu. Acabam de fugir; acho que, pressentindo a vossa chegada, escaparam.

BOM CORAÇÃO— A luta era muito desigual, três contra um.

VALOROSO-PELA-VERDADE— É verdade; mas uns quantos a mais nada podem contra aquele que é partidário da verdade. *"Ainda que um exército se acampe contra mim (foi dito por um), o meu coração não temerá; ainda que a guerra se levante contra mim, conservarei a minha confiança"* ²⁵. Além disso, li nos arquivos que um homem sozinho lutou contra um exército. A quantos feriu com uma queixada de jumento!

BOM CORAÇÃO— Por que não alçaste a voz para que viesse alguém em teu socorro?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Assim o fiz, clamado ao meu Rei, quem como eu bem sei, pode ouvir e outorgar ajuda invisível, e isso bastou-me.

BOM CORAÇÃO— Te comportaste dignamente. Permitir-me-ás ver tua espada?

Valoroso-pela-Verdade a mostrou. O guia, depois de examiná-la atentamente, disse:

—Ah, é uma boa folha Jerusalém!

VALOROSO-PELA-VERDADE— É sim. Tenha um homem em sua mão uma destas folhas para brandi-la e usá-la com destreza, e poderá aventurar-se contra um anjo. Não deve temer seu acerto, com tanto que saiba como manejar-la. Seus gumes não se embotam nunca. Penetra carne e ossos, alma, espírito e tudo.

BOM CORAÇÃO— A peleja durou muito tempo; é estranho que não estivesses cansado.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Lutei até que a minha mão ficou unida à minha espada, como se essa fosse a continuação de meu braço, e o sangue escorregava de meus dedos; então foi quando com maior valor combati.

BOM CORAÇÃO— Bem fizeste; tens "resistindo até o sangue, combatendo contra o pecado" ²⁶. Ficarás conosco, e partilharemos a mesma sorte, porque somos companheiros teus.

Tomando-o então, lavaram-lhe as feridas e lhe deram do que tinham, para refrigerá-lo, e depois caminharam juntos, recreando-se Bom Coração em sua companhia. Valoroso-pela-Verdade em seguida ganhou-se um amor não fingido, porque o guia encontrou nele um homem que sabia defender-se. Seguiram, pois, andando, e Bom Coração, para animar os que eram fracos e débeis, fez muitas perguntas ao seu novo companheiro de viagem. primeiro o interrogou acerca de seu país.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Sou do País das Trevas; ali nasci e ali estão ainda meus pais.

BOM CORAÇÃO— Se não erro, o País das Trevas está na mesma região que a cidade da Destruição.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Exato. O que me induziu a sair em peregrinação foi o seguinte: chegou em nosso distrito um tal Fala-a-Verdade relatando o que tinha feito Cristiano, aquele que saiu da cidade da Destruição, deixando mulher e filhos e abraçando a vida de peregrinação; segundo dizia, tinha matado uma serpente que havia tentado obstruí-lo o passo, e tinha chegado felizmente onde se dirigia. Nos contou do recebimento benévolo que tinha-lhe sido dispensado em cada uma das hospedarias de seu Senhor, e da acolhida carinhosa que tinha recebido às portas da Cidade Celestial. Ali nos disse o homem como fora recebido ao som das trombetas por uma companhia de seres resplandecentes; como ressoaram todos os sinos da cidade, pelo gozo que sentiam em recebê-lo, e como foi vestido de vestes esplêndidas, junto com muitas outras coisas que é escusado de contar. Em uma palavra: o forasteiro de tal modo contou a história de Cristiano e de sua viagem, que senti meu coração arder em desejos de segui-lo; nem meus pais puderam deter-me. Arranquei-me de seus braços, e até aqui vim em meu caminho.

BOM CORAÇÃO— Entraste pela Porta Estreita, verdade?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Oh, sim; o mesmo homem nos disse que todos os nossos esforços seriam vão se não principiássemos entrando pela porta.

BOM CORAÇÃO (Dirigindo-se a Cristiana)— Vejo que a notícia da peregrinação de teu marido e o que por meio dela alcançou tem-se divulgado por todas partes.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Como! É esta a viúva de Cristiano?

²⁵ Salmo 27:3

²⁶ Hebreus 12:4

BOM CORAÇÃO— Sim, ela é; e estes são seus quatro filhos.

VALOROSO-PELA-VERDADE— E eles também são peregrinos?

BOM CORAÇÃO— Em efeito, seguem suas pegadas.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Me alegro de verdade. Quão gozoso estará o bom Cristiano ao ver entrar pelas portas da cidade aos que um tempo atrás não queriam acompanhá-lo!

BOM CORAÇÃO— Sem dúvida, isso lhe infundirá grande alegria, e depois do gozo que deve sentir de estar ele mesmo naquele lugar, grande será o que sentirá ao ver sua esposa e filhos ali.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Alguns colocam em dúvida que nos reconhecamos uns aos outros lá. Já que estamos nisto, desejaria saber o que opinas sobre o particular.

BOM CORAÇÃO— Na acreditam que se conhecerão a si mesmos, ou que se regozijarão ao ver-se rodeados de bem-aventuranças? Se não duvidam disto, por que não reconhecer os outros também e alegrar-se de seu bem-estar? Além disso, sendo que nossos parentes estão tão intimamente relacionados conosco (ainda bem que este parentesco desapareça ali), por que não podemos logicamente supor que estaremos mais contentes de vê-los ali que de não vê-los?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Bem; acredito que a razão te assiste quanto a isto. Tens algo a mais que me perguntar acerca do começo de minha viagem?

BOM CORAÇÃO— Sim, queria perguntar-te se teus pais desejavam deixar-te empreender a peregrinação.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Muito pelo contrário, empregaram todos os meios que possam imaginar para persuadir-me a ficar em casa.

BOM CORAÇÃO— O que poderiam dizer contra semelhante vida?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Diziam que era uma vida preguiçosa, e que se eu não tivesse disposição para a vagância e a vadiagem, nunca poderia aceitar a condição de peregrino.

BOM CORAÇÃO— Alegaram por caso algo mais?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Me disseram também que o caminho mais perigoso do mundo era o dos peregrinos.

BOM CORAÇÃO— Terão te indicado sem dúvida em que consistia o perigoso do caminho.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Sim, e entraram em muitos detalhes. Me falaram do Pântano da Desconfiança, no qual Cristiano esteve a ponto de afogar; disseram que no castelo de Belzebu havia arqueiros dispostos a lançarem seus dardos contra os que chamassem à porta estreita; me falaram de bosques e tenebrosas montanhas, do desfiladeiro Dificuldade, dos leões, dos três gigantes Sanguinário, Pancada e Mata-o-Bom. Além disso, disseram que pelo Vale da Humilhação vagueia um ente imundo que quase acabou com Cristiano, e que deveria atravessar o vale da Sombra-da-Morte, onde abundam duendes e espetros, onde a luz são trevas e onde o caminho está erigido de redes, barrancos, arapucas e armadilhas. Depois se referiram ao gigante Desesperação com o castelo da Dúvida, e a ruína que ali aguardava os peregrinos; me disseram que deveria cruzar a Terra-Encantada, que é perigosa e que, finalmente, chegaria a um rio que me separaria do país celestial, e para salvar o qual não existe ponte alguma.

BOM CORAÇÃO— Nada mais?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Não foi isso todo. Advertiram-me que no caminho abundam farsantes e toda classe de gente má que aguardam os bons para desviá-los.

BOM CORAÇÃO— Como comprovaram isso?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Me asseguraram que um tal Sábio-Segundo-o-Mundo espreita os caminhantes para enganá-los; que Formalista e Hipocrisia estão continuamente por ali; que Interesse-Próprio, Loquaz ou Demas se me aproximariam com suas seduções; que Adulador me prenderia em sua rede; ou que em companhia de Ignorância presumiria eu chegar às portas do céu, e somente conseguiria chegar ao postigo que existe na ladeira de certa montanha, pelo qual seria arrojado pelo caminho mais curto ao inferno.

BOM CORAÇÃO— Estas notícias eram farto desanimadoras; e com isto deram fim a suas persuasões?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Nada disso. Depois tentaram outros meios e me contaram de muitos que antigamente tinham experimentado este caminho, e haviam-se adiantado muito nele para ver se por ventura descobriam algo daquela glória que tantas pessoas haviam ponderado, e com grande satisfação do país inteiro regressaram, qualificando-se de fátuos por terem dado um único passo nessa direção. E para mais

senhas, me indicaram vários que tinham agido assim, como eram Obstinado e Flexível, Temeroso e Desconfiança, Volta-Atrás e Ateu, junto com outros vários, alguns dos quais, diziam, tinham ido mais longe em busca desses gozos, mas nenhum deles tinha obtidos de seus esforços a menos vantagem.

BOM CORAÇÃO— Objetaram algo mais para desalentar-te?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Sim; por último me falaram de um peregrino, chamado Receoso, que encontrou o caminho tão solitário que nele todo não desfrutou de uma hora agradável; e de um tal Desalento, que esteve a ponto de morrer de fome; além disso, o que quase tinha esquecido já, agregaram que Cristiano mesmo, em volta de quem tanto barulho tinham feito, apesar de todos seus esforços para conseguir uma coroa celestial indubitavelmente pereceu afogado no Rio Preto, sem conseguir dar um passo além, por mais que o tivessem escondido.

BOM CORAÇÃO— E nada disso te desanimou?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Muito pelo contrário, todo quanto diziam me parecia que não tinha importância alguma.

BOM CORAÇÃO— Como assim?

VALOROSO-PELA-VERDADE— Foi porque ainda acreditava no que Fala-a-Verdade tinha dito, e esta convicção me fazia desprezar toda classe de temores.

BOM CORAÇÃO— Esta, pois, foi tua vitória, tua fé.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Justo; cri, e por isso me pôs em caminho; me bati com todos quantos se opuseram ao meu passo, e pela fé cheguei até aqui.

Olhem bem estes exemplos:

Os que queiram ser viajantes,
Que rejeitem seus temores,
E não se deixem assustar
Nem por vento ou tempestade
Que se opõem ao peregrino,
Quem, firme, avança no caminho
Rumo a Pátria Celestial.

Embora lhe contem histórias
Para infundir desalento,
Não conseguirão o intento
Nem sua força abaterão;
Os leões não o arredam,
Nem o inferno o intimida,
E com marcha bem mantida
Chega ao fim no Canaã.

Os espetros e fantasmas
Que ao cobarde aparecem
Com a fé se desvanecem
E não assustam o leal;
E Satanás, derrotado
Pelo bravo peregrino,
Deixa-lhe livre o caminho
Para a Pátria Celestial.

CAPÍTULO 20

Os peregrinos passam pela Terra-Encantada. Miserável sorte que cabe aos que descuidam seus deveres. Encontro com Firmeza, e a vitória que este alcançou sobre as seduções do mundo.

Os caminhantes se encontravam já próximos a Terra-Encantada, cuja atmosfera, saturada de emanções soporíferas, adormecia os sentidos. O país estava coberto de abrolhos e espinhos, exceto algumas clareiras aqui e lá, onde havia tempêtes encantados, nos quais, se alguém deita a dormir, é pouco provável que volte levantar-se ou acorde neste mundo. Traves, pois, destes matos, caminharam nossos viajantes: Bom Coração, conforme com seu caráter de guia, ia na frente, e Valoroso-pela-Verdade

fechava a coluna, servindo de guardião, se por caso algum demônio, dragão, gigante ou ladrão os atacasse pela retaguarda. Ambos iam com as espadas nuas nas mãos, por quanto sabiam que aquele lugar era perigoso. Ao mesmo tempo, animavam-se uns aos outros como melhor podiam. Bom Coração tinha disposto que Fraca-Mente viesse imediatamente após ele, enquanto Desalento estava sob o cuidado especial de Valoroso-pela-Verdade.

Pouco tinham-se internado neste território, quando caiu sobre eles uma espessa névoa, acompanhada de densas trevas, de forma que por algum tempo apenas podiam distinguir seu companheiro, e se viam obrigados a certificar-se da presença dos outros por meio de palavras, já que não andavam pela vista.

Não há necessidade de dizer que se em semelhantes circunstâncias ainda os mais fortes passavam por apuro, quanto pior não seria para crianças e mulheres, que eram tenros de pés tanto quanto de coração! Porém, estimulados por palavras de Bom Coração e Valoroso-pela-Verdade, saíram airosos do passo.

O caminho também era muito pesado, pois os conduzia através de um terreno úmido e lamacento, no qual não se via que houvesse nem uma única pousada ou bar onde obter refrigério para os débeis, os que em seu cansaço gemiam, se lamuriavam e suspiravam. Enquanto tropeçavam nos matos que embaraçavam seu caminho, se entalavam na lama, perdendo nela seus sapatos, e como realizando incríveis esforços conseguiam vencer as inumeráveis dificuldades que se apresentavam.

Neste penoso caminho encontraram um templete que oferecia apetecível descanso aos caminhantes; acima estava delicadamente entalhado e interiormente embelezado com galhos e folhas, e mobiliado com bancos e assentos. Havia também um brando divã, no qual os cansados poderiam deitar-se. Todo isto, dadas as circunstâncias, era muito satisfatório, porque os peregrinos começavam a ressentir-se do incômodo do caminho; mas nem sequer um deles fez menção de repousar ali. Pelo que eu via, prestavam sempre tanta atenção aos conselhos do guia, e este tão fielmente os advertia dos perigos ao se aproximarem deles e da natureza dos mesmos, que pelo geral, quanto mais perto se achavam deles, era quando mais valor cobravam, e mais se animavam mutuamente para refrear a vontade da carne. Este quiosque chamava-se "O amigo dos preguiçosos", com o propósito de tentar, se fosse possível, os caminhantes cansados a entregar-se ali ao repouso.

Depois vi que os peregrinos continuaram atravessando este lugar solitário, até chegarem a um lugar onde podia-se facilmente errar o caminho. Tendo o guia a luz do sol, não havia nenhuma dificuldade para evitar as sendas extraviadas; porém agora, na escuridão, encontrava-se um tanto perplexo; mas levava no bolso um mapa de todos os caminhos, tanto os que conduzem à Cidade Celestial como os que se bifurcam com ele e levam a outras partes. Acendeu, portanto, uma luz (porque nunca viaja sem ela) e examinou bem seu plano, o qual indicava-lhe que naquele lugar devia cuidar-se de virar à direita. Se não tivesse tido a precaução de olhar para o mapa, segundo todas as probabilidades, teriam perecido afogados no lamaçal, porque um pouco mais para a frente, no fim da senda mais transitável de todas, havia uma fossa, cuja profundidade se ignora, cheia de lodo até a borda, colocada para perdição dos caminhantes.

Então pensei para mim: "Quem, saindo em peregrinação, deixaria de se prover de um destes mapas, para consultá-lo acerca de seu caminho em caso de dúvida?"

Seguindo sua viagem através desta Terra-Encantada, chegaram os peregrinos a um outro templete construído à beira do caminho, no qual jaziam dois homens chamados Descuidado e Demasiado-Atrevido. Estes dois sujeitos tinham chegado até este lugar em sua peregrinação mas, sentindo-se cansados da viagem, entraram para repousar, e um sono profundo apoderou-se deles. Nossos peregrinos, ao percebê-los, se detiveram e mexeram as cabeças, sabendo que estavam numa situação lastimosa. Consultando entre si o que deviam fazer, se deviam continuar seu caminho deixando-os dormidos, ou entrar e fazer um esforço por acordá-los, se podiam, porém com a precaução de cuidar de não sentar-se nem se deixar seduzir pelos deleites que oferecia o quiosque, acordaram isto último.

Então entraram e falaram com os homens, chamando-os pelos seus nomes, porque o guia, por casualidade, os conhecia; porém, não receberam resposta alguma. Vindo isto, Bom Coração os sacudiu, e fez o que pôde para acordá-los.

—Já te pagarei quando tenha cobrado —disse um deles, a cuja resposta o guia meneou a cabeça.

—Lutarei —exclamou o outro— enquanto possa empunhar a minha espada.

Isto fez rir às crianças, mas Cristiana perguntou:

—O que significa isso?

BOM CORAÇÃO— Estes falam dormidos. Seja que os firam, batam ou se lhes faça qualquer coisa, responderão deste modo o como um deles disse antigamente, quando as ondas do mar o açoitavam, e ele dormia como na ponta de um mastro: "Quando acordar, ainda voltarei buscar". Já sabeis que os homens, quando falam em sonhos, dizem qualquer coisa, mas suas palavras não são dirigidas nem pela fé nem pela razão. Há incoerência entre o sair em peregrinação e o sentar-se aqui. Eis aqui, pois, o que resulta quando pessoas descuidadas vão de peregrinação: de vinte, um só se salva, porque esta Terra-Encantada é uma das últimas guaridas que possui o inimigo. Por isso está situada como vedes, quase no término do caminho, tendo assim, por conseguinte, mais vantagem contra nós. Porque, raciocina o inimigo, quando terão estes néscios maiores desejos de sentar-se que quando estejam cansados? E quando estarão mais cansado que perto do fim de sua carreira? Por esta razão, digo, a Terra-Encantada está localizada tão perto do país de Beulá (A casada ²⁷), tão próximo ao final do caminho. Que todos os peregrinos, pois, olhem por si, não seja que lhes aconteça o mesmo que a estes, que, como vedes, adormeceram e ninguém pode acordá-los.

Então, tremendo, ansiavam os peregrinos avançar; porém, antes de ordenar de novo a marcha, rogaram ao guia que acendesse uma luz, para que pelo que restava de caminho pudessem caminhar à luz de uma lanterna. Com esta ajuda terminaram bem o caminho, ainda que fosse densa a escuridão.

As crianças, porém, começaram a sentir uma fadiga excessiva, e clamaram Àquele que ama os peregrinos, rogando-lhe que lhes fizesse mais cômodo o caminho. Em pouco tempo levantou-se um vento que dissipou a névoa, deixando a atmosfera mais limpa e aberta. Não tinham chegado nem com muito ao extremo da Terra-Encantada, mas sim podiam distinguir-se uns aos outros e melhor escolher seu caminho.

Quando, por fim, faltava pouco para ver-se fora deste território, acertaram a ouvir a alguma distância um som solene, como de alguém ocupado numa conversação interessante. Continuaram avançando, e perceberam um homem de joelhos, suas mãos e olhos alçados para o céu, falando, segundo parecia, com ardor com alguém que devia estar acima. Aproximaram-se os peregrinos; mas não puderam distinguir as palavras, pelo que andaram devagar e silenciosamente até que houve acabado. Concluída sua oração, o homem levantou-se e começou a correr em direção da Cidade Celestial. Então Bom Coração o chamou, gritando:

—Hei, amigo! Se te diriges, como acho, à Cidade Celestial, deixa que desfrutemos de tua companhia.

O homem então se deteve, e nossos caminantes o alcançaram. Assim que Integridade o viu, exclamou:

—Eu o conheço!

—Quem é? —perguntou Valoroso-pela-Verdade.

—É um que vem de perto de onde eu habitava. Chama-se Firmeza, e certamente é peregrino de boa lei.

Ao se encontrarem, Firmeza disse a Integridade:

—Olá, pai Integridade! És tu?

INTEGRIDADE— Sim, sou eu.

FIRMEZA— Quanto me alegro de encontrar-te neste caminho!

INTEGRIDADE— E eu não menos de te ter visto de joelhos.

FIRMEZA (corando)— Como? Me viste?

INTEGRIDADE— Sim que te vi, e meu coração pulou de júbilo ante semelhante visão.

FIRMEZA— E que pensaste?

INTEGRIDADE— O que haveria de pensar? Pensei que tínhamos um homem formal em nosso caminho, e que pronto gozaríamos de sua companhia.

FIRMEZA— Feliz de mim se teu juízo não resulta errado; se não sou o que deveria ser, só eu sofrerei as conseqüências.

INTEGRIDADE— É grande verdade; mas teus temores me convencem ainda mais da harmonia que existe entre o Príncipe dos peregrinos e tua alma; porque diz: "*Bem-aventurado o homem que nEle confia*" ²⁸.

VALOROSO-PELA-VERDADE— Agora bem, irmão; rogo-te nos digas por que faz pouco tempo estavas ajoelhado. Foi acaso que algumas novas dádivas tinham te imposto novas obrigações, ou quê?

²⁷ Isaias 62:4

²⁸ Salmo 34:8; 84:12

FIRMEZA— Eu vos direi. Estamos, como vedes, na Terra-Encantada, e eu, conforme caminhava, estava refletindo sobre quão perigoso é o caminho nesta parte, e quantos que chegaram até este ponto de sua viagem aqui foram detidos e perderam a vida. Pensava também na classe de morte que aqui alcança os homens. Os que neste lugar se perdem não falecem de nenhuma enfermidade fulminante. A morte destes desgraçados não lhe é penosa, porque aquele que morre entregue aos braços do sono parte daqui com desejo e prazer, e se entrega à vontade dessa doença.

INTEGRIDADE— Viste, tu, aqueles dois homens que dormem no templo?

FIRMEZA— Sim, vi lá a Descuidado e Demasiado-Atrevido, e pelo que presumo, ali permanecerão até que apodreçam. Mas deixa-me continuar meu relato. Enquanto andava entregue a tais reflexões, se me apresentou uma mulher, graciosamente ataviada, mas muito velha, que me ofereceu três coisas, a saber: sua pessoa, sua bolsa e seu leito. Pois bem, é verdade que acerca de estar cansado, eu tinha sono, e também, como talvez saberia a feiticeira, sou pobre como um rato. A rejeitei uma e duas vezes, mas não fez caso de minhas negativas, e sorria. Então comecei a irar-me, mas isso não lhe interessava para nada. Voltou a fazer-me oferecimentos, e disse que se eu desejasse me deixar governar por ela, dar-me-ia honra e felicidade, porque —disse— "Sou dona do mundo, e pela minha mediação os homens são felizes". Perguntei-lhe como se chamava, e me disse: "Senhora Bolha". Essa notícia me afastou ainda mais dela; mas ela não deixava de perseguir-me com suas seduções, então cai de joelhos, e alçadas as mãos, elevei fervorosas orações Àquele que nos prometeu seu auxílio. A mulher acabava de marchar-se quando chegastes, e eu, vindo-me a salvo deste grande perigo, segui dando graças por isso, pois verdadeiramente acredito que não me desejava bem nenhum, senão que, ao contrário, desejava deter a minha viagem.

INTEGRIDADE— Sem dúvida nenhuma, seus desígnios eram maus, mas, cala, já que me falas dela, acho que já a vi ou li algo acerca dela.

FIRMEZA— As duas coisas talvez.

INTEGRIDADE— Senhora bolha! Não é ela uma mulher alta, bem parecida, e de pele clara?

FIRMEZA— Certo, acertaste; esse é seu exato retrato.

INTEGRIDADE—Fala muito suavemente, finalizando cada frase com um sorriso?

FIRMEZA— A descreves perfeitamente.

INTEGRIDADE— E tem um grande bolso a cada lado de seu vestido, no qual mete frequentemente a mão, e remexe seu dinheiro para fazê-lo soar como a delícia de seu coração?

FIRMEZA— Se tivesses estado diante dela enquanto conversávamos, não poderias pintá-la mais acertadamente, ou descrever sua aparência.

INTEGRIDADE— Neste caso, quem a pintou era bom retratista, e o que escreveu a respeito dela era verdade.

BOM CORAÇÃO— Essa mulher é uma bruxa, e em virtude de suas feitiçarias esta terra está encantada. Qualquer um que repouse sua cabeça em seu colo, melhor lhe seria colocá-la no corte sobre o qual está suspenso o machado; e quaisquer que sejam os que fixam os olhos em sua formosura, são considerados como inimigos de Deus. Ela é quem mantém em seu esplendor a todos os inimigos dos peregrinos, e ela também é quem comprou muitas pessoas para fazê-las desistir de sua peregrinação. É muito faladora, e ela e seus filhos sempre estão perseguindo os peregrinos, bem fazendo elogios dos bens desta vida, bem os oferecendo. É uma mulher atrevida e descarada, que não teme dirigir-se a qualquer homem. Aos peregrinos pobres os ridiculariza, enquanto elogia em extremo os ricos. Se num povoado encontra alguém bastante hábil para subtrair dinheiro, ela cantará seus louvores de casa em casa. Tem muita afeição pelos banquetes e comidas opíparos, e sempre frequenta as mesas melhor providas. Em algumas partes fez correr a voz de que é uma deusa, e por isso alguns a adoram. Tem períodos marcados e lugares públicos para enganar, e diz e protesta e ninguém pode mostrar um bem comparável ao seu. Promete morar com os filhos dos filhos, com tal que a amem e louvem. Em algumas partes e com algumas pessoas, dá generosamente ouro de seu bolso como se fosse pó. O que mais gosta é que corram detrás dela, que falem bem dela, e ver-se elogiada pelos homens. Jamais se cansa de recomendar suas coisas, e aos que mais ama é àqueles que a tem e mais alto concito. Promete a alguns coroas e reinos com tal que sigam seus conselhos; contudo, tem conduzido a muitos à força, e a muitíssimos mais ao inferno.

FIRMEZA— Oh, que ventura que tenha eu podido resistir a ela! Quem sabe onde teria me arrastado?

BOM CORAÇÃO— Só Deus sabe onde; todavia, sem entrar em pormenores, é verdade que teria te encaminhado a muitas cobiças loucas e daninhas, que afundam os homens em perdição e morte.

Foi ela quem indispôs Absalão com seu pai, e incitou Roboão contra seu amo. Foi ela quem persuadiu Judas a que vendesse o Senhor, e quem induziu a Demas a abandonar a vida de peregrino piedoso; ninguém sabe quão grande é o mal que faz. Suscita discórdias entre governadores e súbditos, entre pais e filhos, entre vizinhos, entre esposos, entre a carne e o coração. Pelo qual, bom senhor Firmeza, desejo que teu caráter se ajuste com teu nome e estejas firme, tendo acabado com tudo.

Durante estes discursos, os sentimentos dos peregrinos tinham flutuado entre o gozo e o temor; finalmente, preponderou a gratidão, por ter podido evitar tão triste sorte, e prorromperam todos no seguinte cântico:

Está exposto o viajante a muitos riscos,
E tem poderosos inimigos;
Muitas sendas conduzem ao pecado,
E assim deve marchar apercebido.

É possível cair em vala oculta,
Em fogo ou em pântanos escondidos;
Porém se vigia em oração constante
Incólume sairá de todos os perigos.

CAPÍTULO 21

Os peregrinos se vêm rodeados de delicias no país de Beulá, e são chamados um por um para passar pelo rio da Morte e entrar na Cidade Celestial.

Entretanto, os caminhantes tinham atravessado já a Terra-Encantada, e os vi chegar ao país de Beulá, onde o sol brilha de dia e de noite. Estando fatigados, se deram durante algum tempo ao descanso, e já que este país estava sem reservas para o obséquio dos peregrinos, e suas hortas e vinhedos eram do Rei do País Celestial, lhes era permitido servir-se livremente de quanto havia. Pouco tempo necessitam ali para reparar suas forças: os sinos se alçavam continuamente em vôo, e as trombetas não cessavam de ferir o ouvido com suas notas melodiosas, de modo que nossos viajantes não podiam dormir e, ainda assim, sentiam-se tão refrigerados como se tivessem dormido profundamente. Neste lugar deliciosos ouvia-se continuamente dizer aos que passeavam pelas ruas:

—Chegaram mais peregrinos.

Outros contestavam dizendo:

—E tantos atravessaram hoje o rio, e foram admitidos nas portas de ouro.

Enquanto isso, outra voz anunciava a chegada de uma legião de seres resplandecentes, pelo qual se sabia que havia mais peregrinos em caminho, pois essa vem ali para aguardá-los, para poder consolá-los depois de todas suas tribulações. Levantaram-se então os peregrinos e se passearam, enquanto ressoavam em seus ouvidos os sons celestiais e recriavam-se seus olhos com visões excelsas. Nesse país, seus sentidos, igual que seu espírito, não recebiam nenhuma impressão desagradável; somente quando experimentaram a água do rio que deviam cruzar, pareceu-lhes algo amarga ao paladar, embora uma vez passada era mais doce.

Guardava-se neste lugar um arquivo, onde constavam os nomes dos que antigamente tinham sido peregrinos, junto com uma relação de todas suas proezas. No documento se consignava que alguns, no momento de atravessar o rio, tinham se encontrado com a maré alta, enquanto que para outros tinha havido grandes refluxos; alguns haviam passado quase a seco, e outro o haviam achado transbordado.

As crianças do povo costumavam entrar nos jardins do Rei e colher ramos de flores, levando-os aos peregrinos como mostras de carinho ali cresciam também a resina, o açafraão, o as ervas aromáticas, a árvore da canela, do incenso, a mirra e os aloés, com uma grande variedade de especiarias. Com estas as habitações dos peregrinos eram perfumadas durante sua permanência, e com as mesmas eram ungidos seus corpos, a fim de que estivessem preparados para atravessar o rio quando chegasse o tempo assinalado.

Neste lugar permaneciam os peregrinos aguardando a hora da partida, quando se divulgou a notícia de que tinha chegado ao povo um mensageiro da Cidade Celestial com novas de grande importância para uma tal Cristiana, viúva de Cristiano o peregrino. Perguntou-se por ela, e pronto acharam a casa onde se alojava. Então o mensageiro lhe entregou uma carta, cujo conteúdo era o seguinte: "Salve, boa mulher! Esta é para te fazer saber que o Mestre te chama e espera que, vestida de imortalidade, comparecerás perante sua presença dentro do prazo de dez dias".

Depois de lê-lhe a carta, deu-lhe, em prova de que era mensageiro verdadeiro que vinha a ordenar-lhe se apressasse a partir, uma prenda, que consistia numa seta apontada de amor, a qual, introduzida suavemente em seu coração, operaria nela pouco a pouco e com tanto acerto, que na hora marcada deveria partir.

Vendo Cristiana que tinha chegado sua hora, e que deveria ser a primeira de sua companhia a atravessar o rio, fez vir a Bom Coração para participá-lhe a nova. Este disse-lhe que muito se alegrava com a notícia, e que teria estado muito contente se o mensageiro tivesse vindo para ele. Cristiana então lhe pediu conselho com respeito aos devidos preparativos para a viagem. O guia lhe facilitou todos os informes de que precisava, agregando:

—E nós que te sobrevivemos, te acompanharemos até a margem do rio.

Em seguida, chamando seus filhos, os abençoou, dizendo-lhes que ainda discernia, para grande consolo seu, a marca que tinha sido colocada em suas testas; que se alegrava muito de vê-los a seu lado e de que tivessem mantido suas vestes tão brancas. Finalmente, legou aos pobres o pouco que tinha e encareceu seus filhos e filhas que estivessem apercebidos para quando viesse o mensageiro em busca deles.

Tendo falado nestes termos a seu guia e a seus filhos, Cristiana mandou chamar a Valoroso-pela-Verdade, e lhe disse:

—Em todo te mostraste leal e sincero; sê fiel até a morte, e meu Rei dar-te-á uma coroa de vida. Te suplico que tenham cuidado de meus filhos, e se em qualquer ocasião os vês desfalecidos, os animes e consoles. Quanto às minhas noras, elas têm sido fiéis, e no fim receberão o cumprimento da promessa.

Firmeza lhe regalou um anel. Depois fez vir o ancião Integridade, e dele disse:

—Eis aqui um verdadeiro israelita no qual não há engano.

—Espero —disse ele— que terás bom tempo quando vás para o monte Sião, e me alegrarei de ver que atraveses o rio a seco.

Porém Cristiana lhe respondeu:

—Que o passe seco ou molhado, anseio partir; porque seja qual for o tempo que reine durante a travessia, bastante tempo terei ao chegar para descansar e enxaguar meus vestidos.

Depois entrou a vê-la Prestes-A-Coxear. A este disse-lhe Cristiana:

—Tua viagem para cá tem sido dificultosa; o repouso parecer-te-á muito doce em comparação a ela. Mas vigia e está preparado, porque na hora menos pensada poderia chegar teu mensageiro.

Tendo-se apresentado Desalento e sua filha Muito-Temor em seu quarto, lhes falou:

—Deveis lembrar-vos sempre com agradecimento de vosso resgate das mãos do gigante Desesperação e do castelo da Dúvida. A consequência daquele obséquio, tendes podido chegar até aqui. Sede cuidadosos e desprezai todo. "*Sede sóbrios e esperai até o fim*"²⁹.

Por último, dirigiu-se a Fraca-Mente, dizendo: foste liberado da boca do gigante Mata-o-Bom para que pudesses viver para sempre aos olhos dos viventes e visses com alegria teu Rei; mas te aconselho que, antes te chame, te arrependas de tua tendência a abrigar temores e dúvidas de sua bondade, não seja que quando venha te vejas obrigado, por esse defeito, a entrar em sua presença envergonhado.

Chegou o dia em que Cristiana devia atravessar o rio, e um grande número de pessoas tinham estacionado no caminho para vê-la empreender sua viagem. Mas eis aqui que a margem oposta estava cheia de cavalos e carros que tinham descido para escoltá-la à porte da Cidade. Então saiu e entrou no rio fazendo um gesto de despedida aos que a tinham acompanhado até a beira. As últimas palavras que a ouviram pronunciar foram:

—Venho, Senhor, a ficar contigo e bendizer-te.

Quando os filhos e amigos de Cristiana perderam-na de vista, e também ao séquito que na margem oposta a aguardava, regressaram a suas casas. Cristiana, por sua parte, subiu, chamou e entrou pela porta, sendo celebrada sua chegada com as mesmas

²⁹ 2 Timóteo 4:5

aclamações de regozijo que antes tinham-lhe tributado ao seu marido.

Seus filhos choraram sua partida, mas Bom Coração e Valoroso-pela-Verdade, gozosos, tangeram sobre seus bem afinados instrumentos músicos, e voltaram os peregrinos a seus respectivos alojamentos.

Com o tempo chegou outro mensageiro ao povoado, tendo esta vez que ver com Prestes-A-Coxear. Quando o encontrou, lhe disse:

—Venho em nome d'Aquele a quem tens amado e seguido, embora apoiado em muletas; estou encarregado de dizer-te que te espera para cear com Ele em sua mesa, em seu reino, o dia depois da Páscoa; portanto, apercebe-te para essa viagem.

Deu-lhe também sinal de que era mensageiro fiel, dizendo: "Te quebraram a corrente de prata e rompido a vasilha de ouro".

Em vista disto, Prestes-A-Coxear chamou seus companheiros e lhes disse:

—A mim chamaram, e Deus certamente vos visitará também.

Rogou então a Valoroso-pela-Verdade que lhe fizesse um testamento, e já que nada tinha a deixar aos que o sobreviveriam senão muletas e bons desejos, disse:

—Estas muletas as lego ao filho meu que andar em minhas pegadas, com mil desejos de que seja melhor que seu pai.

Depois de ter agradecido a Bom Coração sua bondade e bons serviços, preparou-se para a viagem. Tendo chegado ao rio, exclamou:

—Já não terei mais necessidade destas muletas, pois lá há carros e cavalos que me aguardam.

As últimas palavras suas que puderam distinguir foram:

—Bem-vinda seja a Vida.

E assim se submergiu nas águas do rio.

Mais tarde participaram a Fraca-Mente que o mensageiro tinha tocado a corneta na porta de sua habitação. Entrando este, disse-lhe:

—Venho a dizer-te que teu Senhor tem necessidade de ti, e que dentro de mui pouco tempo deves ver seu rosto em Glória; e em prova da verdade de minha mensagem, toma isto: "Obscurecer-se-ão os que olham pelas janelas".

Então Fraca-Mente fez vir seus amigos, e os comunicou da mensagem que tinham lhe trazido, e da prenda que tinha recebido da verdade do mesmo, agregando:

—Sendo assim que eu nada tenho para deixar a ninguém, para que fazer testamento? Quanto a minha mente fraca, a deixarei aqui, porque não terei necessidade dela no lugar aonde me dirijo. Não é digna de ser legada ao mais pobre dos peregrinos; portanto, rogo-te, senhor Valoroso-pela-Verdade, a enterres num estercoleiro.

Dito isto, e chegado o dia de sua partida, entrou no rio como tinham feito os outros. Segundo ia se internando, o ouviram dizer:

—Mantende-vos firmes na fé e paciência.

E com estas palavras chegou a outra margem.

Transcorridos muitos dias, Desalento foi chamado com a seguinte mensagem:

—Homem temeroso, esta é para advertir-te que estejas preparado o próximo domingo para dar vozes de júbilo perto de teu Rei, pela liberação de todas tuas dúvidas. — E agregou— Recebe isto em sinal de que o recado é verdade: "E fez que um gafanhoto lhe fosse carga pesada".

Quanto Muito-Temor, sua filha, soube disso, disse que acompanharia a seu pai.

—Já sabeis —disse Desalento a seus amigos— o que temos sido minha filha e eu, e quão incomodamente nos temos comportado em toda circunstância. Nosso testamento é que ninguém jamais, desde o dia de nossa partida, participe de nossos servis temores e desconfianças; pois já sei que depois de nossa morte serão oferecidos a outros. Para dizer a verdade, estes são fantasmas que acolhemos quando principiamos o caminho, e jamais pudemos desfazer-nos deles. Estes espetros pretenderão serem acolhidos por outros peregrinos, mas por amor a nós, não lhes abrais as portas.

Soou finalmente a hora de sua partida, e dirigiram-se à beira do rio. As últimas palavras de Desalento foram:

—Adeus, noite! Bem-vindo seja o dia!

Sua filha atravessou o rio cantando, mas ninguém pôde compreender o que dizia.

Aconteceu que, algum tempo depois destes sucessos, chegou ao povoado um mensageiro que perguntava por Integridade. Chegando a sua casa, entregou-lhe na mão as seguintes linhas: "Se te ordena que de hoje em oito dias estejas preparado para apresentar-te diante de teu Senhor na casa de teu Pai; e em prova de que esta mensagem é verdadeira: "todas as filhas de canção serão humilhadas".

Integridade chamou seus amigos, e lhes disse:

—Morro, mas não farei testamento. A minha integridade irá comigo; que o saibam os que venham depois.

Chegado o dia marcado, apercebeu-se para fazer a travessia. O rio, naquele tempo, tinha transbordado em algumas partes; porém Integridade, que em vida tinha apalavrado um tal de Boa-Consciência para que o auxiliasse, encontrou-o ali, e dando-lhe a mão, o ajudou através das águas. Assim partiu Integridade do mundo, com as palavras: "A graça reina!"

Depois estendeu-se o rumor de que Valoroso-pela-Verdade tinha recebido chamamento pelo mesmo correio, e prenda de que o aviso era verdade: "seu cântaro quebrou-se junto a fonte".

Compreendendo isto, participou seus amigos:

—Agora —disse— vou à casa de meu Pai, e embora com muita dificuldade cheguei até aqui, já não sofro os trabalhos e moléstias que a viagem me ocasionou. Deixo a minha espada àquele que me suceder na peregrinação, e meu valor e perícia a quem possa lográ-los. Levarei comigo minhas marcas e cicatrizes para dar testemunho de que pejei a batalha dAquele que será agora meu galardão.

O dia de sua partida muitos o acompanharam até a beira. Entrando no rio, exclamou:

—*Oh, morte! Onde está teu aguilhão?*

Logo, submergido-se nas águas:

—*Oh, sepulcro! Onde está a tua vitória?*³⁰

Com estes acentos de triunfo alcançou a outra margem, e foi recebido ao som de trombeta.

Depois disto chegou um aviso para Firmeza (o que os outros peregrinos encontraram de joelhos na Terra-Encantada), cujo recado o mensageiro trouxe aberto em suas mãos. O conteúdo da carta era que devia preparar-se para uma mudança de vida, porque o Senhor não queria que permanecesse mais tempo longe dEle. Enquanto Firmeza meditava sobre esta notícia, agregou o mensageiro:

—Não deves duvidar da verdade de meu recado, pois eis aqui a senha: "A roda está rompida sobre o poço".

Firmeza, então, chamou ao seu lado a Bom Coração, e lhe disse:

—Ainda que eu não tive a sorte de permanecer muito em tua companhia nos dias de minha peregrinação, porém, desde que te conheço tens me servido de proveito. Quando sai de casa deixei esposa e cinco filhos; rogo-te que a teu regresso (pois sei que voltarás à casa de teu Senhor, com a esperança de que sirvas ainda de guia para mais santos peregrinos), envies a minha família notícias de quanto me tem acontecido ou acontecerá. Faze-lhes saber de minha feliz chegada a este país e o estado bem-aventurado em que me encontro. Fala-lhes também de Cristiano e Cristiana, sua esposa, e de como ela e seus filhos seguiram em pós de seu marido e pai. Dize-lhes o feliz fim que teve ela e aonde foi. Tenho pouco ou nada para enviar a minha família, a não ser súplicas e lágrimas.

Quando Firmeza houve assim deixado arrumadas todas as coisas, e chegada já a hora em que devia apressar-se a partir, desceu ao rio. Naquele tempo aconteceu que havia um grande refluxo no rio; por conseguinte, Firmeza, quando chegou aproximadamente à metade, deteve-se um tempo e falou com os amigos que o haviam acompanhado:

—Este rio —disse— tem infundido temor a muitas pessoas, e também a mim o pensar nele tem-me espantado amiúde. Porém agora estou tranqüilo, e meus pés estão firmes naquilo sobre que descansaram os pés dos sacerdotes que levavam a Arca da Aliança quando Israel atravessou o Jordão. As águas, em verdade, são amargas ao paladar e frias no estômago; mas o pensamento daquilo para onde me dirijo e da escolta que me aguarda na outra beira, exalta meu coração.

Me vejo agora no término de minha viagem; meus dias de trabalho concluíram. Vou agora ver aquela cabeça que por mim foi coroada de espinhos, e aquele rosto que por mim foi cuspid.

Até agora a fé tem me dirigido, porém em diante será Aquele cuja companhia constitui minhas delicias.

Tem-me agradado ouvir falar de meu Senhor, e onde quer que tenho visto na terra o rastro de seus pés, ali ansiei pôr também meu pé. Seu nome tem-me sido mais aromático que os mais deliciosos perfumes, e sua vos docíssima, e mais desejei eu contemplar seu rosto do que o homem pode ansiar pela luz do sol. Sua palavra tem-me servido de alimento escolhido e de antídoto contra meus desmaios. "Me susteve e

³⁰ 1 Coríntios 15:55

guardou de minhas iniquidades; sim, meus passos fortaleceu em seu caminho".

Enquanto estava nestes discursos, seu rosto sofreu uma mudança: "encurvou-se um homem forte", e tendo exclamado: "Recebe-me, porque sem ti vou", deixou de ser visto por eles.

Mas quão glorioso era ver a multidão de cavalos e carros, de trombeteiros e flautistas, de cantores e instrumentistas dos instrumentos de corda, que na margem oposta os aguardavam para lhes dar as boas-vindas conforme subiam e entravam, um após outro, pelas formosas portas da Cidade!

Pelo que toca aos filhos de Cristiana, os quatro jovens que levou com ela, com suas esposas e filhos, não esperei até que tivessem atravessado o rio. Além do mais, desde que me afastei daquele lugar, ouvi dizer que ainda vivem; de forma que contribuirão por algum tempo ao aumento da Igreja naquela parte.

Se me tocar em sorte passar outra vez por ali, pode que dê aos que o desejem um relato das coisas que no presente calo. Entretanto, digo aos meus leitores:

ADEUS

*Baixado da Internet de:
www.graciasoberana.com
sábado, 18 de novembro de 2006, 11:51:09*